

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CENTRO-OESTE – UNICENTRO

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM LETRAS - NÍVEL DE
MESTRADO EM LETRAS**

ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: INTERFACES ENTRE LÍNGUA E LITERATURA

EMANUELI NÓS

**A IMPORTÂNCIA DO RECONHECIMENTO DE LÍNGUAS MINORITÁRIAS PELO
ESTADO BRASILEIRO: O EXEMPLO DO TALIAN, LÍNGUA DE REFERÊNCIA
CULTURAL BRASILEIRA**

GUARAPUAVA/PR

2024

EMANUELI NÓS

**A IMPORTÂNCIA DO RECONHECIMENTO DE LÍNGUAS MINORITÁRIAS PELO
ESTADO BRASILEIRO: O EXEMPLO DO TALIAN, LÍNGUA DE REFERÊNCIA
CULTURAL BRASILEIRA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL), da Universidade Estadual do Centro- Oeste (Unicentro), como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Letras, área de concentração: Interfaces entre Língua e Literatura, na linha de pesquisa: Texto, Memória e Cultura.

Orientadora: Profa. Dra. Loremi Loregian-Penkal

GUARAPUAVA/PR

2024

Catálogo na Publicação
Rede de Bibliotecas da Unicentro

- N897i Nós, Emanuéli
A importância do reconhecimento de línguas minoritárias pelo estado brasileiro : o exemplo do Talian, língua de referência cultural brasileira / Emanuéli Nós. -- Guarapuava, 2024.
xvi, 118 f. : il. ; 28 cm
- Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual do Centro-Oeste, Programa de Pós-Graduação em Letras. Área de Concentração: Interfaces entre Língua e Literatura, 2024.
- Orientadora: Loremi Loregian-Penkal
Banca examinadora: Joel Cezar Bonin, Cristiane Malinoski Pianaro Angelo
- Bibliografia
1. Sociolinguística. 2. Talian. 3. Língua de Referência Cultural Brasileira. 4. Salvaguarda. I. Título. II. Programa de Pós-Graduação em Letras.

CDD 400



TERMO DE APROVAÇÃO

EMANUELI NÓS

A IMPORTÂNCIA DO RECONHECIMENTO DE LÍNGUAS MINORITÁRIAS PELO ESTADO BRASILEIRO: O EXEMPLO DO TALIAN, LÍNGUA DE REFERÊNCIA CULTURAL BRASILEIRA

Dissertação aprovada em 19/04/2024 como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre no curso de Pós-graduação em Letras, área de concentração Interfaces entre Língua e Literatura, da Universidade Estadual do Centro-Oeste, UNICENTRO, pela seguinte banca examinadora:

Prof.(a) Dr.(a) Loremi Loregian-Penkal (PPGL/UNICENTRO) - Presidente/Orientador(a)

Prof.(a) Dr.(a) Joel Cezar Bonin (UNIARP) - Membro Titular

Prof.(a) Dr.(a) Cristiane Malinoski Pianaro Angelo (PPGL/UNICENTRO) - Membro Titular

GUARAPUAVA-PR
2024



ePROTOCOLO

Correspondência Interna 245/2024.

Documento: **Atan82024TermoAprov.DefesadeEmanueliNos.pdf.**

Assinatura Simples realizada por: **Joel Cezar Bonin (XXX.479.149-XX)** em 19/04/2024 13:35 Local: CIDADAO, **Loremi Loregian Penkal (XXX.398.379-XX)** em 19/04/2024 13:50 Local: UNICE//DELE, **Cristiane Malinoski Pianaro Angelo (XXX.926.819-XX)** em 19/04/2024 13:55 Local: UNICE//DELE.

Inserido ao documento **806.516** por: **Omar Ricieri Nunez Dalmaz** em: 19/04/2024 12:57.



Documento assinado nos termos do Art. 38 do Decreto Estadual nº 7304/2021.

A autenticidade deste documento pode ser validada no endereço:
<https://www.eprotocolo.pr.gov.br/spiweb/validarDocumento> com o código:
405b0e4c3edafab71be59cc0dfdfac1b.

A Deus, pela minha vida.

Aos meus pais, Edilson e Alice, pelo amor incondicional. Aos meus irmãos Emanuel e Samuel, por serem luz em minha vida. A meu esposo Nilson e filho Pedro, por suportarem todas as ausências e renúncias. Eterno amor e gratidão a vocês.

E, por último, mas não menos importante, a todos os detentores do Talian, que lutam incansavelmente pela manutenção e salvaguarda da língua.

AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro lugar a Deus pela minha vida, por me dar sabedoria e por todas as oportunidades concedidas em minha vida e, de modo especial, por ter chegado até aqui.

À professora Dra. Loremi Loregian Penkal, por toda paciência, incentivo e pelas orientações que foram tão importantes para a elaboração desta dissertação. Agradeço também por sempre acreditar em meu trabalho e, principalmente, por ter confiado a mim esta pesquisa, a qual versa acerca da sua língua de infância e a língua de tantos descendentes de imigrantes italianos, o Talian.

A todos os professores do Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Estadual do Centro-Oeste, pelas aulas, pelos conhecimentos e materiais disponibilizados durante as disciplinas ministradas. Agradeço também, de modo especial, aos professores doutores Joel Cezar Bonin e Cristiane Malinoski Pianaro Angelo, por aceitarem participar de minha banca, pela leitura atenta do texto e pelas sugestões dadas para o aprimoramento do meu trabalho. Agradeço também ao Ivan Bechtold que, por indicação do professor doutor Joel Cezar Bonin, me auxiliou com a criação das nuvens de palavras, e ao Wílson Canzi, que traduziu o resumo da dissertação para a língua Talian.

Aos colegas de turma, pela oportunidade de compartilhar experiências e conhecimentos; de maneira especial, Tessio Stelmatchuk, Thaiane Mileidi Klems e Taciana Bahls, cada um sabe de sua importância para que eu conseguisse finalizar esta etapa.

Agradeço também aos informantes, detentores da Língua Talian, que aceitaram prontamente a participar desta pesquisa. Sem vocês, a realização deste trabalho não seria possível.

Às minhas ex-colegas de trabalho, especialmente Izabel Soares de Andrade Jorge, Priscila Suemy e Katya Elise Sikora, por tudo que fizeram por mim, para que eu conseguisse cumprir plenamente toda a carga horária proposta na grade curricular do mestrado.

Aos meus pais, que sempre acreditaram em mim e tanto me auxiliaram para que, apesar de todas as dificuldades, eu alcançasse meus objetivos. Aos meus irmãos, Emanuel e Samuel, pelo apoio nesta caminhada. Ao meu marido, por sempre me incentivar, e ao meu filho Pedro, por ser minha maior motivação dos estudos e da vida.

Agradeço a todos, de modo geral, que foram importantes e fizeram parte da minha história de vida nesta etapa, principalmente por entenderem todas as minhas ausências. Não tenho palavras para expressar minha gratidão, simplesmente, obrigada por tudo!

Dele volte, la felissità la vien rento par una finestra che no
savévimo mia de averla assada verta!

(Coletivo Giràni)

RESUMO

A língua é um instrumento com função comunicativa, porém, este não é seu único papel. Sua importância permeia diversas áreas do conhecimento, e se constitui como um fator valioso para a identidade humana, já que se estabelece como característica peculiar de uma nação e de um povo. A presente pesquisa visa, sobretudo, compreender como o processo de reconhecimento como Língua de Referência Cultural Brasileira contribuiu para a salvaguarda da Língua Talian, a partir do levantamento das principais crenças e atitudes linguísticas de falantes dessa língua. Para tanto, a metodologia é baseada em pressupostos da Sociolinguística Variacionista, orientando-se pelo método direto. Nesse sentido, foi aplicado um questionário sociolinguístico aos informantes selecionados, todos detentores do Talian, o qual foi constituído por perguntas abertas, possibilitando que os sujeitos elencassem abertamente suas experiências pessoais a respeito dos aspectos relacionados à língua. A partir da análise desses dados, obtidos através das respostas trazidas pelos informantes, comprovou-se a hipótese de que o reconhecimento da Língua Talian como Língua de Referência Cultural Brasileira, em 2014, trouxe um novo vigor para as ações em prol do idioma e elevou a autoestima dos falantes. Segundo os dados, essa é uma grande conquista, principalmente por ser uma política de nível nacional, fato que amplia as possibilidades de uso do idioma, a visibilidade da língua e o orgulho em utilizá-la.

Palavras-chave: Sociolinguística; Talian; Língua de Referência Cultural Brasileira; Salvaguarda.

ABSTRACT

Language is an instrument with to a communicative function, however, but this isn't the only role. Language importance permeates several areas of knowledge and constitutes an important factor for human identity, as it established as a peculiar characteristic of a nation and a people. The present research aims, manly, to understand how the process of recognition as a Brazilian Cultural Reference Language contributed to the safeguarding of the Talian Language, based on a survey of the main influences and linguistic attitudes of speakers of this language. To this end, the methodology is based on Variationist Sociolinguistics assumptions, guided by the direct method. In this sense, a sociolinguistic questionnaire was applied to the selected informants, all Talian holders, or which was composed of open questions, allowing the subjects to openly list their personal experiences regarding aspects related to the language. From the analysis of this data, obtained through the responses brought by the informants, the hypothesis was confirmed that the recognition of the Talian Language as a Brazilian Cultural Reference Language, in 2014, brought new vigor to actions in favor of the language and increased speakers' self-esteem. According to the data, this is a great achievement, mainly because it is a national policy, a fact that expands the possibilities of using the language, the visibility of the language and the pride in using it.

Keywords: Sociolinguistics; Talian; Brazilian Cultural Reference Language; Safeguard.

RESUMO

La léngua la ze un importante strumento con funsion comunicativa, ma no la ga sol questa funsion. Par la so importànsia, la traversa diverse àree del cognossimento e la se constitui come un elemento valioso dela identità umana, na olta che la se stabilisse come una caraterística pròpia de una nassion e de un pòpolo. La presente risserca la ga come ogetivo, soratuto, comprender come el processo del ricognossimento come Língua de Referência Cultural Brasileira el ga dato el so contributo ala salvaguàrdia dela Léngua Talian, a partir dei dati statìstichi otegnesti dele prinsipai credense e atitudine liguìstiche dei parlanti de questa léngua. Par questo tanto, la metodologia la ze stata fundamentada ntei presuposti dela Sossiolengoìstica Variassionista, orientàndosse dal mètodo direto. In questo senso, ze stà aplicà un questionàrio sossiolengoìstico ai informanti selessionadi par questa risserca, tuti detegnedori del Talian, con domande verte, possibilitando ale persone de parlar francamente sora le so speriense personai in relassion ala so léngua. Dopo dela anàlise dei dati otegnesti dele risposte dei informanti, ze stà possibile comprovar la ipòtese de che el ricognossimento dela Léngua Talian, intanto Língua de Referência Cultural Brasileira, 2014, el ghe ga dato un novo fià ale assion in favor de questo idioma e anca el ga elevà la autostima dei parlanti. Secondo i dati, questa la ze una granda conquista, prinsipalmente parché la ze una política de livello nassional, possibilitando la amplitudine de usansa del idioma, la visibilità dela léngua e el orgòlio in doperarla.

Parole chiave: Sossiolengoìstica; Talian; Língua de Referência Cultural Brasileira; salvaguàrdia.

LISTA DE IMAGENS

<u>Imagem 1 Réplica do Coliseu de Roma</u>	72
Imagem 2 O castelo de Romeu.....	72
Imagem 3 O Castelo de Julieta.....	73
Imagem 4 O Castelo de Marostica.....	73
Imagem 5 La Rotonda.....	74
<u>Imagem 6 Aviso</u>	<u>94</u>

LISTA DE QUADROS E NUVENS DE PALAVRAS

Quadro 1 Cidades que possuem o Talian como língua cooficial	69
Quadro 2 Dados sociais dos informantes	82
Quadro 3 Questionário	84
Quadro 4 Dados sociais dos informantes do sexo feminino.....	87
Quadro 5 Dados sociais dos informantes do sexo masculino.....	88
Nuvem de Palavras 1 O aprendizado do idioma	90
Nuvem de Palavras 2 Crenças e atitudes linguísticas que envolvem as consequências da proibição de falar o Talian.....	96
Nuvem de Palavras 3 Aspectos positivos do reconhecimento do Talian enquanto Referência Cultural Brasileira	99
Nuvem de Palavras 4 A importância da cooficialização do Talian para a salvaguarda da língua. 102	
Nuvem de Palavras 5 Ações que impactaram positivamente na autoestima dos detentores da Língua Talian.....	106
Nuvem de Palavras 6 Conquistas do Talian	108

LISTA DE MAPAS

Mapa 1 Regiões da Itália.....	60
Mapa 2 Roteiro da Caminhos de Pedra.....	77

LISTA DE ABREVIACÕES E SIGLAS

ASSODITA - Associação dos Difusores do Talian

CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

CEVEP - Centro de Estudos Vênetos do Paraná

CESTA - Centro de Estudos de Talian

DIP - Departamento de Imprensa e Propaganda

FIBRA-RS - Federação das Associações Ítalo- Brasileiras do Rio Grande do Sul

IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

IPOL - Instituto de Investigação e Desenvolvimento em Política Linguística

PROPESP - Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação

UNICENTRO - Universidade Estadual do Centro-Oeste do Paraná

VARSUL - Variação Linguística na Região Sul do Brasil

Sumário

INTRODUÇÃO	17
CAPÍTULO 1 ORIENTAÇÕES TEÓRICAS	26
Crenças	38
Atitudes Linguísticas	39
CAPÍTULO 2 LÍNGUAS MINORITÁRIAS, LÍNGUAS MAJORITÁRIAS, LÍNGUAS MATERNAS, LÍNGUAS ESTRANGEIRAS, LÍNGUAS DE IMIGRAÇÃO E LÍNGUAS DE HERANÇA	45
CAPÍTULO 3 A LÍNGUA PORTUGUESA EM CONTATO COM A LÍNGUA DOS ÍTALO-DESCENDENTES: CONTEXTO HISTÓRICO	55
CAPÍTULO 4 TALIAN: UMA LÍNGUA DE IMIGRAÇÃO FALADA NO BRASIL	60
CAPÍTULO 5 METODOLOGIA.....	81
CAPÍTULO 6 RESULTADOS E DISCUSSÕES	86
Parte I Dados de identificação	86
Perfil dos informantes do sexo feminino	86
Perfil dos informantes do sexo masculino	87
Parte II Perguntas abertas	88
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	110
REFERÊNCIAS	113

INTRODUÇÃO

A pluralidade e a diversidade de línguas presentes no Brasil se devem principalmente ao contexto histórico de formação do território brasileiro, no qual muitos povos e, conseqüentemente, inúmeras línguas estiveram em contato. Raso, Mello e Altenhofen (2011) afirmam que é preciso considerar que os contatos que aconteceram ao longo da história brasileira ocorreram entre os povos e suas culturas e, posteriormente, houve o contato entre as línguas.

A história do Brasil é uma história de contato e, como resultado da coexistência de diversas línguas em um mesmo ambiente, nota-se uma característica marcante do nosso país: o multilinguismo.

Ao longo dos mais de cinco séculos depois do descobrimento, no território brasileiro conviveram, comunicaram e se misturaram populações ameríndias europeias, africanas e asiáticas. Se a língua-teto (ou seja, a língua sociolinguisticamente supraordenada e de referência) foi o português, essa língua conviveu e ainda convive em lugares e domínios do repertório de muitas outras [...] (Raso; Mello; Altenhofen, 2011, p. 13).

Por ser um país pluricultural e multilíngue, o Brasil, segundo Ferraz (2007), conta com mais de duzentas línguas distintas, as quais são faladas em comunidades situadas em toda a extensão do território brasileiro. Ainda conforme o que propõe esse mesmo autor, a diversidade linguística brasileira é composta por

brasileiros que têm por língua materna uma língua indígena (autóctone), ou uma língua de imigração (alóctone), ou ainda um dos falares afro-brasileiros praticados em muitos dos quilombos que existiram no país, além das populações bilíngües que dominam o português e uma língua indígena, ou português/alemão, português/italiano, português/polonês, português/japonês etc. À visão de um país supostamente monolíngüe, acrescenta-se, ainda ao imaginário de unidade do senso comum, o mito de que a língua portuguesa falada em nosso país apresenta uma unidade monolítica, isto é, sem variação diatópica significativa, não se reconhecendo que a diversidade linguística no Brasil compreende também a pluralidade de usos do português brasileiro (Ferraz, 2007, p. 70).

O Brasil é, notavelmente, um dos países mais multilíngües do mundo, apresentando centenas de línguas em seu território, grande parte originadas a partir do contato linguístico. Como exposto na citação anterior, há também a pluralidade de usos do Português brasileiro, que não é o mesmo em todos os lugares, pois sofreu mudanças devido às influências de línguas diferentes pertencentes a famílias muito distantes.

[...] a família indo-europeia, além dos pequenos números de falantes de outras línguas que se fizeram presentes no Brasil desde as primeiras décadas depois do descobrimento, forneceu, a partir da metade do século XIX, milhões de imigrantes, principalmente falantes de alemão (grupo germânico), polonês (grupo eslavo), italiano e espanhol (grupo latino), além das novas ondas de imigrantes portugueses. A partir da mesma época, a família afro-asiática contribuiu com uma forte imigração sírio-libanesa, e a imigração japonesa serviu de base para o contato com outra família linguística e a imigração japonesa serviu de base para o contato com outra família linguística, tradicionalmente considerada isolada [...] (Raso; Mello; Altenhofen, 2011, p. 13).

Desde o descobrimento do Brasil, muitos ameríndios, africanos e afroasiáticos estiveram em contato com o português, culminando em muitos efeitos e transformações na Língua Portuguesa falada no Brasil. O estudo da formação do português brasileiro vernacular leva em conta, portanto:

[...] os cenários de contato de populações, enfoca sobretudo os diversificados insumos de línguas africanas, línguas indígenas – aí incluídas as diversas modalidades da assim chamada língua geral- e o português lusitano, também em suas variedades aportadas no Brasil (Raso; Mello; Altenhofen, 2011, p. 26).

Um elemento que não pode ser subestimado no contexto do contato populacional e linguístico do Brasil, segundo Mello (2011), foi a grande miscigenação entre diferentes grupos étnicos. No cenário brasileiro era muito comum homens brancos unirem-se a mulheres indígenas e negras, gerando frutos-mestiços, tornando-se a maioria da população brasileira. Em relação à língua, poderia ter se tornado uma grande força no quesito de variedade de português mesclado.

O contato linguístico que existe resulta em variações na língua, podendo culminar em transformações da língua, uma vez que é um organismo vivo e se transforma com o uso. Para Mengarda (2001, p. 43), “São os falantes que provocam as mudanças na língua. A escrita registra as mudanças e é através dela que podemos verificar suas transformações ao longo do tempo em todas as línguas humanas”. Já de acordo com Raso, Mello e Altenhofen (2011),

[...] há diferenças entre processos aquisicionais de competência linguística oral e escrita, assim como há nos processos de perda linguística. As variedades escritas de uma dada língua representam uma maior possibilidade de documentação e permanência no eixo temporal, enquanto as variedades orais são mais fluídas, mutáveis e, certamente, de muito mais difícil documentação e recuperação no eixo do tempo, o que frequentemente as torna objeto de reconstrução linguística através de artefatos teóricos (Raso; Mello; Altenhofen, 2011, p. 27).

Ainda no que se refere ao contato linguístico, Loregian-Penkal e Stival-Soares (2020, p. 820) afirmam que ele é “uma das ‘fontes’ de variação e de mudança nas línguas, características indispensáveis a todas as línguas vivas, pois as fazem se renovar constantemente”. Esse pensamento e consciência de que as línguas são vivas e que perdê-las significa “perder

possíveis testemunhos do comportamento da consciência humana” (Raso; Mello; Altenhofen, 2011, p. 21) é algo recente, e que vem transformando o pensamento em relação às línguas e ao contato entre elas. Para Altenhofen (2008, p. 137 *apud* Schneiders; Busse; Salviani, 2020, p. 106) há, no Brasil, no mínimo seis tipos de contato linguístico:

a) português e línguas autóctones (indígenas), b) português e língua afro-brasileiras, c) português e línguas alóctones (de imigração), d) português como língua alóctone em contato com línguas oficiais, e) português e línguas co-oficiais em contato, f) contatos linguísticos de fronteira com países vizinhos e contatos entre falantes de variedades regionais do português.

Como resultado dos contatos linguísticos que fazem parte da história e da constituição do nosso país, segundo o IPEA (2014, *apud* Schneiders; Busse; Salviani, 2020), o Brasil é um dos países com a maior diversidade linguística do mundo:

Nossa história, após a chegada do homem branco, é toda uma história de contatos linguísticos. Ao longo de inúmeros anos, após o descobrimento, em nosso território conviveram, comunicaram e se misturaram populações ameríndias, européias, africanas e asiáticas. Portanto, nossa língua convive e conviveu com influências de línguas diferentes, pertencentes a famílias muito distantes, como a indo-européia, a alemã, a polonesa, italiana, espanhola e tantas outras (Schneiders; Busse; Salviani, 2020, p. 104).

A língua tem, portanto, um importante papel para a formação histórica e cultural do nosso país, pois, além da função comunicativa, ela é capaz de alcançar diversas áreas do conhecimento e se constituir como um fator valioso para a identidade humana, uma vez que “cada variedade linguística representa um sistema de referências internalizadas que corresponde também à internalização de uma compreensão e visão de mundo” (Mengarda, 2001, p. 44). As línguas se estabelecem como característica peculiar de uma nação, estando também diretamente ligadas às questões de soberania e poder de um povo.

Levando em conta essa consideração, ao longo da história do Brasil, sobretudo durante o governo de Getúlio Vargas (1930-1945), houve uma grande preocupação relacionada à prática linguística e a influência exercida por ela. Nesse período surgiram políticas, decretos e leis visando regulamentar o uso das línguas em todo o território brasileiro. A consolidação dessa situação aconteceu de maneira formal no ano de 1938, durante a Era Vargas, com a instituição do Decreto-Lei 406, de 04 de maio, o qual impôs diversas regras acerca das práticas linguísticas em solo brasileiro, proibindo, principalmente os imigrantes que aqui viviam de falar na língua do seu país de origem.

Com a busca por fortalecimento da identidade nacional em detrimento das demais, muitos imigrantes sofreram com as atitudes linguísticas negativas instauradas em solo brasileiro, como consequência da postura autoritária e centralizadora das políticas impostas na Era Vargas. As instâncias políticas e ideológicas dessa época forçaram a nacionalização compulsória dos imigrantes, sendo uma forma de imposição cultural, ou seja, houve a imposição da cultura

nacional, danificando a identidade cultural dos outros povos que viviam em território brasileiro.

Nesse momento, na busca pela valorização apenas do “nacional” em detrimento do estrangeiro, tornou-se obrigatório o uso exclusivo do idioma nacional em todo o território brasileiro, fazendo com que os estrangeiros, ao negar sua própria língua e origem, perdessem também sua própria identidade linguística e cultural.

Acerca deste ponto, vale ressaltar um conceito abordado por Boaventura de Sousa Santos (2018), denominado epistemicídio e lingüicídio. Estes termos referem-se à sobreposição de uma cultura em outra, resultando em dominação política e ideológica. Trata-se de um apagamento sistematizado, desvalorização e destruição de culturas e saberes construídos por pessoas oprimidas. Santos (2018, p. 123) assinala que:

O epistemicídio e o lingüicídio cometidos mais ou menos sistematicamente durante toda a trajetória histórica da modernidade capitalista rasuraram os conhecimentos e as línguas locais e criaram, em seu lugar, um vasto terreno de não-conhecimento onde a língua e o conhecimento imperial se foram implantando progressivamente. Foi assim que o colonialismo se converteu numa forma de conhecimento, na forma do conhecimento-regulação.

Em um processo de imigração, de maneira geral, as comunidades de fala que se diferem da língua oficial do país que as recebeu apresentam uma acentuada perda linguística. Nesse sentido, os imigrantes, pessoas que traziam sua própria história, se viram, de repente, obrigados e forçados a deixar de lado, além de seus costumes, modo de vida e cultura, também a sua língua de origem, o que era, muitas vezes, a única memória que tinham da sua terra natal. Há, nesse sentido, “um histórico de omissão, de desrespeito e mesmo de repressão aos falantes de outras línguas, sobretudo daquelas indígenas e de imigração” (IPHAN, 2016, p. 23-24).

A política linguística restritiva vigente na época do governo de Getúlio Vargas resultou em momentos obscuros aos imigrantes, culminando em fortes perseguições e repressões, fato que trouxe inúmeras consequências linguísticas e culturais para esses povos durante um longo período da história. Conforme Ferraz:

Em meio ao contexto nacionalista da época, o período de 1937-1939 marcou no Brasil a Campanha de Nacionalização do Ensino, política do Estado Novo, que pretendia a alfabetização e nacionalização dos núcleos coloniais, impondo aos imigrantes e seus descendentes a obrigação de aprender e falar a língua portuguesa. Tal fato veio restringir o uso das línguas maternas dos imigrantes, principalmente no domínio público institucional (Ferraz, 2007, p. 70).

Tais momentos deixaram diversas marcas históricas para os imigrantes, mas não foram suficientes para apagar suas línguas de origem, as quais foram mantidas e utilizadas principalmente na oralidade e nas regiões mais afastadas dos centros urbanos. Nesse sentido, concordamos com Ferraz (2007, p. 70), ao afirmar que “a imagem romântica de um país supostamente monolíngüe, perspectivada pelo senso comum, se contrapõe a uma realidade bem

diferente, no centro da qual se encontra o multilingüismo brasileiro”, visto que, apesar das duras medidas tomadas pelo governo da Era Vargas, as línguas continuaram coexistindo em território brasileiro.

Esta pesquisa acerca do Talian, de modo específico, se faz importante, visto que o silenciamento desta língua, assim como de outras, se estendeu por um longo período, ultrapassando o término da proibição imposta pelo Estado Novo, seguindo até a década de 1970, por algumas condições, como Loregian-Penkal e Dal Castel (2023) apontam:

[...] fatores ligados à hostilidade do trabalho agrícola (à época totalmente manual e sem a valorização adequada do produto agrícola), certamente contribuíram para a desvalorização do colono e da língua. Acabou a proibição, mas veio a ridicularização e o deboche que foram tão ou mais danosos que a própria proibição. Isto porque a proibição foi eficiente na cidade, mas não atingiu a colônia, a roça, onde não havia a presença da polícia. E foi justamente nas colônias que o Talian se conservou intacto (Loregian-Penkal; Dal Castel, 2023, p. 37-38).

Com o processo de industrialização, os jovens começaram a buscar as cidades para conseguirem trabalhos com melhores condições e se perceberam bilíngues, passando, mesmo que lentamente, a ter seu sotaque valorizado, já que “[...] o filho do colono *talian* começou a criar coragem e a se identificar por meio de sua fala. Muitos desses empregados viraram donos de empresas, médicos, dentistas, padres, professores, etc; foram se intelectualizando e aprenderam a se organizar” (Loregian- Penkal; Dal Castel, 2023, p. 39). Nesse sentido, há todo um caminho percorrido pelos descendentes de italianos para chegar às conquistas de hoje, o qual será explicitado com mais detalhes no decorrer desta pesquisa.

A relevância deste estudo se dá pela necessidade de devolver a voz a um povo que se calou por um longo período da História:

Não se pode dissociar uma língua de sua cultura e do contexto da sociedade em que existe. Tudo interage: a língua faz a sociedade, isto é, as pessoas e suas relações que, na sua vez, fazem a língua, adaptando-a a suas necessidades, uma língua constitui “janela pelo mundo” compreendido e vivido a partir de um ângulo de visão original (Blanchet, 1998, p. 34 *apud* Nardi, 2004, p. 120).

Compreendendo a importância da língua como reflexo de uma cultura e de uma história, esta pesquisa se justifica, visto que, entre o grupo de imigrantes italianos, a língua se encontra no centro da comunidade, como uma forma de unir os descendentes de imigrantes, mas também como uma maneira de perpetuar a memória histórica e cultural.

A escolha do tema que deu origem a esta dissertação aconteceu primeiramente por uma motivação pessoal, pois este é um tema que me desperta interesse há alguns anos e, sem interesse pelo tema, não há pesquisa.

A esse respeito, ousou afirmar que o gosto pelo tema teve início no meu percurso acadêmico, no curso de Letras/ Português. Isso foi acontecendo aos poucos, primeiramente quando me deparei com os estudos voltados à área da Sociolinguística, os quais me despertaram um grande interesse; nesse momento, estudar a relação entre língua e sociedade conquistou um grande espaço na minha vida acadêmica.

No período da graduação, mais especificamente de 2018 a 2019, fiz uma pesquisa de Iniciação Científica, com a orientação da professora Loremi Loregian-Penkal, voltada para a área de Sociolinguística. O trabalho desenvolvido foi intitulado “Contribuições da Sociolinguística à Educação: o caso Ann Arbor”. Esta pesquisa, de cunho bibliográfico, descreveu as principais contribuições da Sociolinguística à Educação, a partir dos estudos de William Labov (1972) e do “Caso Ann Arbor”. Na pesquisa em tela, foi destacado, sobretudo, o legado da Sociolinguística ao ensino e à aprendizagem da língua materna, possibilitando um repensar da prática docente e das políticas educacionais. Ainda em 2019, essa pesquisa foi premiada com Menção Honrosa pela Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação (PROPESP) da UNICENTRO (Universidade Estadual do Centro-Oeste).

Cumprir destacar também que, no primeiro ano da faculdade, fui afinando os meus gostos, aliados às aptidões pessoais, até que tive a oportunidade de entrar em contato de maneira específica com a língua e a cultura taliana. Esta experiência se consolidou com a elaboração de um trabalho na disciplina de Sociolinguística, momento muito relevante e para que hoje, enquanto pesquisadora, voltasse meus estudos para essa temática.

A oportunidade que tive na faculdade foi-me dada sobretudo a partir da disciplina que a professora lecionava, atualmente minha orientadora, professora Loremi Loregian Penkal, que, conectando com o conteúdo abordado em sala, propôs que nós, os acadêmicos, entrevistássemos descendentes de italianos, a fim de fazer análises baseadas em pressupostos teóricos da Sociolinguística. Na ocasião, entrevistei e conversei com descendentes de italianos da comunidade do Pinho de Baixo, em Irati-PR, os quais foram muito receptivos e dispostos a compartilhar suas reflexões acerca da língua. Essa experiência proporcionou um grande aprendizado e crescimento, tanto acadêmico quanto pessoal, fazendo com que eu tivesse já nesse primeiro momento contato com a cultura e a Língua Talian, compreendendo um pouco a relação deles com a língua e abrindo meus olhos para novas perspectivas.

Apesar de não ser descendente de italianos, mas de eslavos, mais especificamente, poloneses, interessei-me pela causa e aos poucos fui adentrando neste mundo. O que mais me chamou a atenção durante o trabalho desenvolvido na graduação foi o fato de que, diferente da minha família, em que a língua e cultura eslava perderam espaço para a língua e cultura do colonizador, esses descendentes de italianos com os quais tive contato, conseguem ainda na atualidade defender e transmitir sua própria cultura e língua, com orgulho da própria história.

Posteriormente, seguindo ainda por caminhos voltados para a cultura taliana, participei de um Projeto de Extensão oferecido pela Unicentro em parceria com a Associação de Difusores do Talian, que visa disseminar a Língua Talian, língua que surgiu a partir do contato de várias línguas regionais do norte da Itália com o Português. Nesse momento, pude confirmar a importância da manutenção e salvaguarda da língua. Dessa forma, reitero que, assistindo semanalmente às aulas de Talian com os detentores da língua, fui aprendendo um pouco mais a respeito dela e também de sua história; nesses momentos, constatei de maneira mais consistente a importância de ações que promovam essa língua, pois ela, assim como todas as outras línguas, carregam a história, a cultura e a memória afetiva dos falantes. É por intermédio da língua que a concepção de identidade, pertencimento e visibilidade é mostrada à sociedade. Outro aspecto relevante que motiva ainda mais a continuidade desta pesquisa é a carência de estudos voltados às línguas minoritárias. Basta pesquisar palavras-chave no *Google*, em sites de universidades e na plataforma de dissertações e teses da CAPES, para constatar o insuficiente número de pesquisas relacionadas ao tema.

Com esse breve relato, reforço como cheguei ao meu objeto de pesquisa, a fim de investigar de que maneira o reconhecimento do Talian como Língua de Referência Cultural Brasileira, título recebido em 2014, impactou os seus detentores, visto que por um longo período da história foram silenciados e estigmatizados. Os estudos acerca das variedades linguísticas presentes no Brasil, assim como em relação ao respeito linguístico, vêm conquistando grande destaque entre os estudos linguísticos, já que toda a história do nosso país está diretamente ligada ao contato entre povos de línguas distintas, aos fenômenos migratórios e aos conflitos que originaram uma ilusão monolíngue.

Este trabalho justifica-se devido à necessidade de devolver a voz a um povo que permaneceu emudecido por um longo período da história nacional e explicitar as atitudes linguísticas de falantes de uma língua minoritária, neste caso, alguns detentores do Talian que tenham envolvimento com essa língua e cultura. Compreendendo, dessa forma, a importância simbólica e identitária de uma língua, fato relevante para registrar sua existência material e a memória discursiva, para que a língua de imigração/minoritária se eternize na memória do povo e do país.

Além disso, intenta-se que esta pesquisa impulse outros estudos relacionados a este tema, para que sempre haja o reconhecimento e a valorização das línguas minoritárias, sobretudo a consideração do Talian como Língua de Referência Cultural Brasileira. Almeja-se também que este trabalho auxilie na consolidação e percepção de que o Brasil é um país plurilíngue, principalmente por apresentar uma grande diversidade cultural, e que nela cabem todas as línguas, variedades e formas de manifestações culturais.

Neste sentido, a pergunta de pesquisa deste trabalho é: De que maneira o reconhecimento do Talian, enquanto Língua de Referência Cultural Brasileira, impactou na autoestima dos detentores desta língua?

O objetivo principal é compreender como o processo de reconhecimento como Língua de Referência Cultural Brasileira contribuiu para a salvaguarda dessa língua de imigração, a partir do levantamento das principais crenças e atitudes linguísticas dos falantes da língua. Para isso, delimitamos alguns objetivos específicos:

- a) Verificar as principais crenças e atitudes linguísticas que envolvem as consequências da proibição em falar esta língua (Era Vargas) através do resgate da memória, bem como a respeito do seu reconhecimento como Língua de Referência Cultural Brasileira (MinC/IPHAN, 2014).
- b) Compreender o histórico e o caminho traçado pela língua até o seu reconhecimento oficial.
- c) Esclarecer o que mudou após o reconhecimento desta língua minoritária.

No que concerne à organização textual, esta pesquisa divide-se em seis partes. O primeiro capítulo apresenta a base teórica da pesquisa, discorrendo a respeito da Sociolinguística, área que serviu de fundamentação para esta pesquisa. O capítulo divide-se nos seguintes tópicos: Língua e Sociedade; Da Linguística à Sociolinguística; Sociolinguística Variacionista; Sociolinguística no Brasil e Crenças e Atitudes Linguísticas. Este mesmo capítulo traz também uma abordagem concernente às Políticas Linguísticas, apresentando aspectos essenciais desta área para os estudos da linguagem, enfatizando as relações de poder que se estabelecem a partir da língua.

O segundo capítulo abarca conceitos fundamentais acerca das línguas minoritárias, línguas majoritárias, línguas maternas, línguas estrangeiras, línguas de imigração e línguas de herança.

O terceiro capítulo discorre a respeito do contexto histórico do contato linguístico entre a Língua Portuguesa e a língua dos ítalo-descendentes, destacando a presença dos imigrantes italianos no Sul do Brasil. Este capítulo está dividido em duas partes: Imigração Italiana no Brasil e Imigrantes italianos no Sul do Brasil.

O quarto capítulo destaca aspectos importantes relacionados ao Talian e sua origem, assim como as principais ações de salvaguarda dessa língua.

O quinto capítulo abarca a metodologia empregada nesta pesquisa, o tipo de pesquisa, os informantes, o questionário, os procedimentos para a coleta de dados e os critérios de análise.

O sexto capítulo apresenta os Resultados e Discussões. Nesse capítulo são exibidos os resultados obtidos a partir da análise dos dados coletados no decorrer da investigação, os quais deixam claro que o reconhecimento da Língua Talian enquanto língua de referência cultural

brasileira contribuiu significativamente na elevação da autoestima dos detentores da língua.

E, por fim, as Considerações Finais e as Referências.

CAPÍTULO 1 ORIENTAÇÕES TEÓRICAS

O objetivo deste capítulo é traçar um breve panorama a respeito dos pressupostos teóricos que subsidiam o nosso estudo acerca das questões da língua e da sociedade. São apresentadas as abordagens de autores renomados, que contribuíram para a construção do aporte teórico da Linguística até chegar aos estudos da Sociolinguística, que teve origem com os estudos do americano William Labov.

Língua e Sociedade

Uma das principais competências adquiridas pelo ser humano é a linguagem; é comum ouvirmos que somos movidos pela interação, e muito mais importante do que o assunto da conversa em si, a comunicação e a interação se constituem como condição inata do ser humano, corroborando a hipótese de Chomsky (2005) a respeito da linguagem, que propõe que há um dispositivo linguístico inato para a linguagem.

“É na sociedade que a língua se firma enquanto meio de comunicação” (Rossa, 2017, p. 19). A língua existe para estabelecermos diálogo com as outras pessoas, manifestar os sentimentos e reivindicar os nossos direitos. A língua é fundamental à existência humana e especialmente para a vida em sociedade, pois, para que o ser humano exista e aja na sociedade, ele depende, sobretudo, da comunicação.

Além disso, a língua é também símbolo do comportamento social, visto que é por meio dela que dados involuntários dos falantes são transmitidos aos interlocutores, ou seja, muito do que nós somos é demonstrado e possível de ser identificado naturalmente por meio de nossa fala. Aspectos como origem, faixa etária, sexo e escolaridade são possíveis de serem percebidos na fala dos usuários da língua e, a partir dessa consideração, destacando o papel da língua na sociedade, é que diversos estudos concentrados nesta relação tiveram origem.

Atualmente, a relação que há entre língua e sociedade é constatada por muitos estudiosos e pesquisadores da língua, e embora algumas teorias da linguagem exibam diversas explicações aos fenômenos linguísticos que os aproximam ou distanciam da função da língua em sociedade, os estudos voltados à Sociolinguística deixam evidente a relação que há entre língua e sociedade, e apontam para a seguinte constatação: “A mudança linguística é constante e inevitável em qualquer sociedade e é impulsionada pelos próprios falantes” (Souza, 2012, p. 47).

Da Linguística à Sociolinguística

Nesta seção, será apresentada uma breve retrospectiva do percurso da Linguística até o surgimento da sociolinguística laboviana, deixando em evidência os principais apontamentos de

estudiosos da linguagem que trouxeram contribuições acerca da relação que existe entre língua e sociedade. No início do século XX, Saussure (2006) deu um importante passo para o estabelecimento da Linguística como ciência autônoma. Ele ficou conhecido como o precursor do Estruturalismo e realçou, em sua teoria, a concepção de língua enquanto uma estrutura fixa e imutável, um conjunto de unidades que seguem princípios de funcionamento.

Foi Saussure quem, pela primeira vez, demonstrou que uma língua não é apenas uma coleção de objetos linguísticos como sons e palavras. Ele considerou-a como um sistema altamente estruturado, em que cada elemento se define em grande medida pela maneira como está relacionado com outros elementos (Souza, 2012, p. 40-41).

Para o estabelecimento da Linguística enquanto ciência, Saussure propôs como objeto de estudo a língua (*langue*) e suas relações internas, apresentando algumas dicotomias, como a separação entre língua (*langue*) e fala (*parole*), por exemplo.

O estudo da linguagem comporta, portanto, duas partes: uma, essencial, tem por objeto a língua, que é social em sua essência e independente do indivíduo; esse estudo é unicamente psíquico; outra, secundária, tem por objeto a parte individual da linguagem, vale dizer, a fala, inclusive a fonação e é psicofísica (Saussure, 2006, p. 27).

Para esse autor, a língua é homogênea e social, um sistema utilizado pelos membros de uma comunidade como elemento de comunicação, uma parte importante da linguagem devido ao seu caráter social. Já a fala é heterogênea e individual; a língua é a condição da fala, sempre que falamos, seguimos regras que correspondem à língua. Ainda no que tange à língua e à fala, Saussure (2006) assegura que os estudos da linguagem se dividem em duas partes:

A fala é que faz evoluir a língua: são as impressões recebidas ao ouvir os outros que modificam nossos hábitos linguísticos. Existe, pois, interdependência da língua e da fala; aquela é ao mesmo tempo o instrumento e o produto desta (Saussure, 2006, p. 27 *apud* Rossa, 2017, p. 21).

A concepção formulada por Saussure, apesar de distinguir a fala da língua, manteve o pensamento neogramático:

Saussure via a língua como social e a fala como individual. Desse modo, não se tem nada de concreto sobre a comunidade como a matriz do desempenho da fala individualizada. Logo, não há nada nessa teoria que pudesse acomodar uma língua heterogênea (Saussure, 2012, p. 41).

Apesar de essa teoria não abarcar a heterogeneidade da língua, foi um grande marco para a Linguística no século XX, e suas ideias foram amplamente disseminadas pelo mundo com a publicação da obra *Curso de Linguística Geral (CLG)*, em 1916, na França, a qual foi escrita e publicada postumamente por dois alunos do mestre: Charles Bally (1865-1947) e Albert Sechehaye (1870-1946), na Universidade de Genebra.

Posteriormente, em 1929, treze anos mais tarde, contrapondo a teoria saussureana, Michail Bakhtin (1895-1975) defendeu a concepção de que a língua tinha um caráter social, realizado por atos enunciativos na interação verbal. Para ele, a linguagem perpassa toda a vida social, exercendo um importante papel na formação sociopolítica e nos sistemas ideológicos.

Jakobson (1973), em 1960, criticou o caráter homogêneo da língua concebido por Saussure, afirmando que existiam diversas situações e comunidades linguísticas nas quais os indivíduos interagem de inúmeras maneiras e de acordo com a função e os objetivos exigidos em determinada situação de interação comunicacional.

Em 1965, Noam Chomsky surge com o modelo gerativista, ano em que publica uma de suas obras mais importantes, *Aspects of the Theory of Syntax*, inaugurando um modelo de análise linguística extremamente influente, conhecido como “teoria-padrão” (Neto, 2024). Para esta concepção, o objeto de estudo é a competência de quem fala, havendo assim uma espécie de “falante-ouvinte ideal”, ou seja, um sujeito que utiliza a língua de modo perfeito. Esse sujeito não tem seu desempenho linguístico afetado por quaisquer fatores externos, como os lapsos de memória, por exemplo. Nessa teoria, defendia-se que os sujeitos, inseridos em uma comunidade linguística homogênea, utilizam a língua de maneira perfeita, excluindo totalmente a heterogeneidade da língua e o caráter social dela, já que “Em sua teoria, há a exigência central da homogeneidade, pois Chomsky considera a diversidade teoricamente irrelevante” (Souza, 2012, p. 41-42).

A linguagem, para essa teoria, seria a parte essencial das relações humanas, sendo inata aos indivíduos, ou seja, “o sujeito nasce com uma pré-disposição para aprender línguas e também para criar palavras ou expressões dentro de uma língua” (Carraro, 2016, p. 23), cabendo aos indivíduos unicamente a tarefa de realizar as adaptações necessárias na língua de acordo com o contexto de uso. Nesse sentido, a faculdade da linguagem para essa concepção pode ser considerada como um “órgão da linguagem”.

Ao definir a língua como um sistema de princípios conhecidos por qualquer falante de modo intuitivo, Chomsky, como afirma Carraro (2016, p. 23), mudou o foco dos estudos linguísticos: A língua passa a ser um componente da natureza humana. Em sua teoria, o interesse principal era compreender o processo interno da língua (língua-I), deixando de lado os processos externos ou de uso da língua (língua-E).

Apesar de o uso da língua ser citado tanto no estruturalismo (parole) quanto no gerativismo (língua-E), e ambos a considerarem um fato social, até então, o uso da língua não era o foco dos estudos em linguística por ser considerado o “Caos Linguístico”, ou seja, impossível de ser estudado (Carraro, 2016, p. 24).

Além disso, tanto para o Estruturalismo quanto para o Gerativismo, a variação linguística também não foi considerada, visto que, para essas concepções, ela estaria fora do âmbito de

estudo da Linguística.

Em 1968, a relação existente entre língua e sociedade foi considerada por Benveniste (1968), o qual pondera que há a possibilidade de estudo, descrição e compreensão da sociedade por meio da língua. Para o autor:

A linguagem é o mecanismo social que opera a língua e o discurso. A linguagem é a própria cultura, e com ela se confunde. É na linguagem que o ser humano se torna um ser social. A linguagem possibilita o acréscimo social sobre a biologia humana, e, portanto, é parte da natureza humana, e responsável por fazer dessa espécie, uma espécie social. Sem a linguagem, o ser humano não existiria como tal. Assim se constitui a visão de Benveniste sobre a linguagem (Rodrigues; Milani, 2015, p. 77).

Como a língua é viva e está em constante movimento e transformação, os estudos acerca desse pressuposto não param e, é na segunda metade do século XX, nos Estados Unidos, que a Sociolinguística surge, como um campo exclusivo de estudos, entrando em cena com o estudo da língua falada. “Inspirada no método sociológico - registra, descreve e analisa sistematicamente diferentes falares, elegendo, assim, a variação linguística como objeto de estudo” (Souza, 2012, p. 44).

A Sociolinguística desenvolve-se como uma corrente na década de 1960, representando o marco do início dos estudos sistematizados dessa área. Nesse primeiro momento, a Sociolinguística apresentou duas ramificações distintas para se referir a esse campo que correlaciona língua e sociedade. A primeira delas ficou conhecida como Sociolinguística, na qual os linguistas e antropólogos focaram em descrever e analisar a língua e a sua relação direta com os fatores sociais. A outra foi denominada Sociologia da Linguagem, a qual buscou estudar e compreender a influência da linguagem no comportamento de uma sociedade (Paulston; Tucker, 2003 *apud* Etto; Carlos, 2017, p. 721-722).

A construção da Sociolinguística enquanto ciência aconteceu de maneira interdisciplinar, como aponta o pesquisador Daniel Marra da Silva, segundo o qual “o surgimento e desenvolvimento da Sociolinguística, como subárea do conhecimento linguístico, no campo da Linguística, deve mostrar a interação dessa disciplina com outras áreas do conhecimento humano que compreendiam o estudo da língua e da sociedade” (Silva, 2009, p. 57).

Nesse sentido, a partir de diversos estudos é possível constatar que a Sociolinguística surge a partir da interação com outras áreas do conhecimento, como a Linguística, Antropologia e Sociologia, as quais tiveram papel essencial para o seu desenvolvimento. A Antropologia contribuiu com seus estudos etnográficos, a Sociologia com sua teoria e metodologia e a Linguística com as concepções acerca da linguagem. A junção e a colaboração de pesquisadores e estudiosos dessas três áreas auxiliaram no fortalecimento do que conhecemos atualmente e

chamamos de Sociolinguística.

Além disso, vale ressaltar que a interdisciplinaridade, própria da natureza dos estudos linguísticos, considerando a heterogeneidade da língua, está presente também nos estudos sociolinguísticos, visto que a Sociolinguística perpassa pelos estudos de caráter antropológico, social, filosófico e histórico, ou seja, todas as áreas do conhecimento que estão envolvidas com a vivacidade da língua e da cultura estão atreladas aos estudos sociolinguísticos.

Em 1964, William Bright proferiu, na Universidade de Los Angeles, uma conferência teórica a respeito da Sociolinguística, contando com a colaboração de outros linguistas e estudiosos da área. Naquele momento, definiu-se a diversidade linguística como o objeto de estudo dessa nova área de estudos. Alguns anos mais tarde, ao organizar e publicar os trabalhos apresentados nessa conferência, Bright (1996) escreve o texto introdutório “As dimensões da Sociolinguística”, em que determina e distingue a nova área de estudos.

William Labov, um dos estudiosos presentes nesse encontro, considerava a existência de apenas um tipo de Linguística, a social, afirmando não haver necessidade de realçar o caráter social da língua na nomenclatura dessa ciência.

Sociolinguística Variacionista

A Sociolinguística Variacionista, também conhecida como Sociolinguística Quantitativa ou Sociolinguística Laboviana, é um campo de estudos que analisa os fenômenos linguísticos presentes na fala, ou seja, na língua em seu uso real. A “sociolinguística estuda a língua falada, em uso, e suas relações em sua comunidade, região ou grupo social que a utiliza. Se ocupa de analisar os fatos linguísticos, heterogêneos, não os separando da sociedade” (Carraro, 2016, p. 24). Ela revela que existe variação, detendo- e na explicação das causas tanto linguísticas quanto sociais dessa variação.

O surgimento da Sociolinguística, despontada nos Estados Unidos, na década de 1960, se deve principalmente aos estudos do americano William Labov, considerado o fundador da Sociolinguística Variacionista. “Labov compreende a língua como uma característica do mundo real, exterior ao indivíduo, pertencendo, portanto, à sociedade. Além disso, esse autor considera a comunidade de fala como a mais importante realidade social” (Silva, 2009, p. 82).

Para essa ciência, a língua existe enquanto interação social, sendo transformada de acordo com o contexto sócio-histórico; as modificações existentes na língua perpassam os fatores internos, abrangendo também os fatores externos. A constituição dessa teoria ocorre principalmente como uma espécie de resposta a duas correntes anteriores, já mencionadas no corpo deste trabalho: o Estruturalismo, de Saussure, e o Gerativismo, de Chomsky.

Em oposição a alguns estudos anteriores, Labov considera o falante-ouvinte-real como aquele que usa variações, possui deslizos de memória e vai se adaptando à comunidade de fala

à qual pertence. Esse foi o grande salto dos estudos labovianos: transformar o aparente “caos” linguístico em um objeto de estudo, percebendo que a língua oral, diferente do que se pensava até o momento, também segue regras e obedece a uma estrutura. Nota-se, nesse sentido, que a ordenação possui uma explicação, robustecendo que o "pressuposto básico do estudo da variação no uso da língua é o de que a heterogeneidade linguística, tal como a homogeneidade, não é aleatória, mas regulada, governada por um conjunto de regras" (Naro, 2013, p. 15 *apud* Oliveira, 2017, p. 07).

O primeiro estudo de Labov foi acerca do inglês utilizado na fala dos habitantes da ilha de *Martha's Vineyard*, no Estado de Massachusetts, nos Estados Unidos, em 1963. Esse estudo foi a dissertação de mestrado de Labov, com a orientação de Uriel Weinreich, e o autor observou uma maneira peculiar na forma como os informantes articulavam os ditongos (ay) e (aw) centralizados no aparelho fonador. O ponto de partida dessa pesquisa

[...] foi a variação em uma ou mais palavras na fala de um ou mais indivíduos. Para o autor, essas variações podem ser induzidas pelos processos de assimilação ou dissimilação, por analogia, empréstimo, fusão, contaminação, variação aleatória ou outros processos em que o sistema linguístico interaja com as características fisiológicas ou psicológicas do indivíduo (Souza, 2012, p. 46).

Os indivíduos observados para a pesquisa de Labov eram os moradores da ilha, composta de modo geral por famílias de procedência inglesa, portuguesa, indígena e por pessoas de outras origens, devido ao fato de a ilha ser um ponto turístico, e recebendo muitas pessoas de outros lugares durante as temporadas.

Labov observou que a comunidade sofreu influências sociais dramáticas provocadas por veranistas do continente e que os habitantes “nativos”, ressentindo-se de tal invasão cultural e econômica, marcavam a pronúncia dos ditongos como forma de demarcar seu espaço, sua identidade, sua cultura, seu perfil de comunidade e de grupo social, e concluiu que o estilo articulatório seria objeto de avaliação social. Portanto, variáveis linguísticas particulares poderiam ser afetadas pela tendência geral rumo ao favorecimento de uma postura articulatória, sob a influência das forças sociais (Salomão, 2011, p. 191).

Labov (2008 [1972]) conclui que a centralização dos ditongos acontecia principalmente devido à resistência da população local em relação à invasão dos veranistas na ilha, funcionando como uma forma de reivindicar simbolicamente os direitos e privilégios locais. Com a presença dos turistas, aconteceram algumas mudanças sociais significativas, sobretudo quanto as mudanças linguísticas. A maneira linguística para pronunciar os ditongos utilizados pelos veranistas era a forma prestigiada socialmente, já que se parecia muito com a pronúncia do inglês padrão; por outro lado, a forma mais utilizada pela população local era a conservadora e a que não tinha tanto prestígio.

Com esse primeiro estudo de Labov, observa-se que a Sociolinguística analisa principalmente o processo de interação entre fala e sociedade, buscando compreender quais fatores vão influenciar no uso de uma ou de outra variante, estabelecendo uma forma de sistematizar o processo de variação linguística. A Sociolinguística Variacionista estuda a língua em uso em uma comunidade linguística. Essa língua é heterogênea, ou seja, não é falada da mesma forma por todos os membros da comunidade. A grande questão da Sociolinguística Variacionista é identificar e analisar se um determinado cenário de variação linguística evoluirá e se concretizará como mudança linguística ou não.

Em seu texto clássico, Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1975]) afirmam que estruturas heterogêneas são parte da competência linguística, ou seja, necessárias para o funcionamento real de qualquer língua e o indivíduo tem capacidade para codificar e decodificar essa heterogeneidade. Assim, para os variacionistas, a variação e a mudança são inerentes às línguas. A variação não é vista como um efeito do acaso, mas como um fenômeno cultural motivado por fatores linguísticos e por extralinguísticos, e não é assistemática (Salomão, 2011, p. 190).

No que tange à variação e à mudança linguística, com os estudos sociolinguísticos, é possível identificar que o processo de mudança vai acontecer quando há a utilização de duas ou mais variantes em uma única comunidade de fala, ou seja, quando elas acontecem e coocorrem entre si ao longo dos anos e há a sobreposição de uma variedade sobre as demais, o que efetiva a mudança linguística. Outro fato que pode ocorrer é de as variantes manterem-se no uso da língua da comunidade, caracterizando-se como uma variação estável (Ribeiro; Lacerda, 2013). Nesse sentido, é impossível acontecer uma mudança linguística sem que antes tenha acontecido uma etapa de variação entre duas ou mais variedades que disputam um espaço na língua, porém, nem toda variação resulta em mudança. Desse modo, segundo Labov, citado por Silva (2009):

[...] a mudança linguística não é, de forma alguma, constante. A mudança é esporádica e se move rapidamente em algumas regiões da estrutura, deformando-as e impedindo seu reconhecimento em um século ou dois. Esse processo de mudança, em um determinado momento, cessa repentinamente, de forma que certas regras, outrora normais, tornam-se inconcebíveis e não-naturais em uma década, desaparecendo por milênios para fornecer a ilusão de estabilidade (Silva, 2009, p. 83).

São inúmeros os apontamentos trazidos a partir da consolidação da Sociolinguística, e para fundamentar os pressupostos da área algumas obras são de grande destaque, dentre elas:

Fundamentos empíricos para uma teoria da variação linguística, publicada em 1968 por Weinrich, Labov e Herzog; *Padrões sociolinguísticos*, publicada por Labov em 1972 e traduzido para o português por Marcos Bagno, em 2006; e *Building on Empirical Foundations*, do mesmo autor, de 1982 (Bail, 2020, p. 33).

Labov, desde o surgimento dos estudos sociolinguísticos, tem desenvolvido diversos trabalhos voltados para o estudo da língua em seu contexto social, tendo como enfoque, sobretudo, a variação fonético-fonológica da Língua Inglesa.

Sociolinguística no Brasil

Segundo Freitag (2016), a Sociolinguística de orientação variacionista é uma das áreas mais produtivas e abrangentes de estudos linguísticos no Brasil. Seu início no país se deu a partir de uma disciplina ministrada pelo professor Anthony Julius Naro, acerca dos contatos linguísticos, no curso de mestrado da PUC/RJ, em 1976; contudo, foi apenas em 2006 que houve a primeira tradução da obra de William Labov para o português: *Fundamentos empíricos para uma mudança linguística* e, em 2008, a tradução da obra *Padrões Sociolinguísticos*. Para melhor compreensão do processo histórico, Freitag (2016) aborda com mais detalhes todo o processo de estudos desse campo, explanando o processo da chegada da Sociolinguística no Brasil.

Este mesmo autor destaca que, nesse campo de estudos, o Movimento Brasileiro de Alfabetização (Mobral) teve um importante papel para o surgimento dos estudos sociolinguísticos no país. Instituído pela Lei nº 5.379, em 1967, o Mobral teve como finalidade atender a alfabetização de jovens e adultos que desistiram da escola, “visando conduzir a pessoa a adquirir a habilidade da leitura, da escrita e do cálculo como meio de integrá-la à sua comunidade, permitindo melhores condições de vida na sociedade” (Freitag, 2016, p. 452). Mais tarde, esse programa foi substituído por outros, mas, para entender a Sociolinguística no Brasil, salienta-se o contexto do Mobral e a sua relação com essa linha de pesquisa.

De acordo com Freitag (2016), de 1969 a 1974, o Mobral foi presidido por Mário Henrique Simonsen¹, que fez com que o programa se aproximasse dos interesses do capital, com o estímulo da Ford, que financiou o projeto de Competências Básicas do Português (1977), tendo como proposta cumprir dois requisitos principais: ser pesquisa e utilizar o computador. Assim, visando atender a tais interesses, Gregory Guy veio para o Brasil, a pedido de Labov, para realizar uma coleta de dados e trazer os programas computacionais para o projeto. Foi com essa proposta que a Sociolinguística adentrou o território brasileiro, caracterizando-se pela operacionalização em bancos de dados linguísticos. Freitag (2016, p.452) aponta que:

¹ Mário Henrique Simonsen foi um engenheiro, economista, professor e banqueiro brasileiro. Entrou para a história como um professor que formou gerações de economistas.

Segundo relata Anthony Naro, em entrevista a Sebastião Votre, Claudia Roncarati e Rebeca Nascimento (2008), Miriam Lemle ² o procurou para articularem a proposta sob encomenda do Mobral que tinha que cumprir dois requisitos: ser pesquisa e ter o uso do computador. Naro disse que sabia o que fazer, pois tinha assistido anteriormente a uma palestra de Labov, em Chicago; entrou então em contato com ele, que indicou Gregory Guy, que veio ao Brasil realizar coleta de dados e trazer os programas computacionais para o projeto. E assim a sociolinguística variacionista se torna uma linha de pesquisa no Brasil. Não foi algo planejado; foi, segundo Naro, um “conjunto de circunstâncias” (e interesses) que levou a este empreendimento.

O Programa de Estudos sobre o Uso da Língua - Peul, implementado por Anthony Naro, foi o primeiro a seguir os pressupostos metodológicos da Sociolinguística Variacionista no Brasil. Segundo Freitag (2016), o Peul tinha como principal finalidade estudar o português falado no Rio de Janeiro. Em 1980, a amostra do Censo realizou gravação com sessenta e quatro informantes, dos quais dezesseis foram recontactados na amostra do Censo 2000, momento em que outras trinta e duas entrevistas foram feitas. Essas amostras envolvem a cidade do Rio de Janeiro em duas fatias temporais. A metodologia laboviana fez um número maior de entrevistas em uma mesma fatia temporal e em uma área geográfica definida. Os outros bancos de dados sociolinguísticos do Brasil seguem as mesmas diretrizes, fundamentando-se em

comunidades de fala, com seleção dita “aleatória” de informantes que tenham nascido na comunidade, onde tenham vivido pelo menos 2/3 de suas vidas, filhos de pais com as mesmas características e reconhecidos pelos pares como membros da comunidade de fala (Freitag; Martins; Tavares, 2012, *apud* Freitag, 2016, p. 453).

A amostra é estratificada devido a características sociodemográficas como sexo, idade, escolaridade e lugar de moradia compondo, a partir das características sociodemográficas, “células sociais, sempre ortogonais (a mesma quantidade de informantes por célula) (Freitag, 2016, p. 453).

Freitag (2016) afirma que o objetivo do Projeto Censo da Variação Linguística do Estado do Rio de Janeiro era buscar a norma urbana não-culta do português falado no Brasil, pois a variedade padrão era objeto do projeto Norma Urbana Culta- NURC, projeto que não seguia as diretrizes da Sociolinguística Variacionista, mas possibilitava o controle de aspectos estilísticos e sociais/dialetais. A abordagem a partir de bancos de dados sociolinguísticos possibilitou descrever o português brasileiro, permitindo a comparação de resultados e contribuindo para uma norma brasileira com descrições sociolinguísticas em interface teórica tanto com abordagens formais como com abordagens funcionais.

² Miriam Lemle foi uma das pioneiras da linguística gerativista no Brasil. Atuou em áreas diversas e influenciou várias gerações de linguistas.

No Brasil, a Sociolinguística priorizou as interfaces teóricas em detrimento dos papéis sociais, com coletas de dados de número reduzido de informantes por comunidade de fala, devido a dois fatores: produção de dados para alimentar modelos teóricos de língua e a força de políticas de financiamento e nucleação da pesquisa na pós-graduação.

Em relação às políticas de financiamento de projetos, são priorizados aqueles que atendem a um número maior de pesquisadores. O Peul, em 1987, concentrava um grupo de pesquisadores que possuía o comum objetivo de trabalhar com a língua em uso e questões gerais de variação e mudança linguística. Já o VARSUL³ tinha como objetivos:

- a) subsídios para a descrição do português falado no País; b) condições para teste e desenvolvimento de teorias linguísticas; c) condições para a formação de novos pesquisadores; d) subsídios para programas educacionais, promovendo o conhecimento e o respeito às variedades linguísticas (Bisol; Menon; Tasca, 2008, p. 50-51, *apud* Freitag, 2016, p. 454).

A partir desse direcionamento provém a consideração de que, em muitos trabalhos que utilizam bancos de dados sociolinguísticos no Brasil, a Sociolinguística é adotada como uma metodologia e não como uma teoria. Deve-se ponderar também que embora a Sociolinguística seja classificada em alguns momentos como “teoria”, Labov irá considerá-la mais tarde como um campo científico.

Crenças e Atitudes Linguísticas

Graças aos conceitos postulados pela Sociolinguística, enfatizamos que a língua é uma parte importante e constituinte da sociedade, sendo a principal forma de comunicação dentro do conjunto de elementos que se imbricam na linguagem. A função da língua, no entanto, perpassa o valor comunicativo, alcançando um aspecto muito relevante, o viés social. Nesse sentido, Rossa (2017, p. 24) afirma que devemos conceber “a língua não apenas como um meio de interação, mas sim como uma ponte pela qual valores, conhecimentos e a cultura de uma comunidade são transmitidos de uns indivíduos para outros”. Este fato acontece pela língua e principalmente por meio da fala, que reflete o que somos: nossas origens, costumes, idade, gênero, enfim, muito da nossa identidade é revelada.

Ponderando a respeito do valor social que a língua possui, é comum que os falantes de uma determinada língua apresentem certos sentimentos, crenças e atitudes em relação à sua própria língua, bem como em relação à língua dos outros indivíduos. A Sociolinguística tem mostrado essa característica, ao constatar que os diversos e distintos falares fazem com que os

³ O Banco de Dados VARSUL abrange os dados de fala de localidades sócio e culturalmente significativas dos três Estados do Sul do país.

indivíduos criem imagens a respeito de um falante, ou seja, as diferentes formas de falar despertam nas pessoas, crenças e atitudes linguísticas. A esse respeito, Marques e Baronas (2015, p. 02) afirmam:

É tarefa da Sociolinguística observar as atitudes linguísticas, já que fazem referência ao problema da avaliação, relativo às análises do falante quanto à sua variedade linguística e à de outros falantes. De certa forma, as atitudes linguísticas influenciam a variação e as mudanças da língua tanto quanto o ensino da variedade culta e da variedade popular.

Desse modo, “as crenças e as atitudes linguísticas estão intrinsecamente ligadas às noções que o falante tem da própria língua” (Correia, 2022, p. 12). Estas noções e conceitos formulados a respeito da própria língua são concebidos desde muito cedo, na infância, já que desde pequenos somos ensinados a falar de determinada maneira, de um jeito considerado “certo”, prestigiado socialmente e, conseqüentemente, mesmo que não percebamos, aprendemos a categorizar a língua em certa, errada, bonita e feia, dependendo de como se fala. A esse respeito, Carraro (2016) aponta que

os sujeitos categorizam a língua em escalas ‘de valores e, por isso, por intermédio dela podemos explicar a vida de uma sociedade, é correto pensar que existem determinados grupos que se reconhecem por meio da língua que utilizam e que possuem crenças sobre a língua que falam e, conseqüentemente, refletem estas crenças em suas atitudes (Carraro, 2016, p. 37).

É esse aspecto e outros que estão relacionados que fazem parte de um campo de estudos específico da Sociolinguística, denominado de Crenças e Atitudes Linguísticas. Acerca da origem desses estudos, Botassini (2011, p. 69) destaca que tiveram início no campo da Psicologia Social, que até os anos 1960 utilizava apenas a linguagem para obter dados. Para Marques e Baronas (2015, p. 02): “Os estudos da Psicologia Social, [...] revelam os papéis exercidos pelos motivos, crenças e identidade no comportamento linguístico. Nessa área, as atitudes constituem um fenômeno psicológico com significado social”.

Mais tarde surgem as formulações de Wallace Lambert (1967), precursor dos estudos das atitudes linguísticas, cuja preocupação era abarcar os aspectos social, ideológico e cultural da linguagem, deixando em evidência os estudos acerca da diversidade linguística na área da Sociolinguística.

Segundo Aguilera e Silva (2014), citados por Rossa (2017, p. 50), as crenças e atitudes linguísticas ganharam um espaço relevante nos estudos atuais, devido à ampla disseminação de línguas, dialetos e variedades que representam as classes sociais mais elevadas, possuindo um lugar com maior *status*, como é o caso da língua inglesa, um idioma conhecido universalmente. Esses estudos, segundo Dias (2014, p. 92),

[...] possibilitam compreender e detectar, entre outros aspectos, os fatores de mudança linguística, os preconceitos linguísticos em relação às variedades linguísticas e aos seus falantes, os quais podem contribuir para a desvalorização de variedades dialetais e, por extensão, de marcas de identidade. Isso pode, por exemplo, levar algumas pessoas a mudar seu modo de falar deliberadamente, a fim de sugerir origens sociais ou regionais que, na verdade, não possuem.

É certo afirmar que as definições existentes para os conceitos de crenças e atitudes linguísticas ainda não são tão unânimes e precisas, visto que há a falta de consenso entre os pesquisadores e entre os trabalhos que abordam essa temática. Como Smaha (2018) assegura, para alguns estudiosos da área a crença faz parte da atitude; já, para outros, a atitude linguística é constituinte da crença. Admitindo tal dificuldade, Botassini (2013, p. 48) afirma que

definir o termo “crenças” é mais difícil que definir o termo “atitudes” devido à quantidade de trabalhos publicados, em relação ao tema, que se dedicaram pouco em relação ao primeiro termo. A autora afirma que, nestes trabalhos, os termos aparecem “estritamente imbricados”, deste modo, torna-se difícil tratar de um sem se referir ao outro”.

Balthazar (2016), por exemplo, prefere abordar os dois conceitos unidos, afirmando que é desnecessário separá-los, já que as atitudes linguísticas são avaliações, sentimentos ou comportamentos positivos, negativos ou até mesmo neutros perante uma língua ou em relação aos usuários dela, e as crenças são um componente da atitude. Nesse sentido, podemos afirmar com base na pressuposição de Balthazar que entre os falantes “naturalmente” há a presença de determinados sentimentos, tanto em relação às suas próprias línguas quanto em relação à língua e o modo de falar dos outros falantes. As imagens, sentimentos e julgamentos de um falante são concebidos a partir do que ouvimos e a forma como as palavras são pronunciadas.

Embora concordemos em muitos aspectos com Balthazar, para esta pesquisa trataremos os termos Crenças e Atitudes Linguísticas assim como Botassini (2013) fez em sua tese de doutorado, *Crenças e Atitudes Linguísticas: um estudo dos róticos em cada sílábica no Norte do Paraná*, ou seja, os termos serão analisados separadamente.

Em linhas gerais, distinguiremos os referidos termos da seguinte maneira: **crenças** como um pensamento de que a forma como falamos é melhor do que a de outras pessoas, e **atitudes** como atos de intolerância, desprezo e tentativa de camuflar a própria língua, por exemplo (Rossa, 2017, p. 50); mas consideraremos, sobretudo, as crenças e atitudes como um comportamento adquirido, sendo passível de modificação.

Crenças

O termo **Crenças** apresenta múltiplos significados, visto que diversas áreas do conhecimento fazem uso desse termo para discutir questões relevantes para si, e “em todas as áreas existe uma dificuldade em chegar a um consenso” (Balthazar 2016, p. 31). Para alcançar os objetivos desta pesquisa, enfatizaremos principalmente as significações postuladas por estudos da Sociolinguística.

Buscando as definições propostas por pesquisas da área da Sociolinguística, nota-se que apresentam um número maior de reflexões voltadas ao termo “atitudes” em detrimento de “crenças”, devido à dificuldade de consenso do termo, o que torna ainda mais árduo o trabalho de definir este último termo. Além disso, outra dificuldade está no fato de que muitas das significações encontradas para ambos os termos tratam as palavras em conjunto, imbricadas, o que deixa mais complexa a busca por uma definição específica de cada termo. Na tentativa de explicar com mais segurança esse vocabulário e suas acepções de maneira separada, buscamos respaldo na concepção proposta por Labov (2008 [1972]) em definições apresentadas por outros pesquisadores dessa mesma área.

Inicialmente, a respeito do termo Crenças, há a definição de William Labov, o qual afirma ser “um conjunto uniforme de atitudes frente à linguagem que são partilhadas por quase todos os membros da comunidade de fala, seja no uso de uma forma estigmatizada ou prestigiada da língua em questão” (Labov, 2008 [1972], p. 176). Nesse sentido, pode-se afirmar, concordando com Marques e Baronas (2015), que as crenças de um grupo social são uma espécie de verdades culturais impostas a cada sujeito que faz parte desse grupo.

No trabalho de Carraro (2016), intitulado *Crenças e atitudes linguísticas: Um estudo sobre a língua espanhola como língua estrangeira*, encontramos um conceito proposto por Barcelos (2006) para o termo crença, o qual o concebe como sendo uma maneira de pensar, construir a realidade, ver e perceber o mundo e seus fenômenos a partir de nossas experiências, que resultam de um processo interativo de interpretação e (re)significação. As crenças, segundo ele, são sociais, mas também individuais. Nesse sentido, as crenças são construídas, por isso não são estáticas, já que podem ser modificadas ao longo do tempo, de acordo com as nossas próprias experiências ou as experiências vivenciadas em sociedade.

A crença é, nesse sentido, uma opinião e um ponto de vista. Sua importância se dá principalmente ao auxiliar os falantes de uma língua em sua consciência linguística a alterar os códigos, bem como para utilizar línguas alternadas.

As crenças, segundo o que Correia (2022, p. 12-13) propõe em sua pesquisa, abarcam as noções positivas ou negativas que o sujeito tem acerca de um objeto, relacionando-se mais com a valoração do indivíduo e as emoções favoráveis ou desfavoráveis frente ao objeto. Ele destaca

que essas reações não precisam ser necessariamente uma ação direta, podendo ser algo mais velado.

Para Balthazar (2016), as crenças são dinâmicas, mutáveis e dependem do contexto em que a pessoa está inserida. Portanto, não são sempre as mesmas em todos os locais, variando de acordo com as circunstâncias em que o indivíduo se encontra.

Atitudes Linguísticas

Dentro da Sociolinguística há um campo específico para o estudo das Atitudes Linguísticas, “a área que se ocupa com os aspectos teóricos de atitudes é a sociopsicologia”⁴(Kaufmann, 2011, p. 122).

Corbari (2012), citado por Marques e Baronas (2015), afirma que os estudos referentes às Atitudes Linguísticas são de fundamental importância para a Sociolinguística, pois além de revelarem muitos aspectos fundamentais para o entendimento de uma comunidade de fala, influenciam significativamente nos processos de variação e mudança linguística, já que afetam na escolha de uma língua que será utilizada em detrimento de outra.

Segundo Kaufmann (2011), a

Sociolinguística analisa o comportamento linguístico desde um ponto de vista sociológico. Entre fatores como idade, sexo e classe social, atitudes são consideradas importantes para explicar este comportamento. Superficialmente, por exemplo, poder-se ia acreditar que uma língua minoritária não é mantida por falta de atitudes positivas para com essa língua. O que torna o trabalho com atitudes um pouco difícil é o fato de que, diferentemente da idade, do sexo e da classe social, a atitude é um conceito algo evasivo (Kaufmann, 2011, p. 121).

A respeito do conceito “atitude linguística”, pode ser considerado, assumido e manifestado por um falante a partir de marcações das preferências de aceitação ou negação frente a uma língua ou a um determinado fenômeno linguístico presente na fala.

Na Sociolinguística, atitudes são aplicadas para analisar fenômenos em relação ao comportamento linguístico, seja este comportamento vinculado a variantes específicas de uma variedade ou às variedades em si (por exemplo, perda ou manutenção delas). A aplicação de um conceito alheio, contudo, sempre envolve o perigo de um entendimento não atual, seletivo ou até errado. Por conseguinte, é fundamental haver pelo menos um conhecimento básico do conceito na ciência original. Quasthoff descreve atitudes da seguinte maneira, modificando uma definição de Allport: “Uma atitude é um estado mental e neural de prontidão, organizado através da

⁴ A Sociopsicologia surge da interseção entre a Sociologia e a Psicologia. Objetiva-se, com ela, compreender como os fatores sociais influenciam a mente e o comportamento das pessoas, sendo possível ponderar como as relações sociais impactam nossa saúde mental e nossas atitudes.

experiência, exercendo uma influência diretiva ou dinâmica sobre a resposta de um indivíduo a todos os objetos e situações aos quais está relacionada (Kaufmann, 2011, p. 122).

As predisposições a raciocínios são capazes, portanto, de revelar os prestígios ou estigmas diante de um fenômeno que ocorre na língua. Além disso, as atitudes linguísticas implicam e trazem consigo também a noção de identidade, a qual pode ser definida como um conjunto de características que possibilitam a diferenciação de um grupo para o outro. A identidade pode ser dividida de duas maneiras:

objetiva, ou seja, caracterizando-a pelas instituições (educacionais, artísticas, políticas, culturais, sociais, religiosas) que a compõem e pelas pautas culturais (usos, costumes, tradições) que lhe dão personalidade; ou (ii) subjetiva, antepondo o sentimento de comunidade partilhado por todos os seus membros e a idéia de diferenciação com respeito aos demais (Fernández, 1980, p. 180 *apud* Aguilera, 2008, p. 106).

A atitude linguística é formada por três componentes que estão no mesmo nível, segundo Morales (1993, *apud* Marques; Baronas, 2015, p. 03): o *cognoscitivo*, saber ou crença, indicando todas as percepções, crenças e estereótipos dos indivíduos, refletindo, desse modo, as convicções acerca do objeto da atitude; o *afectivo*, que abarca as emoções e os sentimentos, considerando a avaliação positiva ou negativa do objeto da atitude, e o *conductual*, conduta, que diz respeito ao comportamento do indivíduo, sua predisposição para atuar de certa maneira; dependendo do objeto, os valores e crenças são transformados em intenções comportamentais. Isso significa que a atitude linguística de um indivíduo é efeito do conjunto de suas crenças, conhecimentos, afetos e tendências, pois são esses aspectos que levam o sujeito a se comportar de uma determinada maneira perante uma língua ou de uma situação sociolinguística (Aguilera, 2008, p. 106).

Assim, para esse autor, a atitude é composta por crenças, e “é a construção de crenças que gera as atitudes específicas sobre um objeto, podendo ele ser linguístico, como a língua em uso” (Marques; Baronas, 2015, p. 03). Ainda a esse respeito, Fernández (1998, *apud* Dias, 2014, p. 92) discorre que a atitude linguística é a forma como a língua é utilizada pelas pessoas na sociedade, uma espécie de atitude social que cada indivíduo possui a respeito da língua.

Embora as definições não sejam totalmente unânimes entre os estudiosos do campo de estudo denominado Crenças e Atitudes Linguísticas, sabe-se que é de fundamental importância para o avanço e aprimoramento dos estudos da Sociolinguística, tanto que Moreno Fernández (1998, *apud* Fenner, 2013, p. 32) ressalta

a importância que os estudos das atitudes linguísticas têm, no campo da Sociolinguística, para conhecer mais profundamente assuntos como a escolha de uma língua em sociedades multilíngues, a inteligibilidade, o planejamento linguístico ou o ensino de línguas; além disso, as atitudes influem decisivamente nos processos de variação e mudança linguísticas que se produzem nas comunidades de fala (Moreno; Fernández, 1998, p. 179, *apud* Fenner, 2013, p. 32).

No tocante a esse aspecto percebemos a relevância dos estudos da área, visto que tanto as Crenças quanto as Atitudes Linguísticas influenciam diretamente nas questões das mudanças linguísticas que acontecem na língua, sobretudo nas línguas minoritárias, como o Talian, por serem línguas inseridas em comunidades de contato linguístico complexo e que sofrem fortes pressões externas.

Políticas linguísticas

Como definição para políticas linguísticas, Rajagopalan (2013, p.30) afirma que “O termo política linguística ‘[...] é utilizado para se referir às mais diversas atividades de cunho político que [...] giram em torno da linguagem”

Observa-se que as políticas linguísticas podem ser tanto públicas quanto privadas:

No âmbito das políticas linguísticas privadas, encontram-se, por definição, as políticas linguísticas familiares, onde se incluem as crenças, por exemplo, sobre o processo de aquisição da linguagem, sobre línguas específicas e sobre a relação entre línguas e inteligência. Por sua vez, essas crenças ou ideologias ligam-se a atitudes sociais mais amplas em relação a certos segmentos da população, como aos imigrantes e às minorias étnicas, assim como às práticas e aos estilos familiares (King; Fogle; Logan-Terry, 2008, *apud* Mozzillo, Spinassé, 2020, p. 1303).

Nesse sentido, é importante fazer política linguística de um modo que não seja isolado e distante, mas em diálogo com os falantes, pois envolve a saúde linguística dos cidadãos de um país e o exercício da cidadania. Como apontam Oliveira e Altenhofen (2011, p. 189), é necessário “focar esse aspecto, referindo-se à expressão *questões linguísticas* como o conjunto dos contextos e situações da vida social em que o uso das línguas desencadeia alguma relação de significância social”. Lagares (2018) afirma:

As mutações relativas ao espaço ocupado pelas línguas estão fortemente relacionadas às políticas linguísticas. Neste estudo, tomamos como conceito de políticas linguísticas “[...] todas as intervenções que afetam a linguagem, institucionais ou não, conscientes ou inconscientes (Lagares, 2018, p. 27).

O Brasil possui uma vasta diversidade linguística, ou seja, inúmeras línguas são encontradas em território nacional, tornando-o vasto em seu aspecto linguístico e cultural. Nesse sentido, há diversas línguas: indígenas, crioulas, afro-brasileiras, de imigração, de Sinais e

variações do Português, por exemplo. No entanto, a convivência com os diversos falares que podem ser encontrados no mesmo território nem sempre “tem sido harmônica e pacífica, na sociedade” (Raso; Mello; Altenhofen, 2011, p. 42). Conforme estes autores:

A história e a tradição linguística brasileira são um exemplo dessa relação conturbada, que só mais recentemente vem revertendo seu rumo para ações pró-diversidade linguística. A despeito desses esforços, ainda são comuns, infelizmente, mitos e ideologias resultantes de políticas linguísticas majoritárias e monolingualizadoras. Poder-se-ia, como exemplo afirmar que não obstante as cerca de 210 línguas sobreviventes ainda faladas no Brasil, provavelmente a maioria absoluta dos brasileiros apresentaria o Brasil como país monolíngue, supostamente de falantes de uma única língua e homogênea difundida por todos os recantos da vasta extensão do território, sem contato com qualquer variedade de fala diferente (Raso; Mello; Altenhofen, 2011, p. 42).

Há diversas línguas e variedades de fala no Brasil, as quais inúmeras vezes são alvo de preconceito, que se fundamenta na crença de que só existe uma única língua, a língua portuguesa e, mais especificadamente, a língua portuguesa dentro dos parâmetros formais, ou seja, aquela ensinada nas instituições escolares e catalogada nos dicionários e nas gramáticas. Nesse sentido:

[...] qualquer manifestação linguística que escape desse triângulo escola-gramática-dicionário é considerada, sob a ótica do preconceito linguístico, “errada, feia, estropiada, rudimentar, deficiente”, e não é raro a gente ouvir que “isso não é português” (Bagnó, 1999, p. 38).

O preconceito enraizado em nosso país em relação à língua falada se dá principalmente porque, em determinado momento da história, sobretudo na Era Vargas, surgiu uma política linguística que determinou o uso exclusivo da Língua Portuguesa em detrimento das outras, ignorando os diversos falares encontrados em território brasileiro. Diante desta determinação, muitas variações da Língua Portuguesa foram silenciadas e acabaram se “perdendo”.

Essa imagem de unidade da língua nacional brasileira fez, portanto, que se criasse, de certa maneira, uma imagem alterada do panorama linguístico do Brasil, considerando-o como um país monolíngue, dominado pela Língua Portuguesa em seu vasto território, escondendo a realidade plurilíngue, marcada pela coexistência de diversas línguas com o português (Ferraz, 2007, p. 44).

A Era Vargas (1930-1945) trouxe um momento obscuro para todos os imigrantes, ficando conhecida e marcada pela adoção de uma política extremamente nacionalista, a qual, na tentativa de “abrasileirar” todos os estrangeiros, repreendeu severamente os imigrantes. Na busca da valorização apenas do “nacional” em detrimento do estrangeiro, dentre outras medidas adotadas pelo governo, tornou-se obrigatório, no país, o uso exclusivo do idioma nacional no território brasileiro, fazendo com que os estrangeiros que se instalaram em terras brasileiras, ao serem forçados a negarem sua própria língua e origem, perdessem também sua identidade linguística e cultural.

Para propagar de forma mais efetiva a ideologia nacionalista e a política linguística vigente e obrigatória da época, foi criado, em 1939, o Departamento de Imprensa e Propaganda, (DIP), o qual pôs a serviço do governo todos os meios de comunicação. “A censura aos meios de comunicação propiciou ao governo um caráter homogêneo de informação, moldando à sua maneira, o que o povo deveria ou não saber” (Rocha, 2023, p. 01). E ainda:

O grande objetivo de Vargas com a criação do DIP era o de sujeitar toda a imprensa a seu favor, manipulando a opinião pública segundo suas convicções políticas. Sendo assim, o povo brasileiro rende-se ao seu ideário nacionalista e a perseguição contra os que não se enquadram neste sistema se inicia (Rocha, 2023, p. 01).

As ações de repressão instauradas em território brasileiro em relação às línguas faladas pelos estrangeiros induziram, portanto, centenas de imigrantes a adentrarem forçadamente na cultura brasileira. Muitos deles, que sabiam falar apenas sua língua materna se viram, de repente, obrigados a aprenderem e a se comunicarem apenas na língua portuguesa, pois a prática e a difusão de qualquer língua estrangeira eram reprimidas, punidas e substituídas. De acordo com Sturz e Fiepke (2017, p. 125), “[...] no momento em que iniciou o processo de nacionalização, os imigrantes de origem europeia foram imensamente marcados, e as regiões com influência estrangeira começaram a ser vigiadas”.

Essa política linguística restritiva vigente na época resultou em momentos obscuros aos imigrantes, culminando em fortes perseguições e repressões, fato que trouxe inúmeras consequências linguísticas e culturais para esses povos durante um longo período da história. “A política linguística do governo Vargas gerou na alma e no coração de todos os imigrantes e seus descendentes, empenhados no desenvolvimento do país desde o início da imigração, uma profunda mágoa histórica” (Sturz; Fiepke, 2017, p. 124).

As marcas deixadas por esse momento político e as consequências dele, mesmo que a passos lentos, vêm sendo superadas graças a movimentos organizados por determinados grupos de descendentes de imigrantes, que lutam em busca de representatividade, salvaguarda e valorização da sua língua de origem. Em relação ao Estado, nota-se que recentemente há “a compreensão da diversidade linguística nacional como um valor”. (IPHAN, 2016, p. 23). E após anos “sem voz”, surgem em nosso território diversas mobilizações, a fim de desmistificar o cenário linguístico nacional.

A Política Linguística nasce a partir da necessidade de dar “voz” a diversos falares silenciados, sendo uma área imprescindível para os estudos da linguagem, cuja preocupação é com as relações entre o poder e a língua, pois nenhuma escolha é neutra e a língua é objeto de poder. Em 1970 na aula inaugural no College de France Michel Foucault aborda essa questão desvendando a relação entre os discursos e os poderes. Para esse autor, o discurso não é apenas aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas pelo que se luta. Nesse sentido,

apresenta uma crítica acerca da institucionalização do discurso, que, devido ao seu apreço demasiado, confere poderes de exclusão e interdição.

A Política Linguística é um campo recente no Brasil, sendo considerada como disciplina apenas a partir da segunda metade do século XX, porém, muito necessária, já que é primordial para que existam esforços concretos visando à promoção, manutenção e revitalização das línguas. Ela faz parte das ações que serão tomadas pelo Estado em relação às línguas, pois o uso ou não delas é uma questão política, a qual passa por diversas negociações em nível do Estado.

Considerando o espaço ocupado pelas línguas diante da sociedade e as políticas linguísticas como uma maneira de intervir, talvez a forma mais direta e concreta seja a cooficialização de uma língua, pois, além de garantir a legitimidade da língua, lhe dá o direito de ser utilizada nos espaços públicos e privados. Porém, nem sempre as ações pretendidas com a cooficialização são de fato realizadas, ficando apenas no papel.

De acordo com Spolsky, a Política Linguística possui três elementos interligados, os quais precisam estar em consonância, já que dependem um do outro: “práticas, crenças e gestão” (Spolsky, 2016, p. 35). As práticas linguísticas, segundo a mesma autora, são as escolhas e os comportamentos que podemos observar nas pessoas, constituindo-se como a variedade de linguagem utilizada, constituindo-se como política, já que são regulares e previsíveis. O segundo elemento é formado por crenças acerca da linguagem. Segundo Spolsky (2016, p. 35), “As crenças mais significativas são os valores atribuídos às variedades e aos traços”. E o terceiro componente é a gestão linguística, que consiste no “esforço observável e explícito realizado por alguém ou algum grupo que tem ou afirma ter autoridade sobre os participantes de um domínio para modificar suas práticas ou crenças” (Spolsky, 2016, p. 36).

Cada um dos três elementos mencionados ajuda a esclarecer as escolhas linguísticas dos participantes. O mais forte de todos é a prática linguística, já que, conforme reitera Spolsky (2016), em sua falta não existe outro modelo de linguagem disponível para se aprender. A criança que vive em um ambiente monolíngue não tem as mesmas possibilidades que são oferecidas a uma criança que vive em um ambiente bilíngue. Os outros dois componentes também são importantes, visto que as crenças acerca das variedades linguísticas disponíveis para a escolha com base nas percepções do uso dentro e fora do domínio familiar ajudam a explicar as escolhas linguísticas, bem como as decisões de gestão. Por fim, cabe ressaltar que as Políticas Linguísticas nem sempre são suficientes para valorizar o plurilinguismo, e ainda há muito para ser feito, a fim de que a convivência em relação às línguas seja mais respeitosa.

CAPÍTULO 2 LÍNGUAS MINORITÁRIAS, LÍNGUAS MAJORITÁRIAS, LÍNGUAS MATERNAS, LÍNGUAS ESTRANGEIRAS, LÍNGUAS DE IMIGRAÇÃO E LÍNGUAS DE HERANÇA

Neste capítulo serão abordados os aspectos teóricos acerca das línguas minoritárias, línguas majoritárias, línguas maternas, línguas estrangeiras, línguas de imigração e línguas de herança, discorrendo a respeito de cada um dos termos.

Línguas minoritárias

As línguas minoritárias ou línguas minorizadas são, na maioria das vezes, cercadas de preconceito linguístico. Há vários tipos de línguas minoritárias, porém, sua classificação nem sempre é motivada por uma questão de números, mas de prestígio. Há línguas minoritárias como a Língua Brasileira de Sinais, por exemplo, que é considerada minoritária, já que é utilizada por um pequeno número de pessoas, mas que possui mais reconhecimento do que outras, sendo inclusive respaldada por políticas públicas. Em 2002, com a Lei nº 10.436⁵, a LIBRAS foi reconhecida como um instrumento legal; este reconhecimento conferido à língua é um grande avanço tanto para os sujeitos surdos quanto para os profissionais que atuam nas diversas esferas de necessidades da presença da Língua de Sinais.

Há, nesse sentido, línguas minoritárias que são faladas por um pequeno número de indivíduos, mas que são prestigiadas. Por outro lado, há línguas minoritárias que, independentemente do número de falantes, não são valorizadas, devido ao *status* que elas recebem. Normalmente, carregam preconceito de cunho histórico e social. Geralmente as línguas minoritárias, como Mozzillo e Spinassé (2020, p. 1299) afirmam, são aprendidas “como Língua Materna (L1) em casa, com os pais, normalmente utilizada no dia a dia da família, e, em vários casos, da comunidade”.

As línguas minoritárias são, portanto, os idiomas falados por uma parcela menor da população em comparação com a língua majoritária de um determinado país ou região. Dentre as definições de língua minoritária, segundo Nardi (2004),

[...] a língua falada por um grupo de pessoas num país que tem uma língua nacional diferente. Ela corresponde a uma comunidade relativamente pequena, mas não se pode dizer a partir de que número de falantes uma língua pode ser qualificada de minoritária. A grande maioria das línguas, à escala do planeta, está nessa situação. Mais da metade das línguas não tem mais do que 10.000 falantes [...] (Nardi, 2004, p. 118).

⁵ Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/110436.htm. Acesso em: 10 jan. 2024.

Para Altenhofen (2013, p. 94, *apud* Völz; Limberger, 2022, p. 121), as línguas minoritárias podem ser definidas em oposição ao que é majoritário, “geral” e “comum”, estando, dessa maneira, à beira de uma língua majoritária. Para o autor, o *status* da língua minoritária é dinâmico e variável, já que o português, por exemplo, pode ser uma língua minoritária em outro país, no caso de emigração e em países que fazem divisa com o Brasil, como o Paraguai e a Argentina, sendo caracterizada como uma língua de imigração.

Ainda no que se refere ao conceito do termo língua minoritária, Aderlande Pereira Ferraz, em seu artigo “O panorama linguístico brasileiro: a coexistência de línguas minoritárias com o português”, designa as línguas minoritárias como

[...] aquelas faladas por grupos de pessoas num país que tem por oficial uma língua diferente, isto é, são línguas naturais, não criadas artificialmente, tradicionalmente usadas por parcelas da população de um país, e que não se confundem com dialetos da língua oficial. A grande maioria das línguas existentes no mundo encontra-se nessa situação. De acordo com dados apontados por Crystal (2000), mais da metade das línguas faladas em nosso planeta não conta, cada uma, com mais de 10.000 falantes. Alguns países apresentam situações de grande complexidade, como é o caso da Indonésia, por exemplo, cuja extensão territorial abarca perto de 3.000 ilhas, onde coexistem cerca de 200 línguas (Calvet, 1996). Na União Européia, ao lado das línguas oficiais dos países membros, convivem 50 línguas minoritárias (Ferraz, 2007, p. 45).

No âmbito mundial, há milhares de línguas minoritárias, cada qual com sua própria história, cultura e comunidade de falantes. Todas são fundamentais para a diversidade linguística e cultural do país, no entanto, a maioria das línguas minoritárias do mundo se encontram em risco de extinção, devido ao pequeno número de falantes, à perda de falantes e à pressão da língua dominante.

Na União Europeia, por exemplo, há aproximadamente cinquenta línguas minoritárias, denominadas línguas regionais. Segundo Ebner (2000, *apud* Nardi, 2004, p. 118), essas línguas correspondem a 13,5% da população.

A língua dos imigrantes, segundo Nardi (2004, p. 119), é por definição minoritária, já que estabelece núcleos linguísticos em territórios alheios. No entanto, ela se modifica em contato com o país adotivo para criar uma língua nova, e a isso se acrescenta o natural caráter evolutivo das línguas, que não são estáticas, mas vivas; logo, estão em constante transformação frente às novas realidades e à modernidade. Nesse sentido, ao mudar de nação, a língua do imigrante passa naturalmente por modificações, introduzindo palavras da língua nacional, transformando-se de determinada maneira que deixa de ser uma língua “estrangeira” e passa a ser uma língua minoritária no país adotivo, e em relação à língua original.

No Brasil, há várias línguas minoritárias, como o Guarani, o Kaingang, o Baniwa, o Tukano e o Xavano, dentre outras. Essas línguas exemplificadas são faladas por comunidades

indígenas em diferentes regiões do país. Cada uma delas possui suas próprias características e a importância cultural.

Para identificar as diferentes políticas que um Estado pode adotar em relação às línguas minoritárias, há uma classificação dos graus de intervenção que podem ou não levar ao linguicídio (morte de uma língua). Adaptado ao contexto brasileiro, Oliveira e Altenhofen (2011) identificam as seguintes posturas: Ignorar a existência de uma língua ou questão linguística; O mito da “língua única”: unidade *versus* diversidade; Repreender e oprimir declaradamente línguas ou manifestações por conta de uma única língua oficial ou politicamente correta e o português falado no Brasil.

As línguas minoritárias possuem, segundo Nardi (2004, p.121), uma dupla função de memória, mantendo primeiramente a unidade do grupo, a prática e o ensino da língua, que seriam um meio de conservar a memória de um grupo e, no segundo caso, a relação vai a outro sentido, o aprendizado da língua seria uma maneira dos descendentes voltarem ao passado de uma família ou de um grupo de imigrantes.

Línguas majoritárias

A nomenclatura atribuída às línguas minoritárias e majoritárias revela uma certa disparidade/desigualdade que há entre elas. Segundo Altenhofen (2013, p. 94, *apud* Völz; Limberger, 2022, p. 121), as línguas minoritárias ficam à margem das línguas majoritárias, que são línguas dominantes.

Mesmo que pelo viés da Linguística, conforme aponta Seiffert (2009), todas as línguas sejam iguais, no âmbito político e econômico, elas assumem classificações, papéis e *status* distintos. Para compreender melhor a definição de línguas majoritárias, utilizaremos o conceito que Seiffert, baseado em Ferguson, em sua dissertação de mestrado, denominada *Línguas brasileiras de imigração faladas em São Bento do Sul (SC): estratégias para revitalização e manutenção das línguas na localidade*, de 2019. Para este estudioso, há algumas condições necessárias para que a língua seja considerada majoritária, dentre elas, ser uma língua falada por, no mínimo, 25% da população; por mais de um milhão de pessoas; ser a língua oficial e a língua de ensino em 50% das escolas secundárias do país.

As línguas consideradas majoritárias geralmente são mais valorizadas perante a sociedade, ao contrário do que ocorre com as línguas minoritárias, que são vistas com desprestígio e utilizadas, na maioria das vezes, apenas no ambiente familiar, e outras acabam desaparecendo. Labov (2008) afirma que grupos diferentes têm desafios distintos, a depender do seu *status*. Nesse sentido, os falantes das línguas minoritárias acabam enfrentando desafios que os usuários das línguas majoritárias não enfrentam

Línguas maternas

O conceito de Língua materna é, de forma geral, tratado pelos autores como um conceito óbvio, portanto, não são encontradas muitas definições para o termo. Na maioria das vezes, a Língua materna está atrelada à origem e à língua utilizada no cotidiano, ou seja, está relacionada àquela língua que o indivíduo aprende desde os primeiros anos de vida e é adquirida, principalmente, por meio da interação das pessoas que estão ao seu redor.

Trazemos, para este estudo, um conceito utilizado por Spinassé (2006), a qual afirma que a Língua materna ou Primeira Língua (L1) não precisa necessariamente ser a língua da mãe ou a primeira língua aprendida pela criança, muito menos trata-se de apenas uma língua. Nas palavras da autora:

Normalmente é a língua que aprendemos primeiro e em casa, através dos pais, e também é frequentemente a língua da comunidade. Entretanto, muitos outros aspectos lingüísticos e não-lingüísticos estão ligados à definição. A língua dos pais pode não ser a língua da comunidade, e, ao aprender as duas, o indivíduo passa a ter mais de uma L1 (caso de bilingüismo). Uma criança pode, portanto, adquirir uma língua que não é falada em casa, e ambas valem como L1 (Spinassé, 2006, p.5).

Contudo, para caracterizar a Língua materna só é possível a partir da consideração de vários fatores, como a língua da mãe, a língua do pai, a língua dos outros familiares, a língua da comunidade, a língua adquirida em primeiro lugar, a língua do cotidiano, a que melhor domina, dentre outros fatores decisivos para definir a L1 como tal.

De maneira geral, afirma-se que as línguas aprendidas ainda cedo são chamadas de língua materna, porém, precisam desempenhar mais do que uma função de integração e se tornar uma língua diária, e o indivíduo deve dominá-la como um nativo.

De acordo com Skutnabb-Kangas, (1981), citado por Cruz (2023, n. p.), a definição de língua materna só é possível a partir da consideração de quatro critérios: (a) origem, a qual define a LM como a língua falada pela mãe do locutor; (b) competência que caracteriza a LM como a língua que a pessoa conhece melhor; (c) função, que constitui a noção de LM como a língua que a pessoa mais utiliza e (d) atitudes, cuja perspectiva estabelece a LM como a língua com qual a pessoa se identifica e por meio da qual ela é identificada.

Segundo esta última definição, considerar a Língua materna a partir dos critérios de origem e identificação é uma boa proposta de L1, principalmente para as línguas minoritárias, porém, esta mesma definição não se aplica a todas as línguas, como a Língua de Sinais, já que geralmente os surdos nascem de pais ouvintes, e, havendo o contato com a Língua de Sinais, pais e filhos não terão a mesma Língua materna.

Línguas estrangeiras

Ao contrário do aprendizado de uma segunda língua, a língua estrangeira é aprendida no país de origem do falante, por exemplo, em cursos de idiomas, Ensino Regular e nas universidades. Para aprender uma língua estrangeira, o estudante tem bem menos contato do que no aprendizado de uma segunda língua, já que ele tem contato com o idioma apenas durante as aulas e pratica a conversação com seus colegas e professores.

A segunda língua não é necessariamente uma segunda língua, mas é segunda porque “está para “outra que não a primeira (a materna)” (Spinassé, 2006, p. 5) e a ordem de aprendizado se torna superficial, desde que não seja mais uma L1. Diferenciando, portanto, o conceito de Língua Estrangeira do conceito de Segunda Língua, Spinassé propõe que a Segunda Língua:

[...] é uma não-primeira-língua que é adquirida sob a necessidade de comunicação e dentro de um processo de socialização. A situação tem que ser favorável: um novo meio, um contato mais intensivo com uma nova língua que seja importante para a comunicação e para a integração social. Para o domínio de uma SL é exigido que a comunicação seja diária e que a língua desempenhe um papel na integração em sociedade (Spinassé, 2006, p. 6).

O aprendizado das duas línguas se assemelha pelo fato de se tratar de línguas aprendidas por pessoas que já possuem habilidades de fala. Porém, para o aprendizado de uma língua estrangeira, o falante não tem contato tão grande com a cultura do país de origem do idioma, não tendo tanta competência e performance linguística.

Línguas de imigração

No Brasil, além dos usuários das línguas oficiais do país, Língua Portuguesa e a de Libras (Língua Brasileira de Sinais), há muitos falantes de outras línguas, bem como falantes das línguas de imigrantes europeus e seus descendentes. Esse fato se deve principalmente ao grande número de imigrantes que se instalou no país.

Usamos o termo Língua de Imigração para determinar aquelas línguas alóctones (ou neo-autóctones) que chegaram ao país através de ondas migratórias, constituindo, aqui, comunidades de fala (Oliveira, 2003). Esse é o caso, por exemplo, do Hunsrückisch (ou hunsriqueano), do talian, do pomerano e do polonês no Brasil, línguas que foram trazidas, há mais de um século (em parte já há quase dois séculos), com os imigrantes que aqui se estabeleceram, sendo passadas “de pai para filho” e sendo praticadas no dia a dia das comunidades dos descendentes de imigrantes para diversas funções (Mozzillo; Spinassé, 2020, p. 1300).

É importante destacar que essas línguas continuaram a se desenvolver de maneira independente no Brasil, distanciando-se de certa forma de suas matrizes, transformadas pelo contato linguístico com a Língua Portuguesa e outras variedades de imigrantes que viviam na mesma região. A essas línguas de imigração históricas devido a esse processo, costuma-se conferir o título de língua brasileira, mesmo que evidentemente façam alusão à sua origem. A partir da vasta complexidade do mapa linguístico brasileiro, encontramos dentro dele diversos falares e línguas.

Estima-se que mais de 250 línguas sejam faladas no Brasil entre indígenas, de imigração, de sinais, crioulas e afro-brasileiras, além do português e de suas variedades. Esse patrimônio cultural é desconhecido por grande parte da população brasileira, que se acostumou a ver o Brasil como um país monolíngue (IPHAN, 2014).

Para este estudo, de maneira específica, o enfoque é a conceitualização de línguas de imigração e a apresentação de aspectos relacionados a uma das línguas de imigração falada no Brasil, o Talian.

As línguas de imigração no Brasil resultam da chegada de diferentes grupos étnicos ao longo da história, como alemães, italianos, japoneses, poloneses, ucranianos, russos e chineses. Cada uma dessas línguas possui suas próprias características e influências culturais, sendo preservadas em comunidades específicas em diferentes regiões do país.

Levando em conta essa consideração, iniciamos este tópico com o conceito de línguas de imigração trazido pelo IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional), segundo o qual as línguas de imigração são

alóctones trazidas ao Brasil por grupos de fala advindos principalmente da Europa, Oriente Médio e Ásia e que, inseridas em dinâmicas e experiências específicas dos grupos em território brasileiro, tornaram-se referência de identidade e memória. Exemplos: Talian, Pomerano, Hunsrückisch, entre outras (IPHAN, 2016, p. 13).

Uma língua de imigração é, portanto, aquela que vigora em um grupo de indivíduos que imigra para outros territórios, com uma língua distinta daquela do país anfitrião (Oliveira, 2003, p.7 *apud* Pertile, 2009). Essa língua, segundo Pertile (2009), se tornará também uma língua minoritária, caso o grupo de falantes da língua não consiga preservar e manter a língua, bem como se não houver uma política que defenda a língua dos imigrantes. Pertile (2009, p. 32-33) destaca ainda:

Altenhofen e Margotti (2009), em uma perspectiva político-linguística, referem-se à língua de imigração em termos de status e corpus, [...] as línguas de imigração são comumente vistas como um corpo estranho e diferente, o qual contrasta com a língua oficial [...] algo que, numa perspectiva

monoliguística fortemente ideologizada, dela destoa. Continuando, Altenhofen e Margotti a definem como línguas “1) originárias de fora do país (alóctones) que, no novo meio, 2) compartilham o status de língua minoritária” segundo Calvet (2007, p. 9).

Altenhofen & Margotti (2011) afirmam que as línguas afro-brasileiras não se enquadram no rótulo “línguas de imigração”, pois são línguas de escravos que não vieram por vontade própria para o nosso país, e nem as línguas de sinais, já que estas não resultam de movimentos migratórios. A Língua Portuguesa falada no Brasil, segundo Altenhofen (2013), apesar de ser resultado da imigração portuguesa, também não deve ser considerada uma língua de imigração, pois é a língua predominante do país, teoricamente, a única língua de 99% dos brasileiros, portanto, não é considerada uma língua “de fora”.

Há poucos dados precisos a respeito das línguas de imigração e o número exato delas, o que há atualmente são estimativas. Em 1950, houve um recenseamento, o qual levantou os dados linguísticos da população brasileira, todavia, não consideraram de maneira específica as línguas de imigração. Nesse recenseamento, avaliou-se apenas se o recenseado falava o português correntemente, ponderando a língua falada dentro de casa. Em 2010, houve outro recenseamento, que se limitou ao levantamento de dados linguísticos das línguas indígenas, considerando as que eram faladas em casa e quais eram elas, aceitando até duas possibilidades. (Altenhofen, 2013)

Rosa (2021) afirma que em 1968, Vandresen já havia observado que não havia dados suficientes a respeito das línguas de imigração faladas no Brasil, e que os dados existentes apresentavam um problema: a designação generalizante, ou seja, os dados eram a partir da consideração de todas as formas de expressão de descendentes de determinado país como uma língua só, não detalhando os diversos dialetos que havia dentro de uma mesma língua.

Embora os dados acerca das línguas de imigração não sejam tão numerosos, há uma lista em construção que serve de base para a descrição de quais são elas (Altenhofen, 2013). Estas línguas, segundo os mesmos estudos, foram divididas e classificadas em grupos: grupo alemão, grupo italiano, grupo eslavo, grupo chinês, grupo japonês, grupo judeu, grupo cigano, grupos imigrantes fronteiriços, grupo imigrante crioulo e demais grupos.

De acordo com Rosa (2021), ao grupo alemão fazem parte as línguas: Alemão, Hochdeutsch, Austríaco, Bávaro, Boêmio, Bucovino, Hunsrückisch (Hunsrick, Hunsbucklisch ou hunsriqueano), Kaffeeflickersch (em português: língua de catador de café), Plautdietsch menonita, Pomerano, Suábio, Suíço, Vestfaliano (Plattdütsch ou sapato-de-pau) e Wolgadeutsch (alemão do wolga, russo-alemão).

Ao grupo italiano pertencem as seguintes línguas: Bergamasco, Calabrês, Cimbrio, Cremonês, Friulano, Milanês, Veronês, Vicentino, Talian, Trentino e Trevisano. Já os idiomas Polonês, Russo e Ucrâniano pertencem ao grupo eslavo e ao grupo chinês pertencem as línguas:

Cantonês, Chinês-padrão (Putonghua), Keja (Hakka), Minnan (Taiwanês) e Wu (Xangainês). (Rosa, 2021).

Ainda de acordo com Rosa (2021), dentre as línguas de imigração há aquelas que pertencem ao grupo japonês: kansai-bem (variedade da região ocidental do Japão), kantô-bem (variedade da região oriental do Japão), karonia-go (mescla linguística do português e japonês). Há ainda o grupo judeu, ao qual pertencem as línguas hebraico e ídiche; e o grupo cigano, do qual fazem parte as línguas Roma e Sinti.

Nos grupos imigrantes fronteiriços estão as línguas Almara, Espanhol, Guarani e Quechua. No grupo imigrante crioulo, estão as línguas Crioulo da Ilha Samaracá, Crioulo de Cabo Verde, Crioulo Galibi Marworno e Crioulo Karipuna e nos demais grupos estão as línguas: Árabe, Armênio, Coreano, Francês, Grego, Holandês, Húngaro, Leto (ou Letão) e Sueco (Rosa, 2021).

Acerca destas Línguas de Imigração em geral, trazidas por povos de outros países que se instalaram no Brasil, é possível afirmar:

Sofreram forte repressão linguística e resistem, ainda hoje, a processos de deslocamento linguístico. Passaram a fazer parte do cenário linguístico do país a partir do final do século XIX com a vinda em massa de imigrantes europeus e asiáticos para ocupar terras ditas devolutas, oferecidas pelo Estado brasileiro. Com o passar das gerações, essas línguas adquiriram uma configuração própria que reflete a história da formação da sociedade brasileira. Muitas vezes tratadas como exóticas ou estrangeiras, as línguas de imigração são, na verdade, línguas maternas de milhões de brasileiros e a sua representatividade histórica, demográfica, sociocultural e geográfica é atestada em diversos levantamentos e estudos (Raso *et al.*, 2011, p. 37, *apud* IPHAN, 2016, p. 31).

Ainda acerca das línguas de imigração, no IPHAN (2016) consta a informação de que ainda que as pesquisas mais recentes apontem a presença de comunidades de fala de idiomas de imigração em toda a extensão do território brasileiro, são as regiões Sul e Sudeste do Brasil que abrigam o maior número de falantes dessas línguas. Dentre as línguas de imigração com características geodemográficas amplas no Brasil destacam-se o Japonês, Talian, Pomerano, Hunsrückisch, Hochdeutsch, Coreano e Plattdütsch.

Há várias pesquisas acerca das línguas de imigração presentes no Brasil. Elas exibem, principalmente com os depoimentos dos falantes, que eles se sentem envergonhados ao falarem a respectiva variedade, pois julgam ser uma língua menor ou errada. Além de questões puramente linguísticas, há questões sociais envolvidas, já que os imigrantes ao entrarem no país eram destinados a regiões afastadas, fazendo com que as línguas de imigração estivessem diretamente associadas ao “ser colono” e, por conseguinte, a um falar mais empobrecido. As línguas de imigração foram por um longo período e em um momento não tão distante, utilizadas com frequência em piadas e em situações de desprestígio.

Esse status negativo conferido às línguas de imigração influencia também na

decisão do falante em prol ou não da manutenção da língua, ou seja, em usá-la ou não em casa, em passá-la ou não para os filhos. São as decisões e as práticas linguísticas da família, portanto, que determinam se uma língua será adquirida e mantida, ou se será perdida e deixada de lado (Mozzillo; Spinassé, 2020, p. 1303).

Nesse sentido, os descendentes de imigrantes, muitas vezes marcados pelo preconceito e pela estigmatização, optam por não passar sua língua adiante, determinando o destino daquela língua de imigração que, infelizmente, pode resultar na “morte” da língua.

Línguas de herança

Diferente das línguas de imigração, as línguas de herança não possuem o *status* de língua local, mas, assim como as línguas de imigração, se configuram como uma língua minoritária ou minorizada, por estar em meio a falantes de outra língua - falantes de uma língua majoritária de maneira oficial-, sendo, dessa forma, utilizada apenas por um determinado grupo social ou apenas no ambiente familiar do falante.

Berguer; Klauck; Oliveira afirmam que o conceito de língua de herança é utilizado para

identificar e nomear línguas diferentes das línguas majoritárias em dado contexto social e, geralmente, atreladas a núcleos familiares de migrantes. O termo foi proposto no Canadá referindo-se a quaisquer línguas que não o inglês ou o francês, especialmente línguas indígenas ou de imigrantes, porém atualmente refere-se a quaisquer línguas que não as dominantes em determinado contexto social (Ennsner-Kananen; King, 2018, *apud* Berguer; Klauck; Oliveira, 2021, p.204).

Van-Deusen Scholl (2003, *apud* Ortale, 2016, p. 23) afirma que o conceito de Língua de herança ainda não está definido, e que suas distintas interpretações são suscetíveis a questões políticas, sociais, locais e nacionais. Ortale (2016, p. 23) considera, por exemplo, que o “termo língua de herança é predominantemente usado para fazer referência à língua falada em casa em um país em que essa língua não é maioritária. Mas tal acepção é apenas uma entre várias propostas”. Nesse sentido, é possível afirmar que há vários conceitos que buscam definir o que é uma Língua de herança.

Dentre as acepções que a “língua de herança” recebe, ressalta-se o que os autores Campbell e Peyton (1998), citados por Ortale (2016, p. 24), consideram, ao proporem o critério de presença da língua em ambiente familiar, e seguindo esse mesmo conceito, Mozzillo e Spinassé (2020, p.1300-1301) trazem um exemplo que evidencia o termo:

Se um casal libanês, por exemplo, deixa o Líbano para, por qualquer motivo que seja, residir no Brasil, eles trazem a língua árabe libanesa consigo e vão falar com os filhos pequenos em solo brasileiro – independentemente se

nascidos aqui ou também imigrados – esse idioma. Contudo, a língua árabe libanesa falada em casa sofrerá grande – e até mesmo desleal – concorrência com o português, já que é a língua falada pelos vizinhos, pelos amigos, pela comunidade local, pela comunidade escolar, pelos meios de comunicação e pela sociedade em geral. É muito comum, por exemplo, que as crianças parem de falar a língua de herança – interessando-se por ela, inúmeras vezes, mais tarde, quando têm que recorrer a aulas para recuperar os conhecimentos linguísticos e a fluência perdidos.

Desse modo, assim que a criança começa a frequentar a instituição escolar, as relações fora do ambiente familiar e o contato com a língua majoritária aumentam, e logo ela começa a utilizar mais essa língua. Muitas vezes, a partir da entrada da criança na escola, a língua majoritária passa a ter uma função com maior relevância para a comunicação familiar.

Mesmo que haja paralelos entre a língua de imigração e a de herança, há algumas diferenças entre elas, as quais são apontadas por Mozzillo e Spinassé (2020). Dentre as diferenças, destaca-se que o que chamamos de língua de imigração no Brasil são na verdade variedades que se tornaram independentes da matriz, e fazem parte de uma comunidade de fala. O que é denominado de língua de herança é uma língua familiar adquirida pela primeira ou segunda geração nascida no novo país, é a língua de origem do imigrante. “A língua de imigração, por sua vez, remete a uma identidade étnica histórica, à origem dos antepassados, não necessariamente à própria” (Mozzillo; Spinassé, 2020, p. 1301). Todavia, segundo esses mesmos autores, tanto as línguas de imigração como as línguas de herança são línguas minoritárias.

E embora haja na literatura muitas definições para as línguas de imigração, inclusive algumas que divergem entre si em alguns aspectos, observamos que, de maneira geral, tendo como fundamento as acepções acima, podemos constatar que o laço de ancestralidade está presente em todas elas.

Ao analisar o que Ortale (2016) classifica como sendo língua de herança, uma língua com a qual um indivíduo se identifica culturalmente, cultivando um sentimento de pertença à comunidade de falantes, seja por ancestralidade ou até mesmo por convivência no mesmo ambiente dos falantes da língua, há no Brasil um exemplo claro de língua de herança: o Talian, uma língua nascida neste país e que é considerada como tal pelo CEVEP (Centro de Estudos Vênetos do Paraná) (Balthazar, 2023, n. p).

CAPÍTULO 3 A LÍNGUA PORTUGUESA EM CONTATO COM A LÍNGUA DOS ÍTALO-DESCENDENTES: CONTEXTO HISTÓRICO

Este capítulo tem por objetivo apresentar o contexto histórico do contato linguístico entre a Língua Portuguesa e a língua dos ítalo-descendentes, destacando a imigração italiana no Brasil e a presença dos imigrantes italianos no Sul do país, região que será considerada para a presente pesquisa.

Imigração italiana no Brasil

No Brasil, a abolição da escravidão e a tentativa de “branquear o país” motivaram a procura por trabalhadores estrangeiros; por isso, foram trazidos para o território brasileiro diversos imigrantes, como alemães, italianos, poloneses e espanhóis. Para o *corpus* desta pesquisa, visando aos objetivos apresentados, o enfoque principal será a imigração italiana.

Se, no território brasileiro, o problema era, sobretudo, a escassez de mão de obra, na Europa, no final do século XIX, a Itália enfrentava uma grande crise econômica, a qual teve início na região norte do país; a partir da chegada e instalação de várias indústrias no local. Em decorrência do crescimento industrial, muitos artesãos, produtores e agricultores acabaram ficando sem trabalho e sem mercado para a venda de seus produtos, dificultando sua vida na região norte do país. Desse modo, por volta do ano de 1876, muitos italianos se deslocaram para a região sul da Itália, mas a industrialização também chegou a essa região, fazendo com que uma grande leva emigratória se dirigisse para outros países, em busca de melhores condições de vida (Baldin, 2023).

Os italianos, assim como os outros imigrantes que se instalaram no Brasil, deixaram seu país de origem notadamente por problemas econômicos e socioculturais. No caso específico da Itália, depois de mais de vinte anos de lutas em busca da unificação do país, o povo, principalmente o rural e mais pobre, teve dificuldades de sobreviver, seja nas pequenas propriedades que possuía ou nas cidades, para onde se deslocava à procura de trabalho. Na década de 1880, mais de 60% dos imigrantes que entraram em solo brasileiro eram italianos, e a imigração italiana esteve vinculada sobretudo ao “descarte do excedente populacional, expulso do processo produtivo, em função do desenvolvimento de relações capitalistas de produção, efetivado pelo recém instaurado Estado unitário” (Iotti, 2011, p.01).

Diante das condições expostas, a imigração não era apenas algo estimulado pelo governo italiano, mas era a melhor tentativa de garantir a sobrevivência das famílias italianas que passavam por necessidades. Nesse contexto, é possível compreender a motivação para a saída de cerca de sete milhões de italianos no período compreendido entre os anos 1860 e 1920.

Segundo dados fornecidos pelo Museu Etnográfico da Colônia Maciel (2022)⁶, as primeiras grandes levas de imigrantes italianos para o Brasil vieram da Itália Setentrional, sobretudo do Vêneto, e aconteceram de duas maneiras: espontânea e organizada. A imigração espontânea teve início na primeira metade do século XIX, e consistiu na vinda isolada de famílias e pessoas que buscavam melhores condições de vida nas cidades, como padres, músicos, arquitetos, industrialistas, alfaiates e artistas plásticos.

Já a imigração organizada apresentou duas etapas. No ano de 1845 foi introduzido um sistema de parceria nos cafezais, inserindo a mão de obra branca livre em paralelo ao trabalho escravo. A segunda fase seguiu-se com o surgimento da Associação Auxiliadora da Colonização e Imigração para a Província de São Paulo, em 1871; e a Sociedade Promotora da Imigração em São Paulo, em 1866, as quais estimulavam a entrada de imigrantes com subvenção estatal, passagens gratuitas, recepção no porto, acomodação e condução até as fazendas de cafezais.

De maneira geral, ao chegarem ao Brasil, os imigrantes italianos se instalaram principalmente nas regiões

[...] Sul e Sudeste, além do sul da Bahia. Contudo, em vista das migrações interestaduais motivadas pela busca de terras em outras regiões após 1970, hoje há descendentes de italianos concentrados também em estados do Centro-Oeste (Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Rondônia e Goiás) e do Norte (Acre e Pará) (Bolognini; Payer, 2005, n. p.).

Os números de imigrantes italianos impressionam: entre os anos de 1874 e 1889 vieram para o Brasil, no total, 320.373 italianos, os quais eram selecionados por agentes a serviço das sociedades promotoras da imigração, que vendiam uma bela imagem do Brasil, como se o país fosse uma espécie de paraíso. A partir dessa “miragem”, os imigrantes acreditavam que viriam para o “país da fortuna”, o “*Paese dela Cucagna*”. Porém, até mesmo para chegarem até o Brasil, os italianos passavam por dificuldades: atravessavam o Oceano Atlântico em uma longa viagem, que durava em torno de catorze a trinta dias. Os navios geralmente eram superlotados e atingidos por diversas epidemias; ao chegarem ao país de destino, os imigrantes eram mantidos em quarentena nas hospedarias sustentadas pelo governo. Ao saírem da quarentena, os imigrantes tomavam duas direções distintas: os cafezais de São Paulo para substituir a mão de obra escrava ou as colônias do Rio Grande do Sul, com a esperança de encontrar a tão sonhada liberdade e independência. A esse respeito, é certo afirmar:

A imigração italiana, com um número bastante expressivo de imigrantes que aportaram no Brasil, também contribuiu para marcar fortemente as tradições culturais de alguns estados brasileiros. Os imigrantes italianos, vindos a partir de 1870, fixaram-se em centros urbanos (capital e interior) e em fazendas de

⁶ Informações disponibilizadas no site: <https://wp.ufpel.edu.br/museumacieli/imigracao-italiana-no-brasil/>. Acesso em: 25 out. 2023.

café, formando em seguida os núcleos coloniais. Os falantes de italiano e de variedades dessa língua instalaram-se, predominantemente, nas regiões Sul e Sudeste, e estima-se em 70% o contingente de imigrantes que se teria radicado no estado de São Paulo. Em alguns núcleos coloniais nas regiões Sul e Sudeste, algumas variedades de italiano continuam sendo faladas até hoje (Ferraz, 2007, p. 61).

Depois de 1980, com um contexto bem diferente da década de 1930, os discursos acerca de especificidades culturais e regionais ganharam as mídias, impulsionando, de certa forma, o revigoramento de elementos relacionados à memória dos imigrantes.

Imigrantes italianos no Sul do Brasil

Na região sul do território brasileiro, o estado que recebeu o maior número de imigrantes italianos foi o Rio Grande do Sul: “as estatísticas de entrada de nacionais da Itália nesse estado, entre 1882 e 1914, dão conta de 66 mil, 43% do total de 154 mil migrantes que aí chegaram nesse período” (Alvim, 2000 *apud* Rezende *et al.* 2011, p. 174).

A colonização italiana no Rio Grande do Sul fez parte de um projeto geopolítico do governo imperial brasileiro, ocorrido no final do século XIX e início do século XX que, segundo Santos (2023, p. 04), “utilizava a imigração para preencher os chamados “vazios demográficos” do Sul do país. No pós-independência, há uma decisão de concentrar a colonização na região sul como uma decisão geopolítica, de consolidação de fronteiras”.

Cabe destacar que a política de imigração e os seus objetivos vão se modificando ao longo do tempo, como ressalta Carneiro (1950, p.10, *apud* Santos, 2023, p. 04):

[...] há a distinguir duas políticas de imigração: (1) a política do governo imperial, criando núcleos coloniais de pequenos proprietários, num prosseguimento da velha idéia colonizadora, inaugurada por D. João VI, com a fundação de Nova Friburgo; e (2) a política dos fazendeiros, que querem imigrantes para a lavoura, à medida que vêem o braço escravo escassear.

Procedentes em sua grande maioria do norte da Itália, sobretudo do Vêneto, os italianos se agruparam em colônias agrícolas, locais em que podiam falar seus dialetos de origem, mantendo sua cultura e tradição. Além disso, se dedicaram ao cultivo de uvas e à produção de vinhos. Eles se instalaram inicialmente em matas na encosta da Serra Gaúcha, visando trabalhar como pequenos agricultores. Nesse espaço foram criadas as três primeiras colônias italianas: “Conde D’Eu, Dona Isabel e Campo dos Bugres, atualmente as cidades de Garibaldi, Bento Gonçalves e Caxias do Sul, respectivamente” (Imigração, 2008, *apud* Rezende *et al.* 2011, p. 174). As colônias de Conde D’Eu e de Dona Isabel, segundo Santos (2023, p. 04),

[...] foram criadas pela presidência da província em 1870, antes que se iniciasse o processo de imigração italiana no estado. Para ocupá-las, o governo provincial firmou contrato com duas empresas privadas, que deveriam

introduzir quarenta mil colonos em um prazo de dez anos.

A quarta colônia de imigração italiana (Imigração, 2008, *apud* Rezende *et al.*, 2011) surgiu a partir do momento em que as terras colonizadas na Serra Gaúcha se esgotaram, e os italianos tiveram que se dirigir a outros lugares desse estado. Assim, a quarta colônia originou os municípios de Faxinal do Soturno, Dona Francisca e São João do Polêsine, município em que se encontra o Vale Vêneto. Além dessas cidades, há outras que merecem destaque, como

Farroupilha, Flores da Cunha, Antônio Prado, Veranópolis, Nova Prata, Encantado, Guaporé, Lagoa Vermelha, Soledade, Cruz Alta, Jaguari, Santiago, São Sepé, Caçapava do Sul e Cachoeira do Sul que nasceram de colônias italianas outras no território rio-grandense-do-sul (Imigração, 2008, *apud* Rezende *et al.*, 2011, p. 174).

Em 1836, registra-se em Santa Catarina a entrada dos primeiros italianos, vindos da Sardenha, os quais fundaram, nesse estado, a colônia de Nova Itália, atualmente denominada São João Batista. Posteriormente, a partir de 1875, uma quantidade maior de imigrantes italianos chegou até o estado catarinense, e se encaminharam para as colônias já ocupadas pelos alemães. Muitos vênnetos e lombardos dirigiram-se ao sul catarinense e criaram as colônias de Tubarão, Azambuja e Uruçanga, os principais locais de concentração de colonização italiana do estado (Imigração, 2008 *apud* Rezende *et al.*, 2011).

No estado do Paraná, a imigração teve maior ênfase a partir de 1870 e, neste estado, assumiu características diferentes dos outros estados do Sul. Os italianos que chegaram ao estado paranaense estabeleceram-se em um primeiro momento no núcleo de Assunguy⁷, em 1874, e na colônia de Alessandra, que se originou em 1872. A Nova Itália foi criada em 1877, no município de Morretes, para abrigar os italianos que deixaram a colônia de Alessandra, devido à falta de infraestrutura e capital para atender às necessidades iniciais dos imigrantes, como alimentação, até que a terra começasse a produzir. Fundada em 1878, Novo Tirol, denominada hoje Santa Maria, foi o local habitado por italianos que teve maior desenvolvimento; o corte do auxílio governamental para as áreas colonizadas nesse momento e a proximidade com Curitiba facilitaram o crescimento e o abastecimento desse núcleo. (Imigração, 2008, *apud* Rezende *et al.* 2011).

A maior colônia de italianos no Paraná foi denominada colônia Alfredo Chaves, e é atualmente o município de Colombo. Fernanda Knopik, em seu site chamado “Italinha”⁸, lista todas as colônias italianas paranaenses:

⁷O Núcleo colonial do Assunguy teve origem no contrato celebrado pelo governo imperial por intermédio da Representação Geral das Terras Publicas, datado de 8 de novembro de 1859, e foi instalado a 2 de dezembro de 1860, pelo diretor interino J.P. de Gueiros Sarmiento [...]” (Gillies, 2014, p. 02).

⁸Disponível em: <https://italinha.com.br/imigracao-italiana-no-sul-do-brasil/> Acesso em: 9 jan. 2024

Nova Itália, Alexandra, Assunguy, Argelina, Pilarzinho, D. Pedro, D. Augusto, Santa Maria do Novo Tirol, Antônio Rebouças, Senador Dantas, Alfredo Chaves, Muricy, Inspetor Carvalho, Virmond, Maria Luiza, Santa Felicidade, Mendes de Sá, Antonio Prado, Santa Gabriela, Santa Cristina, Alice, Barão de Taunay, Presidente Faria, Maria José, Visconde de Nácar, Santa Cruz, Santa Rita, Eufrásio Correia, Campo Largo da Roseira, Balbino Cunha, D. Mariana, Ferrara, Inglesa, Santa Helena, Contenda, Accioli, Cecília, Bela Vista, Afonso Pena, Pinho de Baixo e Uvaranas.

Nota-se, portanto, que a imigração italiana teve um número bastante expressivo na região sul do país, e os italianos viveram de diferentes modos, apresentando características próprias de acordo com o estado no qual se instalaram.

CAPÍTULO 4 TALIAN: UMA LÍNGUA DE IMIGRAÇÃO FALADA NO BRASIL

Neste capítulo, serão destacados aspectos relevantes em relação ao Talian e às principais ações de salvaguarda dessa língua, assim como as ações de cooficiliação da língua em alguns municípios. Também apresentaremos os resultados obtidos a partir da análise dos dados coletados no decorrer da investigação.

Talian

O Talian, uma das autodenominações para a língua de imigração falada no Brasil por descendentes de italianos, possui como base linguística majoritária o Vêneto, e um conjunto de outras variedades faladas no norte da Itália. O Talian se formou do contato linguístico com o português brasileiro, e “também com influências de dialetos setentrionais das regiões do Trentino-Alto Adige, Friuli Venezia Giulia, Piemonte, Lombardia, Emilia-Romagna e Ligúria”. (Luzzatto, 1994 *apud* Loregian-Penkal; Stival-Soares, 2020, p. 820-821).

Em seguida, apresentamos um mapa das regiões da Itália, contendo as regiões de dialetos setentrionais que influenciaram a formação da língua Talian. O mapa foi retirado do site Italymap 360°⁹, e assinalado pela autora, marcando as regiões Trentino-Alto Adige, Friuli Venezia Giulia, Piemonte, Lombardia, Emilia-Romagna e Ligúria para melhor visualização.

Mapa 1 Regiões da Itália



Fonte: Mapa das regiões da Itália.

⁹ Disponível em: <https://pt.italymap360.com/mapa-da-regi%C3%A3o-da-it%C3%A1lia>. Acesso em: 14 jan. 2024

Compreendendo a formação do Talian, há uma caracterização da língua apresentada por Loregian-Penkal e Dal Castel (2021, p. 169). Segundo os autores, o Talian é como

uma língua brasileira, de imigração, minoritária, que se formou aqui e possui características próprias, diferentes do Vêneto falado na Itália. A Cucagna mantém intensa relação com o Talian, pois foi o termo simbólico utilizado para convencer pessoas (especialmente as do Norte da Itália) a emigrarem para o Brasil, onde encontrariam a sonhada Cucagna: espécie de terra prometida, cheia de farturas e de facilidades, ou seja, a terra do *Dolce far niente!* (Loregian- Penkal; Dal Castel, 2021, p. 169).

A história do Brasil, como aponta Ferraz (2007, p. 44), exhibe o entrecruzamento de vários povos, concebendo uma identidade pluriétnica na formação da sociedade brasileira. Desde a descoberta do Brasil, houve o multilinguismo estabelecido no território nacional; em um primeiro momento, uma grande diversidade de línguas indígenas que aqui conviviam, posteriormente, a Língua Portuguesa, que adentrou o país a partir do processo de colonização e, em seguida, diversas línguas de origem africana que se instalaram em território brasileiro, devido ao tráfico de escravos. Logo após, como consequência de diversas campanhas imigratórias estimuladas amplamente pelo governo brasileiro, muitos imigrantes de origem europeia e asiática se abrigaram nas terras brasileiras, trazendo os seus falares. Ao adentrarem o território brasileiro, os imigrantes levavam consigo sua cultura, seus costumes e seu modo de viver, assim como as variedades faladas em suas regiões de origem.

Segundo Loregian-Penkal e Dal Castel (2021), em 1875, os primeiros navios de imigrantes italianos saíram de várias regiões do norte da Itália, “com forte preponderância de elementos vênets e trentinos” (Mengarda, 2001, p. 46), com destino às terras brasileiras. Ainda segundo Mengarda (2001, p. 46) esses imigrantes falavam diversas variedades, as quais já dentro do navio entraram em contato, pois eram “transplantados sem levarem em conta o local de origem de cada família, resultando progressivamente desse contato a constituição de um falar característico e bastante peculiar caracterizado como Talian” (Mengarda, 2001, p. 46).

Ao chegarem às terras brasileiras, os imigrantes italianos se dirigiram para as colônias do interior da região sul, onde o contato linguístico entre os diversos falares se manteve, assim como com a língua portuguesa falada no Brasil. A esse respeito, Mengarda (2001, p. 46-47) propõe que, como os vênets vieram em maior quantidade, irradiaram com maior intensidade sua língua e sua cultura. Dessa maneira, o falar vênets, que já tinha um grande prestígio na própria Itália, vai se impondo com maior força e de maneira natural na região sul do Brasil. “Durante aproximadamente 70 anos, os imigrantes falaram naturalmente a sua língua materna, praticamente a única que conheciam e sabiam falar” (Loregian- Penkal; Dal-Castel, 2021, p. 168).

Na página 11 do Inventário do Talian, nota-se a seguinte informação a respeito da origem dos italianos que colonizaram o sul do Brasil: “Região de Origem: principalmente de quatro regiões: Vêneto (54%), Lombardia (33%), Trentino-Alto Adige (7%) e Friuli-Venezia Giulia (4,5%) e Piemonte, Emilia-Romagna, Toscana e Ligúria (com 1,5 %)”¹⁰.

Em 1941, no governo do presidente Getúlio Vargas, entrou em vigor um Decreto nacionalista durante o Estado Novo, o qual proibiu os imigrantes de falarem a língua do seu país de origem, e quem assim o fizesse era severamente punido, chegando a ser preso. O italiano e as variedades dessa língua, assim como as outras línguas estrangeiras foram, portanto, impedidas de serem utilizadas durante o Estado Novo (1937-1945) no contexto nacionalista.

De maneira específica e incisiva, esse fato aconteceu a partir da Campanha de Nacionalização do Ensino, que teve início em 1938, momento em que houve a implementação do português como língua nacional nas áreas de colonização estrangeira, reforçando ainda mais o projeto de Nacionalização imposto por Getúlio Vargas. Essa situação contribuiu significativamente para o desuso das línguas maternas dos imigrantes, “marcadamente no domínio público e institucional, sobretudo na imprensa escrita e na escola, mas também no espaço privado” (Bolognini; Payer, 2005, n. p.).

Contudo, a Campanha de Nacionalização do Ensino não conseguiu apagar totalmente as línguas estrangeiras junto a uma prática de linguagem eminentemente oral. Além disso, no Brasil as variedades do italiano misturaram-se ao português, de modo que, em regiões de densa imigração, a população fala o português com traços de italiano presentes na fonologia, no léxico, na morfossintaxe e na prática mesclada das línguas, com fragmentos de discursos, provérbios e expressões em italiano e em português (Bolognini; Payer, 2005, n. p.).

Constata-se que, apesar de ter sido adotada uma política linguística rigorosa pelo governo, ela foi mais eficaz nos grandes centros urbanos, pois longe desses espaços, no caso de algumas línguas de imigração como o Talian, a língua foi sendo conservada e mantida, visto que “nas colônias, pelo fato de a polícia não se fazer tão presente, o *Talian* se preservou intacto” (Loregian-Penkall; Dal Castel, 2021, p. 168).

No tocante a esse aspecto, Bolognini e Payer (2005) confirmam que a convivência dos grupos de imigrantes em comunidades e o isolamento que teve das colônias agrícolas em relação aos grandes centros foram essenciais para que em algumas regiões houvesse a manutenção da língua. Segundo Loregian-Penkall e Dal Castel (2021), os imigrantes italianos, além de praticarem sua língua materna, passaram a adotar também palavras do português, que foram talianizadas e/ou passaram a utilizar palavras e expressões de empréstimo do português que não

¹⁰ Disponível em: <https://assodita.org.br/wp-content/uploads/2016/10/1.1.-Relat%C3%B3rio-Invent%C3%A1rio-Talian-Vers%C3%A3o-Final.pdf>. Acesso em: 19 out. 2023.

existiam na sua língua de origem, como chimarrão/simaron, por exemplo.

Esses encontros históricos que culminaram na “mistura” das línguas é um assunto tratado por Peter Burke, em sua obra *Hibridismo Cultural* (2003), ao afirmar que há uma tendência global para a mistura e hibridização. Nesse sentido, além de não saber, por exemplo, em certas regiões onde começa ou termina uma língua, é comum que no núcleo familiar haja uma comunicação própria baseada na língua de origem. Os descendentes de italianos que chegaram ao Brasil viram-se obrigados a se comunicar na Língua Portuguesa, adentrar a essa cultura, porém, em seus grupos familiares tinham sua própria língua, resultado da mistura de diversos falares que entraram em contato ao longo da história de imigração.

Logo que passou o período da proibição instaurada pelo Decreto criado durante o Estado Novo, o idioma dos imigrantes italianos continuou sendo desvalorizado, já que muitas pessoas consideravam o Talian um falar de pessoas grossas e ignorantes, fazendo chacota e “tirando sarro” dos falantes da língua. Desse modo, os imigrantes que se comunicavam com total domínio e expressavam seus sentimentos através dessa língua começaram a sentir vergonha do seu próprio modo de falar, do seu idioma. “Não bastasse essa vergonha, outra surgiu quando o povo talian começou a falar em português, quando eram tomados em deboche pelo seu sotaque, indicador da identidade linguística e cultural de origem” (Loregian-Penkal; Dal Castel, 2021, p. 168).

Principais ações de salvaguarda do Talian

A preocupação a respeito das línguas é algo novo na história da humanidade; além disso, discute-se “a questão sobre o destino de tantas línguas, não mais vistas somente como um obstáculo à comunicação e à unificação social, mas também como um patrimônio cultural imaterial” (Raso; Mello; Altenhofen, 2011, p. 21). Este é o caso do Talian, um patrimônio cultural imaterial.

O Talian é uma língua minoritária falada na atualidade principalmente no sul do país, e é reconhecida como Língua de Referência Cultural Brasileira pelo Ministério da Cultura e pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (2014). “O reconhecimento como Língua de Referência Cultural Brasileira abriu possibilidades às demais línguas minoritárias, especialmente às de imigração, cujo título concedido ao Talian foi o primeiro atribuído a uma língua com estas características no Brasil” (Loregian-Penkal; Dal Castel, 2023, p. 37). Assim, é uma língua com suas próprias características fonéticas, gramaticais e lexicais: uma parte muito importante da cultura e história da imigração italiana no Brasil.

O Talian tem um impacto significativo na identidade dos descendentes de italianos no Brasil, já que representa uma conexão com suas raízes culturais e linguísticas. A língua é uma maneira de manter viva a história e as tradições dos imigrantes italianos que chegaram ao país no século XIX. Além disso, o Talian é uma forma de expressão da identidade regional e do orgulho de ser gaúcho ou catarinense.

Para a preservação do Talian, há muitos desafios e dificuldades, como o envelhecimento dos falantes, a falta de incentivo oficial e a influência da Língua Portuguesa. De modo geral, esta língua é preservada principalmente nas comunidades rurais, e é transmitida de geração em geração, possui algumas variações regionais e é usada bastante em contextos informais, como conversas entre familiares e amigos. Contudo, para a salvaguarda da língua deve haver estratégias de valorização e promoção do seu uso, como ações educacionais e eventos culturais. É importante também “efetuar registros escritos, por meio de dicionários e gramáticas” (Loregian-Penkal; Dal Castel, 2023, p. 37). Os movimentos em prol da salvaguarda da língua dos imigrantes tiveram início no final dos anos 1980, como Loregian- Penkal e Dal Castel (2023) apontam:

No final dos anos 80 começa o movimento de intelectuais para a salvaguarda da língua dos imigrantes italianos: Darcy Luzzatto, Frei Rovílio Costa, Honório Tonial, Euclides Lazzarotto, Júlio Posenato, Paulo Massolini, entre outros, entenderam que precisariam batizar a língua, dando-lhe um nome para ser apresentado ao governo brasileiro para que fosse reconhecida. Havia dois nomes em evidência: Talian ou Vêneto Brasileiro (Loregian-Penkal; Dal Castel, 2023, p. 39).

A língua passou a ser chamada de Talian, constatando, para a escolha do nome, o fato de que os imigrantes italianos não diziam que eram vênnetos, friulanos, etc. Apenas informavam que tinham vindo da Itália, que eram taliani, o que era muito mais simples e fácil afirmar que falavam Talian, uma palavra simples (Loregian-Penkal; Dal Castel, 2023). Outro ponto relevante que vale a pena ser ressaltado é a decisão do grupo CEVEP (atualmente CESTA) em escrever o nome da língua com a letra inicial maiúscula, mesmo sabendo que não seria necessário, foi uma maneira encontrada para valorizar ainda mais a língua (Balthazar, 2023, n. p). Em 1924, ano em que se comemorava o cinquentenário da imigração, surgiu a primeira manifestação literária em que o Talian passou a ser registrado de maneira escrita, e depois muitas outras obras literárias surgiram.

Nas décadas de 1970, 80 e 90, após a comemoração do centenário da imigração, filhos de colonos, levados ao meio urbano pelo êxodo rural, estudam e se formam médicos, dentistas, professores, advogados, empresários, padres e delegados e perceberam a importância da sua língua materna e, dado o status que adquiriram, recuperaram a autoestima e se organizaram no sentido de promover a sua língua. Foi quando surge o movimento dos radialistas, que

depois se amplia para os demais difusores do Talian que, através de programas, livros, teatro, música e festas típicas passaram a dar visibilidade à língua, culminando no reconhecimento como Língua de Referência Cultural Brasileira pelo IPHAN/MinC em 2014. Este período foi o mais profícuo em termos de criação literária, ações e eventos de salvaguarda (Loregian-Penkal; Dal Castel, 2021, p. 169).

O forte movimento em busca dos direitos da cultura e da Língua Talian teve início com os radialistas do Talian, apoiados pela “FIBRA-RS, Federação das Associações Ítalo-Brasileiras do Rio Grande do Sul” (Loregian-Penkal; Dal Castel, 2021, p. 42) e a ASSODITA (Associação dos Difusores do Talian), fundada em 2008, deu continuidade às ações iniciadas em prol da salvaguarda da língua.

Os movimentos organizados em busca da salvaguarda do Talian sempre foram intensos, principalmente no Rio Grande do Sul, estado que abriga muitos imigrantes e descendentes de imigrantes. Uma grande conquista da língua, segundo Loregian-Penkal e Morais (2022, p. 197), foi estar entre “as primeiras línguas reconhecidas como Referência Cultural Brasileira pelo IPHAN e pelo MinC, em 2014, [...] a primeira língua de imigração a receber tal reconhecimento, abrindo caminho às demais”. Para Cunha e Gabardo (2020, p. 842), “Grande parte desta conquista se deve ao Rio Grande do Sul, estado precursor na busca por esta chancela do governo brasileiro, que consegue manter ativas várias iniciativas promotoras da cultura dos ítalo-descendentes”.

Para a preservação e salvaguarda do Talian, muitas ações têm sido realizadas recentemente, dentre elas destacamos o projeto Cucagna: Scola de Talian que, nas palavras de Loregian- Penkal e Dal Castel (2021), é

uma importante ação de promoção e de salvaguarda da língua minoritária, pois irá oportunizar o ensino/aprendizado, tanto nos moldes presenciais, com mobilização e organização de comunidades de falantes em dez municípios da Serra Gaúcha, no RS, bem como de forma virtual, o que irá abranger de forma mais ampla ao público interessado no aprendizado dessa língua e cultura (Loregian-Penkal; Dal Castel, 2021, p. 169).

Além disso, em 2020, um grupo de difusores e estudiosos dessa língua minoritária iniciou a escrita da gramática, já que, até então, não havia um livro com as regras gramaticais da escrita do Talian “que contemplasse todas as regras, com as suas especificidades de assuntos, e que também trouxesse vários exemplos para auxiliar ao professor e ao aluno no ensino/aprendizado da língua” (Loregian-Penkal; Dal Castel, 2021, p.171).

Até então existia, de Luzzatto (1994), a obra Talian (Vêneto Brasileiro). Noções de gramática, história e cultura, que traz, em 37 páginas, algumas noções gerais de gramática. Essa obra de Luzzatto contém as regras básicas dos acordos estabelecidos de escrita do Talian. Mas a obra, no tocante à

gramática, é bastante resumida. Em relação às classes de palavras, por exemplo, o autor contempla somente, de forma sintética, estas cinco classes: artigos; adjetivos; substantivos, pronomes e verbos. Aborda, ainda, o alfabeto, a acentuação gráfica e algumas particularidades do que ele denomina de língua Vêneto. Em relação aos verbos, Luzzatto (1994) se limita aos auxiliares principais e às três conjugações. No entanto, justamente nos verbos irregulares, nos quais se concentram as maiores dúvidas e demandam uma apresentação detalhada, só é feita breve menção e a conjugação, quando aparece, vai somente até a segunda pessoa do singular de alguns tempos (Loregian-Penkal; Dal Castel, 2023, p. 42-43).

Segundo Loregian-Penkal e Dal Castel (2023), para atender de maneira mais concreta, principalmente às demandas que surgiram com as aulas de Talian, demanda dos professores e alunos da língua, surgiu a necessidade de construir uma nova gramática, que preenchesse as lacunas que havia na gramática anterior, e para que houvesse uma atualização e complementação ao incluir novas variantes. Segundo esses mesmos autores,

[...] a obra intitulada *Talian par cei e grandi: gramàtica e stòria* (2021) contempla três seções e a gramática do Talian, contemplada na seção 1, é um grande marco na consolidação e atualização das regras de escrita. Toma como base as regras que a maioria dos escritores do Talian já utilizavam, bem como a obra respeita, retoma e valoriza os acordos que já existiam no tocante à escrita. A história da literatura resulta na gramática porque as regras ali utilizadas não se constituem em mera convenção, mas sim há uma reverência à história da Literatura Taliana e faz um reconhecimento aos seus autores (Loregian-Penkal; Dal Castel, 2023, p.43).

Há também o *Dissionàrio Talian Brasilian*, uma publicação recente, datada de 2023, que contou com o financiamento do Governo do Rio Grande do Sul, já que a sede da ASSODITA é em Serafina Corrêa, conhecida como a capital nacional do Talian.

O lançamento reuniu representantes do governo do Rio Grande do Sul, da ASSODITA, da Unicentro e os autores do dicionário – Loremi Loregian-Penkal, que é docente da universidade, Juvenal Dal Castel e Wilson Canzi, que são professores de talian. Segundo Juvenal, para cada palavra, o dicionário apresenta as classes gramaticais, os significados e, ainda exemplos de aplicação. “Tratava-se de uma necessidade de muitos anos, já que os dicionários de talian de outros autores não estavam mais disponíveis no mercado. Além do mais, estas obras estão atreladas à direitos patrimoniais, pertencentes aos herdeiros dos autores – o que onera a sua publicação. Ter o dicionário disponível, definitivamente livre dos entraves dos direitos patrimoniais, é tudo o que um patrimônio imaterial precisa para que seja preservado. Os autores do dicionário Talian Brasilian assim procederam, doando à ASSODITA e à Editora da Unicentro todos os direitos de imprimir a edição desta obra tantas vezes quantas a comunidade dos detentores do talian precisar¹¹.

¹¹ Disponível em: <https://www3.unicentro.br/noticias/2023/06/05/editora-da-unicentro-lanca-dissionario-talian-brasilian/>. Acesso em: 05 nov. 2023.

A escrita do *Dissionário Talian Brasilian* (2023) durou aproximadamente um ano e exigiu muita pesquisa, tanto na literatura centenária do Talian, quanto nas memórias de familiares. Ele é uma maneira de resguardar o idioma, “[...] pois vem sanar uma lacuna de material para as aulas de Talian, que são ministradas para mais de 400 alunos. Sem contar que se trata de uma obra fundamental de valorização e de salvaguarda de uma língua de imigração [...]”¹².

Estes são apenas alguns exemplos, dentre outros, de iniciativas de promoção, divulgação e preservação do Talian. Elas são muito necessárias para que a importância dessa língua seja reconhecida cada vez mais, não apenas no âmbito regional, mas também nacional, como o reconhecimento da língua como Referência Cultural Brasileira, em 2004.

Ações de cooficialização do Talian nos municípios

A cooficialização de línguas, tanto as de imigração quanto as indígenas, é uma realidade que vem crescendo exponencialmente em território brasileiro, e alguns pontos precisam ser ponderados para que determinada língua seja considerada própria do local. Oliveira, citado por Maywon (2020, p. 71), destaca que as demais línguas presentes em território brasileiro, diferentes da Língua Portuguesa, devem ser reconhecidas e implementadas. Para tanto,

[...] deve partir de uma demanda política dos grupos linguísticos através de suas entidades representativas (organizações, conselhos, etc.); • É preciso que haja compatibilidade constitucional na lei de cooficialização, ou seja, é preciso que não haja uma violação ao Artigo 13 da Constituição. Oliveira não problematiza a localização do dispositivo e como isso se traduz na arquitetura constitucional, conforme exposto no item 2.1 da presente pesquisa. De fato, o professor apenas afirma que o dispositivo institui a Língua Portuguesa como língua nacional da União, não fazendo nenhuma referência a estados e municípios. Também aduz que o dispositivo não afirma que a Língua Portuguesa deve ser a única língua oficial. Daí conclui que, conquanto o português seja oficial nos municípios, tornar outras línguas oficiais não configura inconstitucionalidade. Nosso posicionamento, já esboçado no item acima, diverge do professor e, até que o tema seja levado para apreciação da Suprema Corte do país, não é possível dizermos com absoluta certeza se esse conjunto de leis municipais é constitucional; • A Câmara de Vereadores e a comunidade interessada devem elaborar projeto de regulamentação da oficialização, “que detalha o que se entende por oficialização, prioriza as ações, nomeia órgãos responsáveis pela ação (em geral cria um Conselho Municipal de Política Linguística)” (Oliveira, 2015, p. 29); • Implementação: a partir da data de regulamentação, o poder público deve seguir um calendário para executar a lei.[...] • Planejamento orçamentário, que corresponde à discussão sobre como o município alocará e captará recursos para serem destinados ao funcionamento bi ou plurilíngue das instituições. Tais recursos podem provir de uma adaptação do orçamento municipal ou através de recursos estaduais, federais ou internacionais em programas relacionados à

¹² Disponível em: <https://www3.unicentro.br/noticias/2023/06/05/editora-da-unicentro-lanca-dissionario-talian-brasilian/> Acesso em: 05 nov. 2023.

proteção do patrimônio cultural imaterial e até de parcerias com universidades e organizações não governamentais (Oliveira *apud* Maywon, 2020, p. 71-72).

Ao serem cumpridas as exigências expostas acima, o município interessado pode oficializar uma outra língua, tendo em seu território mais uma língua oficial e, dessa maneira, todos os direitos assegurados aos falantes dela. “Oficializar uma língua significa que o Estado reconhece sua existência e reconhece aos seus falantes a possibilidade de não terem que mudar a língua sempre que queiram se expressar publicamente ou tratar de aspecto de sua vida civil” (Oliveira, 2015, p. 27).

A questão de constitucionalidade da lei de cooficialização sempre foi uma preocupação, inclusive para os linguistas e professores que buscam e se interessam pela promoção da diversidade linguística. No caso dos grupos linguísticos de imigração, a Constituição não era tão específica, tendo apenas recentemente uma descrição mais detalhada acerca dos requisitos necessários para a cooficialização destas línguas.

Segundo Maywon (2020, p.73), “Um dos fundamentos sociojurídicos observados no parecer para embasar o pleito de legitimidade parte do princípio de que a linguagem e a própria diversidade linguística podem ser tratadas, juridicamente, como um bem cultural e patrimônio imaterial”. Nesse sentido, a legitimidade da oficialização de uma outra língua garante a valorização das culturas e tradições de um povo.

A cooficialização das línguas, neste caso, a cooficialização do Talian em alguns municípios do Brasil, garante, de certa forma, aos detentores da língua, o direito de fazerem uso dela em contextos oficiais e públicos, atestando sua legitimidade linguística, política e identitária frente ao Estado. Estas ações são instrumentos importantes que proporcionam aos indivíduos detentores das línguas minorizadas, uma maior participação na vida pública e no exercício da cidadania.

Nessa acepção, a política de cooficialização de línguas em municípios brasileiros, ao obrigar os entes locais a prestarem serviços de atendimento público nas repartições públicas na língua oficial e nas línguas minorizadas cooficializadas, além de outros deveres jurídicos, é um importante mecanismo de garantia de direitos linguísticos (Maywon, 2020, p.107).

A cooficialização de uma língua, mais do que garantir os direitos que lhes são assegurados, visa a uma mudança de pensamento, pois é necessário que a institucionalidade da língua seja reconhecida no âmbito social, para que as mudanças e medidas necessárias sejam colocadas em prática. Em busca do reconhecimento das línguas brasileiras, muitos municípios vêm se mobilizando para cooficializar as línguas em que há um grande número de falantes.

Com notável vitalidade cultural, o Talian é língua de milhares de brasileiros que hoje vivem principalmente no Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná e Espírito Santo. Sobretudo no sul do país, não é raro ouvir o Talian em programas em rádios e nas produções de grupos teatrais e musicais (Morello, 2015, p. 01).

Dada a vivacidade da língua e a sua presença significativa entre a população brasileira, principalmente da região sul do país, o Quadro 1 apresenta as especificadas das cidades que possuem o Talian como língua cooficial, e as respectivas leis municipais que fizeram com que esse importante passo em prol da valorização e reconhecimento cultural da língua fosse dado em cada um dos municípios elencados.

Quadro 1 Cidades que possuem o Talian como língua cooficial

TALIAN	1. Serafina Corrêa (RS)	Lei n. 2.615/2009
	2. Flores da Cunha (RS)	Lei n. 3.180/2015
	3. Nova Erechim (SC)	Lei n. 1.783/2015
	4. Nova Roma do Sul (RS)	Lei n. 1.310/2015
	5. Paráí (RS)	Lei n. 3.122/2015
	6. Bento Gonçalves (RS)	Lei n. 6.109/2016
	7. Fagundes Varela (RS)	Lei n. 1.922/2016

	8. Antônio Prado (RS)	Lei n. 3.017/2016
	9. Guabiju (RS)	Lei n. 1.315/2016
	10. Camargo (RS)	Lei n. 1.798/2017
	11. Caxias do Sul (RS)	Lei n. 8.208/2017
	12. Ivorá (RS)	Lei n. 1.307/2018
	13. Pinto Bandeira (RS)	Lei n. 414/ 2019
	14. Nova Pádua (RS)	Lei n. 1.214/2020
	15. Ipumirim (SC)	Lei n. 1.868/2020
	16. Barão (RS)	Lei n. 2.451/2021
	17. Casca (RS)	Lei n 3.049/2022
	18. Vila Flores (RS)	Lei n.2541/2022

Fonte: <http://ipol.org.br/lista-de-linguas-cooficiais-em-municipios-brasileiros/>. Acesso em: 20 nov. 2023.

Nesse quadro, disponibilizado no site do IPOL - Instituto de Investigação e Desenvolvimento em Política Linguística, observamos os municípios brasileiros em que o Talian foi cooficializado.

O primeiro município a cooficializar o Talian foi Serafina Corrêa, uma cidade do Rio Grande do Sul, que se destaca pela presença marcante da cultura taliana. O município possui um pouco mais de quinze mil habitantes, com a grande maioria descendentes de italianos.

Há em Serafina, além das belezas próprias da natureza, alguns monumentos e pontos turísticos que remetem à Itália, e o principal ponto turístico da cidade é a réplica do Coliseu de Roma (Imagem 1). Ela está situada na rua denominada Via Gênova, na qual estão instaladas outras quatro construções de inspiração italiana: o castelo de Romeu (Imagem 2), o castelo de Julieta (Imagem 3), o castelo de Marostica (Imagem 4) e La Rotonda (Imagem 5).

Imagem 1 Réplica do Coliseu de Roma



Fonte: <https://www.serafinacorrea.rs.gov.br/old/via-genova/>. Acesso em: 14 jan. 2024.

Imagem 2 O castelo de Romeu



Fonte: <https://www.viagensecaminhos.com/serafina-correa-rs/>. Acesso em 24 abr. 2024.

Imagem 3 O Castelo de Julieta



Fonte: Disponível em: Pinterest. Acesso em: 06 maio 2024.

Imagem 4 O castelo de Marostica



Fonte: Disponível em: Castelo Inferiore Di Marostica – Serafina em Foto (serafinaemfotos.com.br). Acesso em: 06 maio 2024.

Imagem 5 La Rotonda



Fonte: Disponível em: (133) Pinterest. Acesso em: 06 maio 2024.

Uma das fortes influências dos italianos na cidade de Serafina Corrêa é o idioma, o Talian, que é mais falado em Serafina, sendo um exemplo de preservação do idioma. Devido ao grande prestígio que a língua Talian recebe em Serafina, ela foi a primeira cidade brasileira a adotar o Talian como segunda língua oficial, e hoje é conhecida como a capital nacional do Talian.

Outro município que possui a Língua Talian cooficializada é Flores da Cunha, cidade colonizada desde 1876, por imigrantes italianos que vieram principalmente do norte da Itália. A maior parte dos colonizadores se instalou entre 1878 e 1890, fundando o povoado de São Pedro e depois São José, que, posteriormente, formaram a vila de Nova Trento.

Em 21 de dezembro de 1935, o prefeito Heitor Curra, por meio de um Decreto municipal com a autorização do Conselho Municipal alterou o nome da cidade de Nova Trento para o de Flores da Cunha, em homenagem ao governador do estado da época, o General José Antônio Flores da Cunha.

Considerando a preservação e salvaguarda do Talian em Flores de Cunha, há um grande marco em relação a este aspecto, que ocorreu em 27 de abril de 2015, ocasião em que foi aprovada uma Lei Orgânica que dispõe sobre a cooficialização da Língua do Talian à língua portuguesa nesse município.

Outra cidade que também apresenta expressiva influência da imigração italiana é Nova Erechim, localizada no estado de Santa Catarina. Segundo dados do IBGE, “os primeiros colonizadores da região onde se encontra Nova Erechim eram gaúchos descendentes de imigrantes italianos e poloneses, oriundos da cidade de Erechim, no Rio Grande do Sul”¹³. Os imigrantes italianos, portanto, trouxeram consigo a língua e seus costumes, zelando pela manutenção da tradição. Tão forte é a presença do italiano nesse município que, em agosto de 2015, o Talian ganhou o *status* de lingual cooficial, com a Lei n. 783.¹⁴

Com a lei de cooficialização do Talian, o município buscou a valorização da língua e da cultura, almejando a salvaguarda desse patrimônio imaterial dos munícipes. Nesse sentido, vários eventos são realizados na cidade para alcançar tal objetivo.

Outro município que teve o Talian cooficializado, foi Nova Roma do Sul, no Rio Grande do Sul. A cidade teve início como povoado em 1899, já nomeado de Nova Roma, homenageando a capital da Itália, Roma. Após alguns anos, o povoado se expandiu e tornou-se vila, em seguida, distrito e, em 1987, conseguiu sua emancipação política, iniciando em 1989 a primeira administração municipal.

¹³ Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sc/nova-erechim/historico>. Acesso em: 31 out. 2023.

¹⁴ Disponível em: <https://leismunicipais.com.br/a1/sc/n/nova-erechim/lei-ordinaria/2015/179/1783/lei-ordinaria-n-1783-2015-dispoe-sobre-a-co-oficializacao-da-lingua-do-talian-veneto-brasileiro-a-lingua-portuguesa-no-municipio-de-nova-erechim-sc?q=talian>. Acesso em: 31 out. 2023.

Com a Lei nº 1310¹⁵, datada em 16 de outubro de 2015, ficou estabelecido que o município de Nova Roma possui como língua cooficial o Talian.

Essa lei, segundo o site da Prefeitura de Nova Roma do Sul¹⁶, foi criada como um projeto de valorização da herança linguística e cultural, conscientizando a população para a proteção do Talian como uma forma de identidade e cidadania. O objetivo é incentivar o conhecimento da língua, sobretudo para as gerações mais novas, implementando um plano educacional a favor do Talian e formando profissionais para ensinar a língua. “Outro aspecto importante é os meios pelos quais irá ser desenvolvida a aprendizagem, a prioridade é ensinar através da construção de vivência local elaborada ao longo do tempo”¹⁷. Para isso, deve-se ensinar, resgatar e preservar os usos, costumes e tradições através da língua.

Paraí, cidade do Rio Grande do Sul, possui aproximadamente sete mil habitantes e conta também com um número expressivo de descendentes de imigrantes italianos que chegaram na região a partir de 1910. No site da Prefeitura Municipal de Paraí¹⁸, Didó¹⁹(2024) afirma que:

Com seus hábitos de gastronomia, habitação, trabalho e religiosidade, os imigrantes deixaram um legado cultural do qual ainda são evidentes as marcas no trabalho, na fé, nos hábitos e costumes sadios de uma sociedade simples, porém acolhedora e receptiva. (n.p).

A cidade recebeu esse nome, segundo Bordignon (2024), quando um pequeno grupo de imigrantes, ao acompanhar o agrimensor e o colonizador na realização do traçado do centro do lugar, tiveram que interromper o trabalho devido a uma forte precipitação de neve. Assim, o grupo decidiu batizar a cidade de *Para-ahí*, que significava o que eles viviam naquele momento: parados e imóveis por causa da neve.

Paraí também cooficializou o Talian, fato que aconteceu em 25 de agosto de 2015, com a Lei nº 3.122²⁰. Nesta lei ficou oficializada a língua Talian como segunda língua oficial do Município, juntamente com a Língua Portuguesa. Com o *status* de língua oficial foi dada a permissão de ensinar a língua nas escolas; criar concursos públicos de literatura, genealogia e sabedoria popular no Talian ou bilíngue; incentivar o Talian e os saberes tradicionais como música, canto, teatro, danças, jogos e outros; incentivar publicações bilíngues ou do Talian e utilizar a língua do Talian juntamente com a língua portuguesa, na semana alusiva ao aniversário

¹⁵ Disponível em: <https://leismunicipais.com.br/a1/rs/n/nova-roma-do-sul/lei-ordinaria/2015/131/1310/lei-ordinaria-n-1310-2015-dispoe-sobre-a-cooficializacao-da-lingua-do-talian-a-lingua-portuguesa-no-municipio-de-nova-roma-do-sul?r=c>. Acesso em: 21 jan. 2024.

¹⁶ Disponível em: <https://www.novaromadosul.rs.gov.br/secao.php?id=1>. Acesso em: 22 jan. 2024.

¹⁷ Disponível em: <https://www.novaromadosul.rs.gov.br/secao.php?id=1>. Acesso em: 22 jan. 2024.

¹⁸ Disponível em: https://parai.rs.gov.br/noticiasView/712_Parai-realiza-Instalacao-de-novo-Memorial-de-Mateus-Dal-Pozzo-pioneiro-do-municipio.html. Acesso em: 24 jan. 2024.

¹⁹ Natália Didó é Assessora de Imprensa e escreveu para o site da Prefeitura Municipal de Paraí.

²⁰ Disponível em: <https://leismunicipais.com.br/a/rs/p/parai/lei-ordinaria/2015/313/3122/lei-ordinaria-n-3122-2015-oficializa-a-lingua-do-talian-veneto-brasileiro-no-municipio-de-parai-e-da-outras-providencias?q=talian>. Acesso em: 24 jan. 2024.

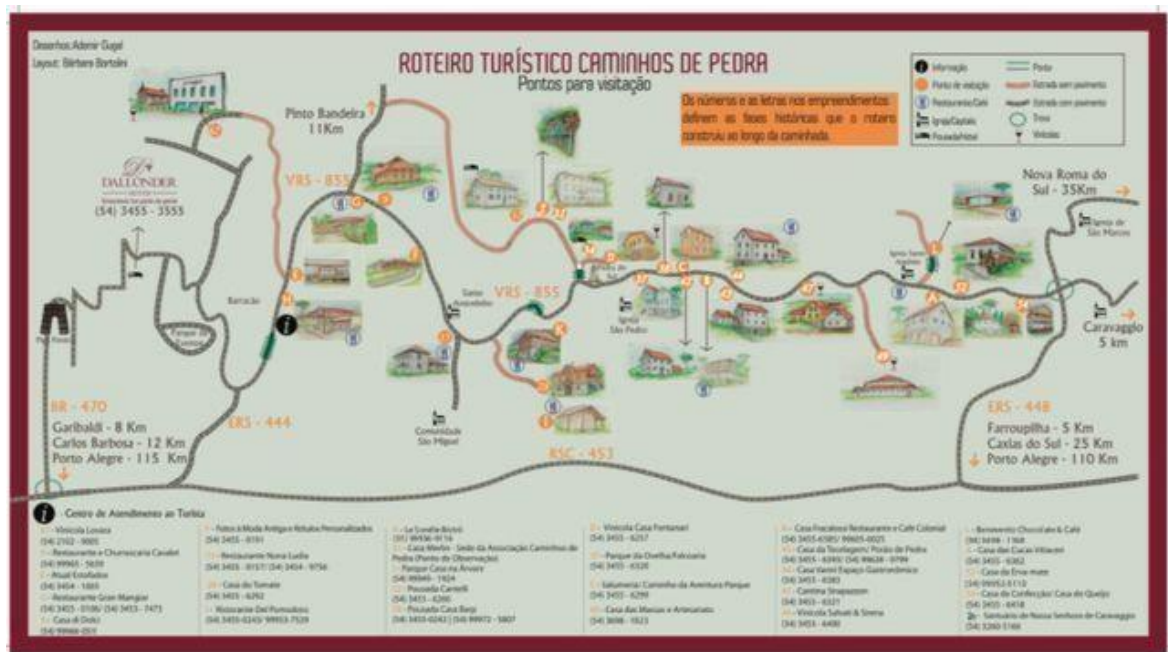
do município.

Bento Gonçalves, cidade situada a cento e quinze quilômetros de Porto Alegre, é conhecida como uma das cidades mais italianas do Brasil, famosa por ser a cidade da uva e do vinho. Segundo o blog *O melhor da viagem*²¹, “Bento Gonçalves é um convite a voltar no tempo e na história dos imigrantes italianos”.

A cidade possui, dentre outras ações voltadas para a cultura taliana, um Projeto Cultural denominado Caminhos de Pedra, cuja finalidade é resgatar, preservar e dinamizar a história, cultura e tradição dos imigrantes italianos. A gestão da rota, segundo o site ArqAtualiza²², é conduzida pela Associação Caminhos de Pedra, criada em 1997, com apoio do Sebrae. O roteiro recebe anualmente 100.000 turistas e é reconhecido como patrimônio histórico do RS, com a Lei Estadual 13.177/09, pois possui o maior acervo de imigração italiana em área rural do país.

Mapa 2 Roteiro da Caminhos de Pedra

Fonte: www.caminhosdepetra.org.br Acesso em: 5 maio 2024.



Além disso, a Associação Caminhos de Pedra possui um projeto que culminou em um documentário: *Talian – La nostra vera lingua madre* (Talian – a nossa verdadeira língua mãe). O objetivo é principalmente o de despertar o interesse dos jovens da região para a língua e a cultura que os cercam.

Considerando a forte presença da cultura taliana na cidade, em junho de 2016, com a Lei 6.109²³, a língua Talian foi cooficializada em Bento Gonçalves, possibilitando valorizar ainda

²¹ Disponível em: Bento Gonçalves, um pedaço da Itália no Brasil - O melhor da viagem. Acesso em: 28 jan. 2024.

²² Disponível em: <https://www.arqatualiza.com.br/site/blog/projeto-caminhos-de-pedra-em-bento-goncalves-e-bom-exemplo-de-valorizacao-da-cultura-tradicional/>. Acesso em: 10 fev. 2024.

²³ Disponível em: Repositório Brasileiro de Legislações Linguísticas (RBLL) · Lei n. 6.109/2016 - Do Município de Bento Gonçalves / RS · OBDL (direitolinguistico.com.br). Acesso em: 28 jan. 2024

mais a herança linguística e cultural, assim como salvaguardar um patrimônio imaterial da população.

Fagundes Varela é um município pequeno que faz parte da região nordeste do Rio Grande do Sul e, apesar de ser uma cidade nova, já que sua emancipação política ocorreu em 1989, sua história teve início em 1891, com a fundação de um povoado que abrigou várias famílias de imigrantes italianos. O nome da cidade é uma homenagem ao poeta Luiz Nicolau Fagundes Varela, porém, não existe nenhuma relação entre o poeta e a cidade.

A cidade, que conta com menos de três mil habitantes, adotou o Talian como sua língua cooficial, sendo comum encontrar pessoas, especialmente as de mais idade, conversando na língua. Para incentivar os descendentes de imigrantes italianos mais jovens a se comunicarem em Talian, são ofertadas gratuitamente aulas da língua, as quais acontecem presencialmente na Casa da Cultura da cidade.

Antônio Prado é, segundo o site da prefeitura do município²⁴, “a sexta e última das chamadas ‘antigas colônias da imigração italiana’ e foi fundada em maio de 1886”. A cidade, que recebeu muitos imigrantes italianos, possui mais de cem anos de história, os quais estão preservados em um Museu, que conta com mais de quinhentos objetos, dentre eles enxovais, louças, talheres, arado, lampião, assim como fotos de momentos vivenciados pela comunidade.

O município, que também possui a língua Talian como cooficial, se destaca pelo Projeto Memória, idealizado pelo Círculo Cultural Ítalo-Brasileiro de Antônio Prado, que lançou o documentário *Brasil Talian*, traçando um panorama da língua: “o filme revela a riqueza do talian como língua de características muito particulares, derivada de dialetos do norte da Itália e que no contexto brasileiro se difere da sua matriz original”²⁵.

O município de Guabiju foi emancipado em 9 de dezembro de 1987, e recebeu este nome devido à existência da árvore guabijuzeiro, de muita abundância na região. Em 5 de maio de 2023, a cidade recebeu o título de Capital Nacional do Guabiju, ainda que o fruto não seja a fonte da economia do município, mas está diretamente ligado à identidade e cultura da cidade. Em 2016, com a Lei ordinária nº 1315/2016, de 20 de abril, ficou estabelecido que o município teria como língua cooficial o Talian. Esse status concedido ao Talian permitiu tutelar a língua, assim como incentivar o conhecimento e a fala da língua, especialmente nas famílias e com as novas gerações.

Na cidade de Camargo, situada na região norte do Rio Grande do Sul, 95% da população é descendente de italianos, contudo, poucos ainda falam a língua materna. Com a Lei Ordinária nº 1798/2017, de 31 de outubro de 2017²⁶, o município, assim como os outros citados acima,

²⁴ Disponível em: <https://www.antonioprado.rs.gov.br/secao.php?id=1> Acesso em: 10 fev. 2024.

²⁵ Disponível em <https://cultura.rs.gov.br/documentario-sobre-o-idioma-talian-e-lancado-em-antonio-prado>. Acesso em: 10 fev. 2024.

²⁶ Disponível em: <https://leisnaweb.com.br/mostrar-ato/?ato=1901&host=camargo&search=>. Acesso em: 11 fev. 2024

cooficializou o Talian como língua cooficial, e foram possibilitadas e incentivadas diversas ações para valorizar a herança linguística e cultural como forma de salvaguardar um Patrimônio Imaterial do povo.

Levando isto em conta, um projeto foi desenvolvido, a fim de levar um pouco mais da cultura italiana às salas de aula na rede municipal de ensino. Em 2018, em entrevista à Rede Globo²⁷, o professor Roger Trevisan afirmou que graças às oficinas, ministradas uma vez na semana, as crianças estão relembrando e revivendo juntamente com as famílias o resgate da cultura taliana e da língua mãe.

Em Caxias do Sul, a Lei 8.208, de 2017²⁸ instituiu o Talian como segunda língua oficial do Município; dentre outros objetivos, esta lei buscou conscientizar a população a respeito da necessidade de proteger o Talian como base de identidade e cidadania.

Ivorá, conforme aponta o site da Prefeitura Municipal deste município²⁹, foi colonizada a partir de 1883 por imigrantes que vieram das atuais regiões italianas do Veneto e Friuli-Venezia-Giulia. O município recebeu primeiramente o nome de Núcleo Norte, pelo fato de estar localizado ao norte do núcleo da Colônia de Silveira Martins, atual município de Silveira Martins.

Nessa cidade também há a forte presença da cultura taliana; portanto, em 2018, o Talian tornou-se a língua cooficial do município, instituída com o objetivo de preservar a história, cultura e o conhecimento trazido pelos imigrantes e repassado a seus descendentes.

Pinto Bandeira é uma pequena cidade localizada na Serra Gaúcha, colonizada também por muitos italianos que chegaram ao local a partir de 1876. O município cooficializou o Talian em dezembro de 2019, com a Lei nº 414, e é a terra de Darcy Loss Luzzatto, considerado o pai do Talian.

Luzzatto foi um grande estudioso do Talian e um dos protagonistas dos estudos que levaram à normatização da língua. O jornal *Semanário*³⁰ destaca que Luzzatto foi:

Autor de diversas obras sobre o dialeto, Luzzatto foi responsável pela elaboração do dicionário Português/Talian. Sua paixão pela língua dos antepassados começou em 1984, com o intuito de resgatar a língua materna, tornando-se referência na região, Estado e no país, quando tornou-se palestrante.

²⁷ Disponível em: <https://g1.globo.com/como-sera/noticia/2018/03/projeto-leva-cultura-italiana-sala-de-aula-no-rio-grande-do-sul.html>. Acesso em: 11 fev. 2024.

²⁸ Disponível em: <https://leismunicipais.com.br/a/rs/c/caxias-do-sul/lei-ordinaria/2017/821/8208/lei-ordinaria-n-8208-2017-institui-o-talian-como-a-segunda-lingua-oficial-do-municipio-de-caxias-do-sul>. Acesso em: 23 fev. 2024.

²⁹ Informação obtida no site da Prefeitura Municipal de Ivorá. Disponível em: <https://www.ivora.rs.gov.br/o-municipio/sua-origem>. Acesso em: 24 fev. 2024.

³⁰ Fragmento retirado do Jornal *Semanário*. Disponível em: <https://jornalsemanario.com.br/regiao-se-despede-de-darcy-loss-luzzatto-considerado-o-pai-do-talian/>. Acesso em: 24 fev. 2024.

O legado deixado por Luzzatto à cultura taliana é relevante e possui reconhecimento tanto no Brasil quanto na Itália, merecendo destaque neste trabalho ao mencionarmos sua terra natal, já que suas pesquisas foram fundamentais para a preservação da história desse povo.

Localizada na Serra Gaúcha, Nova Pádua começou a receber imigrantes italianos em 1886. Devido ao número expressivo de descendentes de imigrantes que buscavam preservar a cultura e língua dos antepassados, o município teve o Talian cooficializado, com a Lei municipal nº 1214, em novembro de 2020³¹.

Com a lei, dentre outros objetivos, buscou-se, a cada ano, com uma programação que homenageia os colonos e motoristas, realizar uma seção falada em Talian, assim como na semana alusiva ao aniversário do município e nos eventos tradicionais que acontecem na cidade.

Ipurimim, cidade de Santa Catarina, foi colonizada por italianos no início do século XX, sendo emancipada em 1963, já que antes pertencia ao município de Concórdia.

Ipumirim, que conta com aproximadamente 7.400 habitantes, de acordo com o censo do IBGE do ano de 2009, têm como principais atividades econômicas, a agropecuária e as indústrias madeireiras. A data festiva considerada como aniversário da cidade é 7 de abril, e a constituição étnica da cidade é composta por ítalos, germânicos, afrodescendentes e caboclos, sendo que os descendentes de italianos compõem a maior parte dos habitantes (Guerner; Gilsa, 2015, p. 93).

Dada a formação histórica de Ipumirim, que além de receber imigrantes italianos, recebeu muitos germânicos, o município cooficializou em 17 de dezembro de 2020, com a Lei municipal nº 1.868, tanto a língua Talian como a língua Hunsrückisch³².

Barão, cidade do estado do Rio Grande do Sul, assim como o município de Ipumirim, de Santa Catarina, cooficializou além do Talian a língua Hünsrik, que está ligada às variantes trazidas pelos imigrantes vindos de diversas regiões germânicas, através da Lei Municipal nº 2.451, de 14 de abril de 2021³³.

Com essa lei, o município se dispõe, dentre outras ações, a incentivar ações comunitárias de valorização e promoção dessas línguas, assim como propagar o ensino das línguas nas escolas, comunidades e grupos, tanto por processos de educação formal, informal como não-

³¹ Lei municipal nº1214. Disponível em: <https://leismunicipais.com.br/a/rs/n/nova-padua/lei-ordinaria/2020/122/1214/lei-ordinaria-n-1214-2020-dispoe-sobre-a-cooficializacao-da-lingua-talian-a-lingua-portuguesa-no-municipio-de-nova-padua> Acesso em: 25 fev. 2024.

³² Conforme o Artigo 3º da lei municipal 1.868, a língua hunsrückisch, inventariada e reconhecida no âmbito do Inventário Nacional da Diversidade Linguística, é vinculada historicamente aos dialetos provenientes do oeste da Alemanha e desenvolveu-se como língua brasileira progressivamente a partir de 1824. Disponível em: <https://leismunicipais.com.br/a/sc/i/ipumirim/lei-ordinaria/2020/187/1868/lei-ordinaria-n-1868-2020-dispoe-sobre-a-cooficializacao-das-linguas-talian-e-hunsruckisch-no-municipio-de-ipumirim-sc>. Acesso em: 24 fev. 2024.

³³ A lei pode ser consultada no site: <https://leismunicipais.com.br/a/rs/b/barao/lei-ordinaria/2021/246/2451/lei-ordinaria-n-2451-2021-dispoe-sobrea-cooficializacao-das-linguas-hunsrick-e-talian-no-municipio-de-barao-rs>. Acesso em: 25 fev. 2024.

formal.

Casca, município do Rio Grande do Sul, também cooficializou duas línguas, o Talian e o Polonês. A Lei Municipal nº 3.049³⁴ é datada de 16 de março de 2022. Com o *status* de línguas cooficiais, o município possibilitou a criação de um planejamento linguístico de ação integrada com todas as Secretarias do município, buscando uma consciência ampla da necessidade de proteger o Talian e o Polonês em todas as formas, como base de identidade e cidadania.

Vila Flores, município do Rio Grande do Sul, é um município bilíngue: a lei assinada no dia 5 de julho de 2022, tornou o Talian, língua oficial no município juntamente com a Língua Portuguesa.

Com a sanção da lei, a intenção é que o idioma se perpetue entre as próximas gerações, mantendo vivo o legado deixado pelos antepassados que povoaram a região. Além disso, a intenção é buscar recursos financeiros e expandir projetos culturais que já existem hoje (Fernandes, 2022, n. p.).

Esta legislação busca a valorização da herança linguística e cultural, incentivando também a fala no idioma que, em muitas famílias, é a língua mais utilizada dentro de casa.

Observando este cenário de reconhecimento do Talian a partir da cooficialização do idioma em diversas cidades, constatamos que são amplas as iniciativas em prol dessa língua de imigração, manifestando, desse modo, ações de resgate do passado e significando que os cidadãos podem construir suas vidas em duas ou mais línguas, já que elas possuem a mesma importância e *status* diante da sociedade.

³⁴ Lei disponível no site: <https://leismunicipais.com.br/a/rs/c/casca/lei-ordinaria/2022/305/3049/lei-ordinaria-n-3049-2022-dispoe-sobre-a-cooficializacao-da-lingua-talian-e-do-polones-no-municipio-de-casca-rs>. Acesso em: 25 fev. 2024.

CAPÍTULO 5 METODOLOGIA

Neste capítulo, tratamos do *corpus* e da metodologia da pesquisa que deu origem a esta dissertação, destacando o tipo de pesquisa, os informantes, questionário, procedimentos para a coleta de dados e os critérios de análise.

Tipo de pesquisa

Este trabalho está pautado em pressupostos teóricos e metodológicos que regem as pesquisas em Sociolinguística Variacionista, assim como aos estudos acerca de Crenças e Atitudes Linguísticas.

De acordo com Baker (1992, *apud* Smaha, 2018, p.77), há vários métodos de pesquisa para medir as atitudes individuais em relação a uma língua, com destaque para as entrevistas e os questionários. Neste caso, fazemos o uso de questionários para alcançar os objetivos desta pesquisa.

Moreno Fernández (2009) também aponta algumas técnicas que são utilizadas para analisar as condutas relacionadas às crenças e atitudes linguísticas de um grupo, entre elas está o método direto. O método direto, utilizado nesta dissertação, é aplicado por meio de entrevistas e questionários, que podem ser constituídos tanto por perguntas abertas quanto por perguntas fechadas.

Para esta pesquisa, foi utilizado o método direto, com a aplicação de questionários com perguntas abertas, proporcionando aos informantes a liberdade de responder abertamente aos questionamentos. As perguntas abertas possuem muitos aspectos positivos, como a possibilidade de o entrevistado mostrar suas opiniões próprias, ao contrário das perguntas fechadas, em que o participante recebe um formato específico para colocar suas respostas, deixando-as mais restritas.

Informantes

Para compor o *corpus* desta pesquisa, participaram dela oito detentores do Talian, todos residentes em Santa Catarina e no Rio Grande do Sul. A escolha da comunidade se deu principalmente devido à localização dos dois estados, que abarca uma realidade linguística vasta em relação ao Talian. Os informantes foram distribuídos em três variáveis sociais: sexo, estado e nível de escolaridade. Todos os participantes selecionados são detentores da Língua Talian, sendo três do sexo feminino e cinco do sexo masculino. Quatro moram no Rio Grande do Sul e quatro vivem em Santa Catarina. A faixa etária dos informantes varia de quarenta e dois a oitenta e dois anos, e a escolaridade varia de Ensino Médio à Pós-graduação. Os dados dos informantes podem ser melhor visualizados no Quadro 2.

SEXO	IDADE	OCUPAÇÃO	ESCOLARIDADE	ESTADO
Feminino	57	Aposentada	Pós-Graduação	S C
Feminino	52	Secetária	Ensino Médio	R S
Feminino	42	Professor a	Pós-Graduação	R S
Masculino	82	Aposentado	Curso Superior	R S
Masculino	64	Comerciante	Ensino Médio	S C
Masculino	64	Aposentado	Pós-Graduação	S C
Masculino	62	Professor	Pós-Graduação	S C
Masculino	61	Técnico	Ensino Médio	R S

Quadro 2 Dados sociais dos informantes

Fonte: Elaborado pela autora.

Questionário

O instrumento escolhido para obtenção de dados foi um questionário sociolinguístico, constituído por questões abertas. Este questionário utilizado para a coleta de dados foi elaborado em duas partes: a primeira, formada por cinco questões relacionadas à identificação dos participantes, e a segunda, que contemplou seis perguntas abertas, oportunizando aos informantes manifestar suas experiências pessoais e opiniões abertamente.

Na primeira parte do questionário, solicitamos aos informantes que fornecessem seus dados pessoais, como: idade, escolaridade, sexo, profissão, cidade e estado de moradia. Na segunda, optamos por perguntas abertas, permitindo que os informantes pudessem expressar suas ideias de maneira ativa. Vale destacar que somente as perguntas abertas serão analisadas nesta pesquisa, os outros dados poderão ser analisados em pesquisas futuras. O perfil social

geral dos entrevistados pode ser utilizado para análise extralinguística; os dados pessoais que identificam os entrevistados não serão divulgados, sendo de exclusivo conhecimento da pesquisadora. A seguir, apresentamos o questionário utilizado nesta pesquisa:

Quadro 3 Questionário

Parte I
Idade
Escolaridade:
Sexo:
Profissão:
Cidade e Estado em que mora:
Parte II
1-Você é detentor do Talian? Se sim, como aprendeu a língua?
2-Já “sentiu na pele” alguma consequência das proibições impostas na Era Vargas? E/ou sabe de alguém que vivenciou algum fato relacionado a esse período?
3- Em 2014, o Talian foi reconhecido como Referência Cultural Brasileira; o que esse fato trouxe de positivo para os detentores da língua?
4- As cooficializações do Talian já concretizadas nos municípios do RS e de SC são importantes para a salvaguarda da língua? Por quê?
5-Existem outros fatos ou ações, além dos citados acima, que impactaram positivamente na autoestima dos detentores da Língua Talian? Comente.
6- Na sua avaliação, quais as maiores conquistas do Talian? Por quê?

Fonte: Elaborado pela autora

Procedimentos para a coleta de dados

Para a obtenção dos dados dos informantes, foram seguidos alguns critérios, sobretudo a relação dos sujeitos com a cultura taliana e o conhecimento da língua Talian. Todos os informantes possuem com maior ou menor intensidade envolvimento com as ações em prol da salvaguarda do Talian e são detentores da língua.

Chegamos até os informantes por intermédio do Projeto Cucagna Scola de Talian e da ASSODITA. O primeiro contato com eles foi realizado com o aplicativo WhatsApp; nesta oportunidade, foi informado a cada um dos entrevistados que esta pesquisa fazia parte de uma

dissertação de mestrado e foi explicado que, caso aceitassem participar, não teriam sua identidade revelada, responderiam a um questionário, da maneira que achassem melhor: áudio, mensagem ou e-mail. Os informantes que aceitaram participar da pesquisa receberam em seguida o questionário via e-mail ou WhatsApp, conforme a preferência de cada um.

A coleta de dados levou aproximadamente um mês e meio para ser concluída, pois, mesmo tendo um prazo estipulado, alguns informantes, alegando falta de tempo, demoraram um pouco mais para responder ao questionário.

Por uma questão de ética, ressalta-se que os nomes dos sujeitos da pesquisa, bem como qualquer aspecto pessoal, não serão publicados e toda pesquisa foi realizada cuidadosamente para não revelar a identidade dos entrevistados.

Critérios de Análise

Buscando responder à pergunta de pesquisa: De que maneira o reconhecimento do Talian, enquanto Língua de Referência Cultural Brasileira, impactou na autoestima dos detentores desta língua? delimitamos os objetivos, os quais foram alcançados a partir da análise das respostas dos informantes que colaboraram com a pesquisa, com a adoção de critérios analíticos.

Para alcançar o objetivo principal deste trabalho, que é a compreensão de como o processo de reconhecimento como Língua de Referência Cultural Brasileira contribuiu para a salvaguarda dessa língua de imigração, a partir do levantamento das principais crenças e atitudes linguísticas, foram delimitados alguns objetivos específicos, os quais foram alcançados com a análise das respostas dos informantes, que versam acerca do momento histórico em que era proibido falar o Talian, o panorama traçado pela língua e as mudanças que aconteceram após o seu reconhecimento.

Para tanto, analisamos sentimentos, crenças e atitudes resgatados da memória dos informantes, ao relatarmos as consequências de falar o Talian, observando cuidadosamente o panorama histórico da língua até chegar à grande conquista que impactou positivamente nas atitudes e crenças dos falantes da língua.

Para evidenciar de forma mais clara e precisa os resultados da pesquisa, foi utilizado o recurso nuvem de palavras, que foram produzidas com o aplicativo Wordart.

CAPÍTULO 6 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Apresentamos, nesta seção, os principais resultados obtidos por meio do questionário sociolinguístico aplicado aos informantes desta pesquisa. Conforme já destacado na metodologia, dele participaram 8 pessoas, sendo cinco do sexo masculino e três do sexo feminino, com a faixa etária que varia de 42 a 82 anos. Dos participantes, quatro residem no estado de Santa Catarina e quatro no Rio Grande do Sul. A respeito da escolaridade, três informantes possuem Ensino Médio, um possui Curso Superior e os outros quatro entrevistados cursaram pós-graduação.

Parte I Dados de identificação

Para este trabalho, a pesquisadora escolheu para cada informante um código, já que não serão expostos seus nomes, bem como nenhuma informação que os possa identificar; abaixo estão os códigos e as informações pessoais de cada um, do modo exato como que trouxeram em suas respostas na primeira parte do questionário sociolinguístico.

Perfil dos informantes do sexo feminino

A informante 01 tem 57 anos, é pós-graduada, aposentada e reside em Santa Catarina. A entrevistada 02 possui 52 anos, é secretária, possui Ensino Médio completo e reside no Rio Grande do Sul. A participante 03 tem 42 anos, é graduada em Artes Plásticas, Pós-graduada em Música e Musicalidade e mora no Rio Grande do Sul. Dados que podem ser melhor observados no quadro abaixo:

Quadro 4 Dados sociais dos informantes do sexo feminino

INFORMANTE	SEXO	IDADE	OCUPAÇÃO	ESCOLARIDADE	ESTADO
01	Feminino	57	Aposentada	Pós-Graduação	SC
02	Feminino	52	Secretária	Ensino Médio	RS
03	Feminino	42	Professora	Pós-Graduação	RS

Fonte: Elaborado pela autora.

Perfil dos informantes do sexo masculino

O entrevistado 04 tem 82 anos, Curso Superior, é professor aposentado e reside no Rio Grande do Sul. O entrevistado 05 tem 64 anos, é comerciante, tem Ensino Médio completo e mora em Santa Catarina. O participante 06 tem 64 anos, é aposentado, pós-graduado e reside em Santa Catarina. O informante 07 tem 62 anos, é professor, pós-graduado e reside em Santa Catarina. O último participante é o 08, 61 anos, técnico, tem Ensino Médio completo e reside no Rio Grande do Sul. Os seguintes dados estão expostos no quadro a seguir para melhor visualização:

Quadro 5 Dados sociais dos informantes do sexo masculino

INFORMANTE	SEXO	IDADE	OCUPAÇÃO	ESCOLARIDADE	ESTADO
04	Masculino	82	Aposentado	Curso Superior	RS
05	Masculino	64	Comerciante	Ensino Médio	SC
06	Masculino	64	Aposentado	Pós-Graduação	SC
07	Masculino	62	Professor	Pós-Graduação	SC
08	Masculino	61	Técnico	Ensino Médio	RS

Fonte: Elaborado pela autora.

Parte II Perguntas abertas

Este tópico traz a análise das perguntas realizadas aos informantes. A seguir, estão as respostas para cada uma das questões, considerando a opinião de todos os informantes, dos sexos masculino e feminino.

1. Você é detentor do Talian? Se sim, como aprendeu a língua?

A entrevistada 01 afirmou que é detentora do Talian e aprendeu a língua em atividades de difusão da língua, como o *Cucagna Scola de Talian*. As outras duas informantes 02 e 03 que afirmaram que aprenderam o Talian em casa, no convívio com os pais, avós, enfim, no seio familiar. A entrevistada 02 complementa, relatando que aprendeu a língua portuguesa apenas no espaço escolar:

Aprendi [o Talian] em casa, no convívio com os pais. Até os 7 anos de idade falava somente o idioma Talian, aprendi o português quando comecei a frequentar a escola (Informante 02).

As medidas tomadas durante o Governo de Getúlio Vargas para minimizar as influências estrangeiras no Brasil não foram suficientes para apagar o Talian, visto que, no núcleo familiar, principalmente nos locais mais afastados dos centros urbanos, essa era a única língua falada em casa. Além disso, conforme Sfredo (2018), os imigrantes estavam tão ligados emocionalmente às suas origens, que encontravam dificuldades em expressar seus sentimentos nas atividades cotidianas com a língua portuguesa, repassando, dessa maneira, o Talian para seus filhos.

Os descendentes de imigrantes aprendiam a Língua Portuguesa em muitos casos apenas na instituição escolar como é o caso da informante 02, já que, conforme regulamentado pela Constituição Federal de 1946, o ensino primário só poderia ser ministrado na língua nacional³⁵. Para se sentirem integrados nos espaços públicos, eles obrigavam-se a aprender a Língua Portuguesa, pois sabiam que se assim não o fizessem poderiam sofrer repressões, por outro lado, acabavam negando a sua própria língua e sua própria identidade.

O grupo composto por informantes do sexo masculino, trazendo as respostas dos três entrevistados que moram no estado de Santa Catarina, todos afirmaram que são detentores do Talian. O informante 05 contribuiu afirmando que sabia um pouco da língua, pois aprendeu com os pais e amigos, porém, aprendeu, de fato, a língua nos últimos 10/12 anos quando começou a praticá-la.

O participante 06 relata ter aprendido a língua com os pais, avós e vizinhos. Conforme Fischman (1967), citado por Pertile (2009, p. 178), afirma ser a transmissão intergeracional “um

³⁵ “Art 168- A legislação do ensino adotará os seguintes princípios:

I- O ensino primário é obrigatório e só será dado na língua nacional.” Disponível em: [Constituição46\(planalto.gov.br\)](http://Constituição46(planalto.gov.br))
Acesso em: 29 abr. 2024.

fator decisivo na manutenção ou na substituição da língua de origem”. Ainda a respeito do aprendizado da língua, o entrevistado 08 relata:

Aprendi a falar Talian na família, ouvindo meus nonos e pais e também com a vizinhança, pois todos os vizinhos eram descendentes de italianos e falavam o Talian fluentemente entre eles e conosco (Informante 08).

Em relação às respostas dessa pergunta dos informantes do sexo masculino, que residem no Rio Grande do Sul, temos ainda a resposta do informante 04:

Posso dizer sim que sou detentor do Talian, uma vez que foi a língua com a qual comecei a pronunciar minhas primeiras palavras: “mama”, “pupà”... Nossa comunicação em âmbito familiar sempre fora em Talian, mas como tínhamos convivências com pessoas da cidade, o português foi se infiltrando quase imperceptivelmente. Depois, na escola, era obrigado a falar em português, não com o mesmo domínio do Talian (Informante 04).

E o informante 08 nos relatou a seguinte experiência:

Quando pequeno, eu só entendia a Língua Talian (na época era chamada de DIALETO), pois meus pais e avós falavam entre si, mas quando falavam conosco, era em português. Esse foi um dos motivos que muitas pessoas só entendem, mas não falam o Talian. Mais tarde, quando eu estava com 28 anos, entrei num grupo de cantoria italiana. Isso me fez aprender bastante. Em 2017, devido à falta de um meio de comunicação (em Caxias do Sul - RS), para divulgar e difundir o Talian, eu abri uma rádio. Foi assim que surgiu a Rádio Radise com mais de 90% de programação Taliana/Italiana. Em 2021 tive a oportunidade de iniciar um curso de Talian, Cucagna Scola de Talian, na Unicentro. Aprendi muito com este curso e, fico feliz em saber falar e ensinar a nossa Língua Mãe. O Talian é uma língua que nasceu em terras Brasileiras (Informante 08).

A partir dos dados coletados nesta primeira pergunta aberta, pudemos constatar que 100% dos informantes selecionados para esta pesquisa são detentores do Talian, e que a maioria aprendeu a língua com a própria família. Fato que pode ser demonstrado por meio da nuvem de palavras a seguir:

Nuvem de Palavras 1 O aprendizado do idioma

que mesmo após um grande tempo, as consequências desse cenário político afetaram duramente os descendentes de imigrantes, pois as atitudes linguísticas negativas em relação à língua Talian eram nitidamente percebidas e “sentidas”.

A entrevistada 03 também relata uma experiência semelhante, afirmando que:

Na verdade, eu já fui debochada porque [...] temos um sotaque do *Talian*, toda língua tem um sotaque para sermos sinceros. Então na escola, na faculdade, as pessoas davam risada quando eu apresentava meus trabalhos ou com quem eu conversava [...] dava respostas bem mais curtas para que certas pessoas não ouvissem, pois elas debochavam. Tinham deboche por causa do *Talian*, por causa do sotaque que eu tenho, que a gente tem na verdade, todo mundo tem sotaque (Informante 03).

Nos trechos selecionados, mais precisamente em 100% deles, as usuárias da língua retratam sentimentos de negação e vergonha vivenciadas por elas, devido a sua identidade linguística, corroborando com o que Loregian-Penkál e Dal Castel (2021, p.168) afirmam:

Passada a proibição e a tentativa de destruição do idioma, a desvalorização se deu por uma outra estratégia não menos danosa: a chacota, bullying, em que se passou a considerar o Talian como um falar de pessoas toscas e ignorantes, fazendo os colonos sentirem vergonha da única língua que falavam e na qual expressavam seus verdadeiros sentimentos, era a sua base identitária. Não bastasse essa vergonha, outra surgiu quando o povo talian começou a falar português, quando eram tomados em deboche pelo sotaque, indicador da identidade linguística e cultural de origem.

Os entrevistados do sexo masculino também relataram experiências similares com as mencionadas pelas informantes do sexo feminino, indicando a existência de atitudes linguísticas negativas perante o modo de falar dos descendentes de imigrantes, neste caso, italianos. Tais atitudes linguísticas demonstradas baseiam-se principalmente na posição social e *status* que a língua Talian ocupava na época, e os sentimentos que os indivíduos mantinham em relação aos detentores da língua.

O informante 04, por exemplo, expôs sua experiência, destacando as atitudes linguísticas percebidas em relação à sua língua. Em suas palavras: “O primeiro impacto que senti foi quando, aos 10 anos, em 1951, ingressei no Seminário dos Freis Capuchinhos onde era absolutamente PROIBIDO falar em Talian”. Nesse sentido, como já mencionamos, mesmo tendo passado alguns anos do vigor do decreto nacionalista, as imposições assombraram os imigrantes e todas as pessoas que se comunicavam em outras línguas que não fosse a Língua Portuguesa.

O informante 05 narra também sua experiência em relação à língua, exemplificando o período em que esteve servindo no quartel, em 1978:

[...] uma coisa que eu nem compreendia né, nem tinha compreendido na época é que no primeiro dia, na primeira formatura, na primeira manhã que nós

estávamos lá um dos pedidos “proibido falar qualquer língua estrangeira” quando comecei a me envolver no Talian eu percebi, lá a gente já era proibido [...] (Informante 05).

Este mesmo informante, que anteriormente havia declarado que aprendeu, de fato, o Talian nos últimos 10/12 anos, declara que, se não houvesse a proibição no quartel, pelo fato de ter convivido com muitos colegas detentores do Talian, teria aprendido a língua muito tempo antes. Essa proibição que havia no quartel era regulamentada pela Lei nº 1.545, de agosto de 1939, e no artigo 15 via-se o seguinte: “É proibido o uso de línguas estrangeiras nas repartições públicas, no recinto das casernas e durante o serviço militar”³⁶. Concordando com Cunha e Gabardo (2020), o medo e a vergonha foram os principais motivos que fizeram com que muitos descendentes negassem a sua própria língua e/ou diminuíssem a difusão dela.

Nas escolas, o português também foi imposto à força, em um contexto de fala em que os estudantes, em sua maioria, descendentes de imigrantes, não sabiam a língua portuguesa. Nesse sentido, para que os alunos aprendessem mais rapidamente e se adaptassem às exigências do período, eram castigados, inclusive fisicamente. O informante 08 reconhece que, na sua época de escola, as punições eram severas, ressaltando inclusive que ele e alguns colegas foram castigados por utilizar algumas palavras do Talian. Nesse período, concentrando as crianças em um ambiente teoricamente monolíngue, buscava-se garantir a alfabetização na língua nacional, e, conseqüentemente, as línguas estrangeiras foram expulsas das escolas.

O entrevistado 07WN aponta que mesmo indiretamente e, talvez, inconscientemente, também sofreu as conseqüências desse cenário político. Ele afirma que, ao frequentar a escola e a universidade, assim como as informantes 02 e 03 relataram, ele sofria *bullying*, pois era considerado ignorante, já que não sabia falar bem a Língua Portuguesa; pronunciava, segundo ele, “o R fraco no início das palavras ou quando era duplo pronunciava um só, “on” em vez de “ão”, etc. Por exemplo: “cachoro” em vez de cachorro, “pon” em vez de pão, etc” (Informante 07). Seu relato acerca da maneira como era visto na sociedade confirma o que Aguilera e Silva (2014, p. 718) propõem: “as pessoas costumam rotular um falante, de forma positiva ou negativa, considerando a variedade linguística própria do seu grupo. Tudo o que difere passa a ser considerado feio, esquisito e sem muito apreço”.

Alguns dos informantes, na segunda parte da pergunta, ao serem questionados se sabiam de alguém que vivenciou algum fato relacionado ao período da política extremamente nacionalista, resgataram da memória relatos de algumas pessoas próximas que viveram esse momento histórico, e sofreram diretamente com as medidas impostas pelo governo. O informante 04 relatou uma experiência vivenciada por seu irmão:

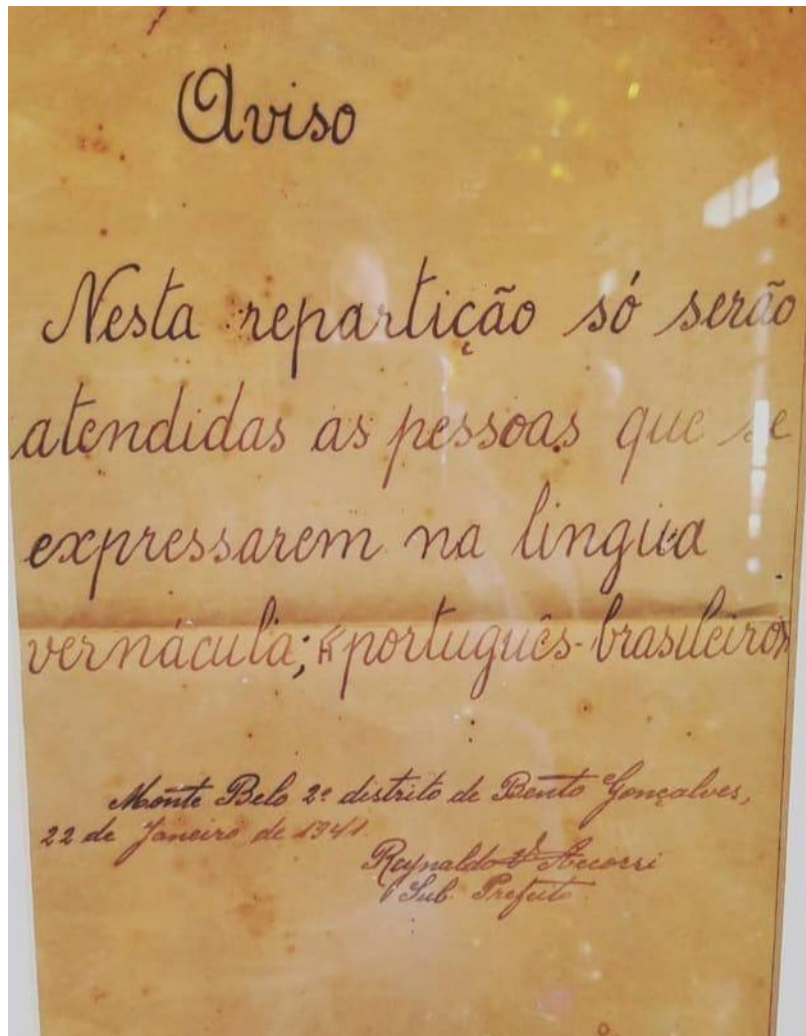
Numa oportunidade, ao ir almoçar junto com um amigo num restaurante na

³⁶ Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decllei/1930-1939/decreto-lei-1545-25-agosto-1939-411654-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em: 16 jan. 2024.

cidade, perceberam que estava faltando um garfo. Como só conheciam o garfo como “piron” e sabendo que não poderiam falar em Talian, pois havia soldados vigiando, mas como sabiam que a palavra forca era português, não tiveram dúvida e pediram: “me leva aqui uma forqueta” (Informante 04)

Esta experiência trazida pelo informante era algo comum e escancarado: as proibições aconteciam abertamente e nos espaços públicos era “normal” a presença de cartazes proibindo a comunicação em outra língua. Em Monte Belo, por exemplo, distrito de Bento Gonçalves, há em um restaurante em frente a uma igreja a seguinte relíquia histórica, datada em 22 de janeiro de 1941:

Imagem 6 Aviso



Fonte: Acervo pessoal

Neste aviso, o restaurante negava o atendimento às pessoas que não se comunicavam na Língua Portuguesa, denominado nesse cartaz de “português-brasileiro”, censurando e punindo todos os outros falares que existiam no território brasileiro. Este aviso é apenas um dos exemplos das humilhações sofridas pelos imigrantes, sem falar nas prisões que aconteciam. Tais medidas adotadas pelo Governo Vargas, como notamos pelos relatos, não impactaram apenas aquele momento isolado da história, mas na escolha linguística de gerações, que deixavam de utilizar suas línguas maternas por situações de vergonha ou medo de *bullying*.

Voltando para a análise das respostas obtidas pelos depoimentos, o entrevistado 05 relatou que sua sogra, aos 90 anos, ainda relembra as experiências vivenciadas por seu pai, o qual era proibido de ir ao comércio e falar em Talian, forçando, desse modo, a integração dos imigrantes à identidade brasileira através da nacionalização dos estabelecimentos particulares, por exemplo. Luzzatto (2015), citado por Loregian-Penkall e Dal Castel (2023), relata que as pessoas mais velhas, que só falavam Talian, emudeceram e passaram a pedir as coisas por meio de gestos, quando não havia alguém próximo, na maioria das vezes, crianças da família que

pudessem falar por elas em português.

Para eliminar totalmente as particularidades de outras línguas que existiam no território brasileiro, conforme o depoimento dos entrevistados a seguir, aconteciam punições mais severas, como ameaças e prisões. O informante 06 relata uma situação em que dois indivíduos foram presos e tiveram que se explicar numa delegacia: “foram a pé até lá, ida e volta, dá uma distância aproximada de 300 km” (Informante 06). O informante 07 também aponta outro fato semelhante:

Meu pai vivenciou um fato relacionado a isso, pois sempre nos contava que cuidavam para não falar Talian quando iam à bodega, porque ficaram sabendo que um tio deles tinha sido preso jogando bocha, simplesmente por ter dito: “porca putana! Go sbalià la giugada!” (Bah, errei a jogada!) Sempre havia algum informante do governo por perto que denunciava quem falava uma língua estrangeira (Informante 07).

No esforço de nacionalizar pela unificação da língua, as denúncias eram regulares, conseqüentemente, os usuários do Talian precisavam se “policiar” para não utilizar a língua, fato que interferiu diretamente nas famílias e nas comunidades. O informante 08 traz outro efeito doloroso dessa época: “dois irmãos, um de 18 e outro de 16 anos, foram mortos, porque ao serem abordados pela polícia, como não sabiam falar uma só palavra em português, ficaram com medo de serem presos por falar o Talian e apressaram os animais em que estavam montados” (Informante 08). Como observamos, os efeitos do apagamento da língua deixaram cicatrizes profundas e sentimentos que ainda hoje são lembrados pelos descendentes de imigrantes “A vida cotidiana foi alterada; homens e mulheres passaram a viver sob rigorosa censura e de certa forma ‘emudeceram’” (Fáveri, 2002, p. 89).

Nesses depoimentos exibidos acima, observa-se que os efeitos da política linguística desse período estão marcados e vivos na memória dos descendentes de imigrantes italianos, e todos são unânimes e convictos ao expor que não havia lugar para a diversidade linguística. Por anos, os falantes da língua perceberam atitudes preconceituosas. Justificando tal afirmação, Aguilera e Silva (2014) declaram que as atitudes preconceituosas são movidas por crenças linguísticas impregnadas ao longo do tempo, manifestando, desse modo, atitudes de rejeição e preconceito. Com as respostas e experiências dos informantes foi criada uma nuvem de palavras que traduz as conseqüências das imposições da era Vargas, segundo o relato dos informantes.

respostas.

Antes disso, um fato que chama a atenção, como Cunha e Gabardo (2020) bem observam, é que o mesmo órgão que foi instituído durante o governo de Getúlio Vargas para cuidar do patrimônio histórico brasileiro é o órgão que reconhece o Talian como patrimônio imaterial, uma língua duramente reprimida e negada naquele período.

Em relação ao que mudou após o reconhecimento da língua, o Talian passou a ocupar um espaço que nunca tinha alcançado anteriormente, fato que podemos comprovar a partir dos dados obtidos nas entrevistas.

Iniciamos a análise com as informantes do sexo feminino. A informante 01 declara que a partir de 2014 a língua ganhou mais visibilidade. “O que era inculto, desprezível, sem importância, se tornou algo que virou notícia, notícia boa, motivo de orgulho”. Apontando para uma mudança de atitude linguística dos detentores do Talian perante a língua falada, que agora: “passaram a ter diante da lei o direito de defender, promover e salvaguardar a sua língua e, - com um detalhe muito forte – exercendo protagonismo nas suas decisões e no exercício da sua titularidade” (Informante 01). Se anteriormente as atitudes revelavam vergonha e medo, atualmente, segundo a mesma informante, o reconhecimento do Talian significa emancipação histórico-cultural e linguística, trazendo autonomia cultural.

Desse modo, os relatos de vergonha e silenciamento que observamos nas respostas às perguntas anteriores, agora dão espaço a atitudes positivas dos falantes em relação a sua identidade linguística, como é possível notar no excerto a seguir:

Trouxe orgulho e pertencimento. Orgulho porque hoje não temos mais vergonha de falar o Talian e pertencimento porque a Cultura Taliana nos pertence e hoje, somos atores e espectadores de uma grande vitória, acreditando que é possível mudar a história ao longo do tempo. Ontem, os nossos antepassados liam ou apenas ouviam as histórias em Talian, hoje, nós escrevemos as histórias em Talian (Informante 02).

A literatura taliana citada com muito orgulho por esta informante, segundo Loregian-Penkal e Dal Castel (2021) é produzida há um século no Brasil, e vasta em quantidade e qualidade, somando mais de uma centena de obras e escritores. Além disso, existe hoje a gramática da língua e, segundo estes mesmos autores, a literatura taliana foi fundamental para fornecer todo o fundamento e estrutura que uma gramática precisa, a qual foi essencial para a disseminação e salvaguarda da língua. A esse respeito, a informante 03 afirma que o reconhecimento da língua trouxe um foco e uma valorização fundamentados, mencionando, além da existência da gramática do Talian, o dicionário. Para ela:

[...] faz com que as pessoas que falam o Talian se sintam mais valorizados, mais respeitados, faz com que fiquem com mais força e as raízes se fortifiquem e faz com que cada dia a gente possa levar adiante os costumes, a cultura, a

religiosidade, tudo o que faz parte do Talian, a literatura, a escrita.

Ficam evidentes em todas as respostas dadas a essa pergunta que houve uma mudança de percepção acerca do Talian; os sentimentos de valorização, respeito e admiração são predominantes entre os falantes da língua. Acerca do reconhecimento da língua, é interessante destacar a resposta dada pelo informante 04:

O título poderia ser: *Ressurge das cinzas uma língua que estava fadada a desaparecer*, isto porque, na fila das pessoas que ainda eram detentoras do Talian, cada pessoa idosa que morria, levava com ela uma fatia do Talian. Já não havia crianças e nem jovens com o propósito de cultuar a língua dos seus antepassados. Precisou que houvesse um grupo de heróis abnegados, conscientes de que havia um tesouro que ano após ano ia sendo soterrado. De que havia uma preciosa herança a ser preservada.

Nesse sentido, o título e o reconhecimento atribuídos ao Talian, somados às diversas ações em prol desta língua, ajudaram a manter a língua viva entre os descendentes de italianos, e inclusive entre as pessoas mais jovens, que também passaram a se interessar por ela, uma língua que estava destinada ao desuso. A palavra reconhecimento, para o informante 04, é uma das palavras mais nobres da Língua Portuguesa:

[...] o ano de 2014 deve ser reverenciado juntamente com todos aqueles que de uma maneira ou outra colaboraram para que o TALIAN fizesse parte da cultura e que não seria apenas uma mera língua falada por uma determinada classe, principalmente porque esta classe era, em sua maioria, constituída de gente simples e, por vezes, alvo de chacota por falar o Talian.

Vale ressaltar que para que o reconhecimento do Talian fosse possível, muitas pessoas se envolveram em um forte movimento pela promoção e defesa dos direitos e da cultura taliana, como o informante 08 menciona: “Depois de muito trabalho de tantas pessoas, para tornar realidade a Língua Talian, as pessoas perderam a vergonha de falar e começaram a ter orgulho”. Esse movimento que teve início com os radialistas do Talian, foi apoiado pela FIBRA-RS, ASSODITA (Federação das Associações Ítalo-Brasileiras do Rio Grande do Sul) e ASSAPRORATABRAS (Associação dos Apresentadores de Programas de Rádio Talian do Brasil). Todos esses grupos colaboraram e foram fundamentais para que em 2014 o reconhecimento da língua acontecesse e os detentores da língua exibissem uma mudança de atitude, pois nesse momento, ocorreu uma nova crença.

O informante 04 complementa afirmando que o ano de 2014 não foi apenas o ano do Reconhecimento, mas o ano do registro de uma herança cultural. “É tão importante este fato, que podemos ter o direito de imaginar a felicidade dos nossos antepassados ao poderem retornar e escutar seus tataranetos, bisnetos, netos e filhos comunicando-se na mesma língua que deixaram por herança”. Indo mais além, o Talian já conquistou falantes que não são

Pelas respostas dadas à terceira pergunta, ressaltamos que, de modo geral, as atitudes são muito positivas com relação à língua, principalmente após o seu reconhecimento. Notamos na nuvem de palavras os termos orgulho, mudança, direito e herança, comprovando que esta é uma grande conquista para os talianos, especialmente por ser uma política linguística a nível nacional, a qual abrange um número maior de detentores. O talian, sendo oficialmente um patrimônio brasileiro, ganha relevância como elemento de união e abre a possibilidade de a língua ser colocada em prática, reduzindo, assim, o risco de se perder.

3.As cooficializações do Talian já concretizadas nos municípios do RS e de SC são importantes para a salvaguarda da língua? Por quê?

Nos últimos anos, como explanado no capítulo 4 deste trabalho, observa-se a política linguística de cooficialização da língua Talian, o que é uma grande conquista para o reconhecimento desta língua, bem como à diversidade e à cultura.

No tocante a esse aspecto, verificamos, a partir das entrevistas com os descendentes de imigrantes italianos, a importância que eles atribuem à cooficialização do Talian em relação à salvaguarda da língua. Em geral e de forma unânime, os informantes apontaram que essas leis ampliam as possibilidades de participação dos descendentes de imigrantes italianos, principalmente no que se refere ao uso da língua de imigração nas diversas esferas da sociedade. Para Damulakis (2024, n.p):

Entre seus aspectos mais básicos, cooficializar uma língua significa possibilitar que documentos oficiais sejam emitidos nessa língua, além de garantir que serviços públicos devam ser prestados também por meio dela. Esse tipo de dispositivo jurídico também garante à língua a possibilidade de circulação por espaços públicos antes impensáveis ou mesmo impossíveis, como em “campanhas publicitárias institucionais”, “nas escolas [além das escolas indígenas] e meios de comunicações”, por exemplo. No plano simbólico, essas leis reforçam a luta contra o preconceito sofrido por essas línguas, tidas muitas vezes apenas como ‘dialetos’ (ou como *gírias*, termo utilizado em algumas regiões da Amazônia para se referir às línguas indígenas), línguas defeituosas ou corruptelas em relação à língua padrão dos países de onde se originaram (no caso das línguas de imigração).

Com a cooficialização do Talian, constata-se um avanço em relação às possibilidades de uso da língua, porém, como a informante 01 afirma, a lei por si só não garante nada:

[...] é inegável que a cooficialização é uma decisão local que pode contribuir enormemente. E em muitos locais, de fato, contribuiu e fez as coisas acontecerem. Mesmo que uma boa parte das leis de cooficialização tenham problemas conceituais e de embasamento jurídico, demonstram a vontade daquela comunidade de salvaguardar e promover a sua língua cultural e dão certo porque os legítimos detentores “estão prontos” pra trabalhar. Querem a

lei. Do querer dos detentores e da vontade política dos gestores públicos municipais acontecem importantes ações que surpreendem e enriquecem a cultura Taliana.

Com essa fala, a informante destaca a função da política linguística, mas completa afirmando que a cooficialização, por exemplo, só possui efeito quando deixa de ser apenas declarada em lei e é efetivada de fato. No entanto, uma coisa é certa e não há como negar, com a participação do Estado, os usos, as aplicações nas práticas cotidianas e em outras esferas são amparadas, portanto, mais utilizadas, como a informante 02 ressalta: “estas ações advindas do poder público são muito importantes para nós, difusores da língua”. Ainda segundo ela: “[...] existem escolas, rádios, publicações e sites em Talian, que buscam fortalecer o ensino e a difusão da língua. Isso nos ajuda, de uma forma ampla, a promover o acesso ao conhecimento da Língua Talian, reforçando a nossa identidade e preservando nossa Cultura Taliana”.

O que está explícito em lei recebe um destaque maior na sociedade e é visto de maneira diferente, ou seja, tem maior visibilidade e valorização. O número de descendentes de imigrantes italianos que passam a se interessar pela língua aumentou significativamente, e como a entrevistada 03 afirma, a cooficialização da língua é totalmente importante, principalmente para continuar levando adiante a cultura do Talian, a língua e a escrita ensinadas pelos antepassados. Oliveira e Rocha (2023, p. 14) destacam que:

[...] quando a cooficialização de uma língua minorizada acontece, isso interfere diretamente na vida de seus usuários. Os benefícios são inúmeros e muitas vezes imensuráveis, pois envolvem questões identitárias, étnicas, históricas, culturais etc. Além disso, direitos e garantias, certamente, farão parte do texto dessa lei.

Com a cooficialização da língua, conforme o informante 06 afirma, a língua se torna legal, com direitos que são assegurados, com a iniciativa dos gestores que podem, por exemplo, financiar projetos em prol do resgate e manutenção da língua. Nas palavras do informante 04: “Não há outra maneira de prolongar a vida de qualquer língua ou de qualquer cultura, se não forem passadas de geração em geração. As cooficializações do Talian concretizadas nos municípios é o que vão dar sobrevida a esta língua, é o que vai garantir sua continuidade”. Nesse sentido, o aumento de cooficializações causa um efeito de manutenção e preservação destas línguas.

A importância simbólica que este reconhecimento proporciona é muito grande, já que trata do reconhecimento de uma identidade presente e viva no município. Para o entrevistado 07: “a cooficialização do Talian é uma importante ação de salvaguarda, sem dúvida, pois salvaguardando a língua, salvaguarda-se toda a cultura que ela traz através de sua história, produção literária, artística, religiosa, econômica e social”. Além disso, é uma forma de mostrar à sociedade que no Brasil há outras línguas, e que estas possuem a mesma importância da Língua

Portuguesa, já que são línguas brasileiras e devem ser tratadas como parte constitutiva da história e da riqueza cultural do nosso país. As respostas dadas a esse questionamento foram agrupadas na seguinte nuvem de palavras para melhor visualização:

Nuvem de Palavras 4 A importância da cooficialização do Talian para a salvaguarda da língua



Fonte: Elaborada pela autora.

Observando a nuvem de palavras acima, chamam a atenção os termos “importante, importância, reconhecimento, lei”, como confirmação do significado que as ações de cooficialização tiveram para os detentores da língua.

Nesse sentido, como observado pelas respostas dos informantes, falantes do Talian, a cooficialização desta língua minoritária traz, além de visibilidade, a garantia de direitos linguísticos aos seus falantes. Cooficializar o Talian é, portanto, uma grande conquista, uma reparação histórica, algo para ser comemorado, já que cooficializar uma língua é também uma maneira de assegurar a diversidade linguística presente em nosso país.

5-Existem outros fatos ou ações, além dos citados acima, que impactaram positivamente na autoestima dos detentores da Língua Talian? Comente.

As ações político-linguísticas que vêm sendo observadas ultimamente contribuem como instrumentos para minimizar os efeitos do preconceito linguístico, da estigmatização das línguas minoritárias vivenciadas ao longo da história e, sobretudo, para elevar a autoestima dos detentores da língua de imigração, o Talian.

Embora os movimentos em prol do Talian tenham se intensificado e ganhado destaque nos últimos anos, algumas ações já são realizadas há mais de décadas. O jornal *O Florense*,

criado em 1986, é um dos exemplos citados pelo informante 04. Segundo ele, no referido jornal, há uma coluna em Talian intitulada CIÀCOLE e, como colunista de *O Florense*, ele afirma: “Pude constatar a enorme receptividade, o prazer e o orgulho dos leitores detentores da língua”. Outro fator que impacta positivamente na autoestima dos detentores do Talian são os programas de rádio mencionados pelo entrevistado 08, e confirmados pelo informante 04, que ressalta sua própria experiência:

Minha surpresa foi ainda maior quando, em 03 de junho de 1991, na então Rádio [...], apresentei o programa [...], no horário das 13h às 15h, rodando músicas regionais antigas de Tonico e Tinoco, Pedro Bento e Zé da Estrada, Zilo e Zilo, Trio Parada Dura, Milionário e José Rico e outros, programa totalmente falado em Talian, incluindo as propagandas. Este programa que foi até a dissolução da Rádio em 1998, tinha em torno de 90 a 98% de audiência, sem contar que havia uma certa disputa de patrocínio do programa. Havia a participação ao vivo dos ouvintes, incluindo crianças. Lembro que, na época da poda, os ouvintes do interior penduravam os rádios nos fios dos parreirais para acompanharem o programa. Hoje, passados mais de 24 anos, ainda ouço comentários do referido programa. Como eu apresentava o programa com o pseudônimo de [.....], muitos não me identificam como [...], mas como [....]. Foi através deste programa que pude constatar como as pessoas se sentiam orgulhosas de falar o Talian na Rádio e quando eram crianças que falavam, a admiração era ainda maior.

O informante 06 também comenta dos programas de rádio e acrescenta as festas com resgates da cultura taliana como impactos positivos para sua autoestima, enquanto detentor da língua. A respeito dos programas de rádio, o entrevistado 07 afirma que: “ajudaram a salvaguardar a cultura taliana, através de sua programação feita através da língua talian, das músicas tradicionais do folclore italiano e também das músicas autorais de artistas e grupos musicais brasileiros”. As músicas, permeadas pela repetição, ajudam na assimilação da língua, viabilizando um alcance maior de falantes tais como apreciadores da língua e da música e um aprendizado da língua mais rápido para aqueles que se interessam em aprendê-la.

As associações criadas tanto em nível de comunidades e estados, tanto a nível nacional são também ações relevantes para a língua, como o informante 06 aponta e o entrevistado 07 complementa: “Acredito que a criação das Associações ítalo-brasileiras ajudou a congregar os seus descendentes e a manter as suas tradições vivas, como os cantos de origem folclórica, as danças, o teatro, a indumentária, a língua, o artesanato e a culinária taliana”. A ASSODITA, mencionada anteriormente nesta pesquisa, também merece destaque entre as associações. O informante 07 afirma:

A criação da Associação Nacional dos Divulgadores do Talian (ASSODITA). Entidade que congrega e anima todos os sócios e difusores do Talian, através de encontros nacionais, com uma programação diversificada para promover a interação e motivação de seus sócios. Publicação de obras literárias em Talian

e bilíngues; canções autorais de projeção folclórica taliana.

A ASSODITA, segundo o próprio site³⁷ da associação, tem como objetivo promover a cultura, defender e conservar o patrimônio histórico e artístico com foco na língua Talian escrita e falada através da salvaguarda, valorização e difusão da língua a partir de qualquer meio de comunicação. A informante 02 informa que a ASSODITA é ponto de cultura nacional e estadual.

Há, nesse sentido, várias ações em prol da língua que resultaram em uma mudança significativa nas atitudes das pessoas em relação à sua língua de imigração. Falar em Talian é hoje motivo de orgulho étnico. Muitos descendentes de imigrantes, talvez por motivos de desconhecimento, ainda não sabem sobre os seus direitos linguísticos. Portanto, as ações realizadas para a manutenção e difusão da língua são importantes também para que mais pessoas tenham acesso a esse conhecimento e saibam a relevância que sua língua possui diante da sociedade. A informante 01 relata-nos, em entrevista, uma experiência vivenciada por ela e um grupo de detentores demonstrando esse cenário:

[...] visitamos vários grupos de idosos (descendentes de italianos, alemães e poloneses e caboclos) – cidadãos que não conhecem o reconhecimento do Talian como Língua de Referência Cultural Brasileira, que não sabem que a língua Hunsruckisch também está em processo de reconhecimento, que não sabem que existe um tal de INDL – Inventário Nacional de Diversidade Linguística, que nem imaginam que existe a Declaração Universal dos Direitos Linguísticos, mas que eles sofreram o silenciamento – e até perseguição – na pele ou foram testemunhas de agressões culturais e linguísticas sofridas por familiares, amigos ou conhecidos. Após eles contarem suas histórias, nós lhes contamos sobre o reconhecimento como Língua de Referência Cultural Brasileira e o que isso significa. E lhes dissemos: - Contem aos seus filhos, aos seus netos, a todo mundo, que a língua que vocês não podiam falar, que era motivo de vergonha, agora tem a proteção da lei e é motivo de orgulho. Façam esforços para ensinar a quem puderem. Vocês são professores na vossa casa, ensinem. Mostramos os livros de Gramática e Dicionário. O que isso significou para eles, é indescritível. É imaginável, mas é indescritível!

As ações de legalidade do Talian trazem um novo vigor aos detentores da língua, que são impulsionados a alcançar cada vez mais pessoas a fim de perpetuar a existência desse bem imaterial, pois quando os falantes de uma língua deixam de usá-la, ela está fadada à extinção. O contrário também é verdadeiro, quanto maior o número de falantes, maiores são as chances de salvaguarda e manutenção da língua.

A autoestima dos falantes de uma língua também está relacionada ao uso ou desuso dela. Se você se orgulha da sua língua, vai utilizá-la e transmiti-la o máximo que puder. O orgulho de pertencer a uma comunidade de fala está intrinsecamente ligado às atitudes linguísticas e ao

³⁷ Disponível em: <https://www.assodita.org.br/>. Acesso em: 31 jan. 2024.

modo como a língua é vista pela sociedade. Em relação ao Talian, os detentores da língua citam ainda outros fatos e ações além dos mencionados, que contribuíram/contribuem para a elevação da autoestima em falar essa língua de imigração. A informante 02 cita alguns exemplos:

A ação do projeto de ensino *Cucagna Scola de Talian*, da Associação dos Difusores do Talian, ASSODITA, com parceria da Universidade Estadual do Centro-Oeste do Paraná, UNICENTRO é um fato muito relevante para a salvaguarda da Língua Talian. Através deste projeto conseguimos, via online, viabilizar o ensino da língua Talian.

Essa resposta é recorrente entre os informantes; o entrevistado 05 também destaca a importância da escola do Talian, afirmando que é uma grande conquista, uma ação preciosa para a promoção e salvaguarda da língua materna e/ou de herança dos ítalo-descendentes. A sistematização do ensino do Talian, assim como a produção de materiais que fornecem suporte a esse ensino são pontos cruciais para o reforçamento da língua, pois coletiviza seu uso e agrega valor à língua, já que a forma de olhar para a língua muda quando há obras que a fundamentam.

A informante 02 aponta ainda que a gramática, o dicionário e a literatura do Talian são contribuições significativas para o fortalecimento da identidade linguística e cultural italiana. O entrevistado 05 também cita estas obras como grandes conquistas para a língua. A gramática, citada diversas vezes pelos informantes, foi escrita por uma equipe de pesquisadores, detentores e militantes do Talian, sob coordenação de Juvenal Dal Castel, presidente da ASSODITA, e tem por objetivo atender às demandas que surgiram, principalmente de professores e estudantes da língua (Loregian-Penkal; Dal Castel, 2021, p. 171).

Observando as ações e os espaços conquistados pelo Talian, podemos verificar que estes são resultados da urgente necessidade de valorizar, preservar e revitalizar a língua. Trago aqui, para finalizar esta etapa da entrevista, a fala do informante 05, deixando transparecer que, apesar das muitas conquistas, ainda há um longo caminho a ser percorrido:

O que eu gostaria que acontecesse no Talian seria que ele fosse incluído no currículo escolar, então, é a grande conquista que falta para o Talian que nos municípios que nós temos a maioria de pessoas com traços de talian, de descendentes de italianos que se tenha uma lei que facilite a implantação do Talian no currículo escolar. Esse é o meu grande sonho, seria minha realização (Informante 05).

Este desejo expresso pelo informante acima enfatiza que, além das ações já realizadas, há outras que podem contribuir para que cada vez mais os falantes do Talian tenham orgulho da sua língua, e se sintam fortalecidos com verdadeiras políticas para a salvaguarda e difusão da língua. Nesse sentido, as palavras foram agrupadas em uma nuvem de palavras, cujo resultado foi o seguinte:

[...].

Nesse sentido, não há cultura sem língua, e a identidade é construída a partir da língua e da cultura. O Talian, segundo esta mesma informante, abriu caminhos para outras línguas e culturas, “foi luz, para outros grupos de imigração como os alemães (hunsruckisch) e poloneses (polônio) também buscarem a sua própria identidade” (Informante 01). Além de todas as conquistas que a língua teve, é importante ressaltar que abriu as portas para que outras línguas minoritárias também lutassem pelos seus direitos.

Para a informante 02, outra grande conquista é a perseverança e a união dos falantes do Talian, principalmente na preservação dos costumes da Cultura Taliana. Nas palavras dela:

[...] hoje, além da gramática e do dicionário do Talian, temos também o ensino da língua. Depois da Era Vargas com a proibição, passamos pelo período do bullying, por não sabermos falar bem o Português e agora estamos orgulhosos por sabermos ainda falar a língua dos nossos antepassados. Conseguimos preservar a maior e mais bela herança que os pais podem deixar para seus filhos - a sua língua. Foi um longo percurso, cheio de obstáculos, mas de muita persistência e também de muita perseverança. Todos unidos em torno do mesmo objetivo: a preservação do valioso patrimônio imaterial, representado pela língua Talian.

A união dos descendentes do Talian foi fundamental para que as diversas conquistas que notamos hoje fossem possíveis. O número expressivo de detentores da língua empenhados em sua salvaguarda foi o diferencial para a preservação desta língua de imigração. A informante O1NZ afirma que:

A grande quantidade de grupos e artistas e a diversidade de linguagens culturais e artísticas que se fortalecem, reanimam e – de fato – estão realizando ações de salvaguarda e valorização do Talian e da cultura Taliana. O XXVII Encontro Nacional dos Difusores do Talian, em Colombo – PR, nos dias 10 e 11/11/2023, comprova a força do Talian.

O Encontro Nacional realizado na área metropolitana de Curitiba reuniu diversas pessoas interessadas pela língua, além dos integrantes da ASSODITA, estudiosos da matéria, professores e condutores de programas de rádio. São pessoas de todo o Brasil que se dedicam às tradições dos imigrantes italianos, confirmando o engajamento e a expressividade que o grupo tem. Ainda segundo a mesma informante:

A inegável e bem-sucedida capacidade dos legítimos detentores do Talian exercerem a titularidade e o protagonismo do seu patrimônio cultural são comprovados com a constituição e funcionamento do Comitê Nacional Gestor da Língua Talian, atualização da Gramática do Talian publicada no livro “Talian par cei e grandi”, a publicação do “Dissionário Talian Brazilian” e o sucesso da “Cucagna Scuola de Talian” parceria ASSODITA e UNICENTRO PR, entre outras ações.

Essas ações foram acontecendo após o reconhecimento que a língua teve em 2014. O informante 07 concorda com o informante 04, ao afirmar que o reconhecimento do Talian, pelo MinC e Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), como Língua de Referência Cultural Brasileira, foi a maior conquista, visto que a partir disso houve emancipação e reconhecimento como um povo que tem história, identidade, literatura e que deu sua contribuição para a formação cultural deste país. Ele cita também o projeto da *Cucagna scola I e II de Talian*, na Unicentro, como uma grande vitória, porque, desse modo, nas palavras dele: “o Talian deixou de ser uma língua de ‘coioni’, ganhou *status*, ingressou na universidade”.

Sintetizando, os informantes apresentaram em suas respostas de forma unânime diversas conquistas alcançadas pelo Talian, as quais foram expostas nesta análise e que só foram possíveis de serem alcançadas graças a projetos de política de gestão da língua pela comunidade de fala. As respostas trazidas por eles foram sintetizadas da seguinte maneira na nuvem de palavras a seguir:

Nuvem de Palavras 6 Conquistas do Talian



Fonte: Elaborada pela autora.

Verifica-se uma clara construção de atitudes positivas em relação à manutenção dessa língua, atrelando-lhe um fator de identidade e de culto às origens. Dentre as palavras destacadas acima estão: Conquista, Identidade, Reconhecimento, Cultura, Língua e Patrimônio, comprovando que o reconhecimento que o Talian teve em 2014, assim como todas as ações voltadas para ela, foram fundamentais para que hoje os detentores tivessem orgulho e motivação para passar adiante o idioma de seus antepassados.

Nesse sentido, as perguntas realizadas aos informantes nesta pesquisa deram-lhes a oportunidade de falar de suas crenças em torno do que acontece com a língua Talian, assim como compreender como o processo de reconhecimento da língua enquanto língua de referência cultural contribuiu para a salvaguarda desse patrimônio imaterial. Foi possível observar diversas experiências de preconceito vivenciadas pelos informantes, fato que impactou diretamente na escolha linguística dos falantes, mas, por outro lado, ocasionou uma mudança de atitude que foi acontecendo aos poucos, culminando em várias conquistas da língua e dos falantes dela.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa teve como objetivo principal compreender como o processo de reconhecimento do Talian enquanto Língua de Referência Cultural Brasileira contribuiu para a salvaguarda dessa língua de imigração, observando as principais crenças e atitudes linguísticas em torno dela. Para tal intento, foram traçados os seguintes objetivos específicos: verificar as principais crenças e atitudes linguísticas que envolvem as consequências da proibição em falar esta língua (Era Vargas) a partir do resgate da memória, bem como a respeito do reconhecimento dela como Língua de Referência Cultural Brasileira (MinC/IPHAN, 2014); compreender o histórico e a caminhada traçada pela língua até o seu reconhecimento oficial e esclarecer o que mudou após o reconhecimento dessa língua minoritária, que buscamos alcançar no decorrer da Dissertação.

Inicialmente, como uma maneira de contextualizar o nosso leitor acerca deste estudo, apresentamos um referencial teórico de base sociolinguística, ressaltando o estudo sobre crenças e atitudes linguísticas, que amparou e serviu de subsídio para esta investigação. Posteriormente, demonstramos os resultados bibliográficos acerca da história dos imigrantes italianos e a sua vinda para o Brasil, assim como a sua língua de imigração, que se tornou o foco deste trabalho.

Amparados, como mencionado anteriormente, pelo referencial teórico de base sociolinguística, realizamos um questionário com seis perguntas abertas para alguns descendentes de imigrantes italianos. A partir das respostas obtidas na primeira pergunta, constatamos que todos os participantes são detentores da língua Talian, e a maioria deles aprendeu o idioma no seio familiar; apenas uma das informantes do sexo feminino afirma ter aprendido a língua em atividades de difusão do Talian, e outro informante do sexo masculino afirma ter aprendido a língua, de fato, nos últimos dez/doze anos. Confirmou-se a hipótese de que, embora a política linguística da Era Vargas tenha punido severamente os diversos falares, ela não foi suficiente para o apagamento total da língua Talian, já que dentro de algumas famílias ela foi preservada e transmitida, sendo muitas vezes a única língua falada antes da idade escolar.

Em seguida, propusemo-nos a investigar se os participantes da pesquisa sofreram alguma consequência das proibições impostas na Era Vargas e/ou se sabiam de alguém que vivenciou algum fato relacionado a esse período, a fim de verificar as principais crenças e atitudes linguísticas que envolvem as consequências da proibição em falar esta língua pelo resgate da memória, um dos objetivos específicos desta pesquisa.

Nesse ponto da pesquisa, todos os informantes relataram ao menos uma experiência vivenciada por eles ou por familiares e conhecidos que reflete o referido período histórico. Os resultados indicam que as crenças e atitudes entre os participantes são uniformes, ou seja, expressam, em um primeiro momento, principalmente na infância e juventude, sentimentos de vergonha, constrangimento e medo, ao destacarem o preconceito vivido por eles pelo fato de

serem falantes do Talian. Preconceito estimulado pela crença de que esta língua seria de “colonos grossos”, a qual contribuiu para o desprestígio do idioma em um determinado período da História, inclusive pelos próprios detentores da língua, que se sentiam envergonhados tanto de falar o Talian, assim como o português com marcas desta língua de imigração.

Em alguns casos, as atitudes negativas em relação à língua levam à perda linguística, mas não foi o que aconteceu com o Talian, pois com esta língua o efeito foi outro: os detentores da língua se uniram em prol da conservação da língua ameaçada, reforçando a lealdade linguística dos falantes. De acordo com Weirreich, citado por Bergamaschi (2006), a lealdade linguística refere-se à atitude positiva em relação a uma língua, o que leva os falantes a conservarem o idioma. Nesse sentido, foram e são realizadas diversas ações em prol da língua de imigração, alterando significativamente todo o cenário negativo vivenciado pelos descendentes de italianos.

As ações em prol do Talian culminaram em seu reconhecimento como Língua de Referência Cultural Brasileira, em 2014, fato que elevou significativamente a autoestima dos detentores da língua. Esta é, segundo os informantes, uma grande conquista, principalmente por ser uma política de nível nacional, aumentando a visibilidade da língua e as possibilidades de uso do idioma, assim como o orgulho de utilizá-lo. Os informantes destacaram também, em vários momentos, os sentimentos de valorização e a necessidade de resgate do Talian; nesse sentido, o reconhecimento dado à língua e as atitudes de lealdade contribuíram e contribuem para a manutenção da língua.

A preservação de uma língua implica, segundo Smaha (2018, p.133), “a manutenção de toda a bagagem histórica, ideológica e cultural a ela vinculada e por ela representada”, portanto, as atitudes favoráveis em relação à língua de imigração são perceptíveis na fala dos informantes que a reconhecem como tal. Eles citam várias ações que foram surgindo para a salvaguarda do Talian, dentre elas, as cooficializações da língua em dezoito municípios do Brasil, encontros a nível nacional dos detentores da língua, sistematização do ensino do idioma, que conta com um dicionário e gramática próprias e uma vasta literatura do Talian.

Todas estas ações citadas e outras só foram possíveis após uma mudança de atitude em relação à língua falada pelos descendentes de imigrantes italianos. Essa mudança de percepção se deve sobretudo a fatores externos de valorização do Talian, que vêm contribuindo para uma maior visibilidade dessa língua a partir do seu reconhecimento, em 2014.

Nos próximos anos espera-se que esses resultados de valorização do Talian sejam ainda maiores, buscando um constante movimento em prol da salvaguarda da língua, bem como, um maior número de pessoas que se interessem por ela, descendentes de imigrantes e/ou pessoas que, por um sentimento de afinidade, a tomem como língua de herança. Além disso, conhecendo a história do Talian e o reconhecimento dado à língua, espera-se que outras línguas minoritárias

sigam o caminho percorrido por esta língua de imigração, e tenham o reconhecimento e valorização que merecem.

REFERÊNCIAS

- AGUILERA, Vanderci de Andrade. Crenças e atitudes linguísticas: o que dizem os falantes das capitais brasileiras. *Estudos linguísticos*. São Paulo, v. 2, p. 105- 112, 2008.
- AGUILERA, Vanderci de Andrade; SILVA, Hélen Cristina da. *O poder de uma diferença: um estudo sobre crenças e atitudes linguísticas*. 2014. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/6242/5118>. Acesso em: 16 jan. 2024.
- BAIL, Everaldo. *Linguagem, cultura e variação: a abordagem dos adjetivos nos livros didáticos do Ensino Médio*. Guarapuava, 2020. vi, 149 f. il.; 28 cm.
- BAGNO, Marcos. *Preconceito linguístico o que é, como se faz*. São Paulo: Edições Loyola, 1999.
- BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 8 ed. São Paulo: Hucitec, 1997 (VOLOCHINOV, V. N).
- BALDIN, Nelma. *A Itália, a crise econômica do final do século passado e o processo emigratório*. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/download/48484>. Acesso em: 19 out. 2023.
- BALTHAZAR, Luciana. *Atitudes linguísticas de ítalo-brasileiros em Criciúma (SC) e região*. 2016. 293 f. Tese (Doutorado em Letras) – Programa de Pós- Graduação em Letras, Setor de Ciências Humanas, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2016.
- BALTHAZAR, Luciana. *Diferenças entre Italiano standard, Vêneto e Talian*. Disponível em http://www.letrasitaliano.ufpr.br/?page_id=137. Acesso em: 03 dez. 2023.
- BERGAMASCHI, Maria Cristina Zandomeneghi. *Bilingüismo de dialeto italiano-português: Atitudes linguísticas*. Caxias do Sul, setembro de 2006.
- BERGUER, Isis Ribeiro; KLAUCK, Samuel, OLIVEIRA, Renata Alves de. *Reflexões sobre o conceito de língua de herança para a abordagem de gestão de línguas no domínio familiar: memória, identidade e/ou patrimônio?*. Revista de Letras Norte@mentos. Dossiê temático: Línguas Minoritárias no Brasil, Sinop, v. 14, n. 37, p. 203-223, out. 2021.
- BRASIL TALIAN. *Perímetro urbano de Serafina Correa é sinalizado na língua TALIAN*. Disponível em: <https://web.archive.org/web/20190418024859/http://www.brasiltalian.com/2015/10/perimetro-urbano-de-serafina-correa-e.html>. Acesso em: 18 set. 2023.
- BRASIL. www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm Acesso em: 4 maio 2024.
- BOLOGNINI, Carmen Zink; PAYER, Maria Onice. Línguas de Imigrantes. *Cienc. Cult.* v.57, no.2 São Paulo Apr./June 2005.
- BORDIGNON, Simone. *Breve Histórico do Município de Paraí*. Disponível em: https://parai.rs.gov.br/pagina/78_Historia-de-Parai.html. Acesso em: 24 jan. 2024.
- BOTASSINI, Jacqueline Ortelan Maia. Crenças e atitudes linguísticas quanto ao uso dos róticos. *Signum. Estudos de Linguagem*, v. 12, p. 85-102, 2009.
- BOTASSINI, Jaqueline Ortelan Maia. *Crenças e atitudes linguísticas: um estudo dos róticos em coda silábica no Norte do Paraná*. 2013. 219f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Centro de Letras e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2013.
- BRASIL. *Decreto- Lei nº 406, de 4 de maio de 1938- Publicação Original*. Câmara dos Deputados. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decllei/1930-1939/decreto->

lei-406-4-maio-1938-348724-publicacaooriginal-1-pe.html Acesso em: 28 mar. 2023.

BRASIL. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) (Brasil) *Guia de pesquisa e documentação para o INDL: patrimônio cultural e diversidade linguística / Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*. Brasília-DF, 2016.

BRASIL. *Inventário Nacional de Diversidade Linguística*. IPHAN, 2014. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/indl> Acesso em: BRA 24 mar. 2023.

BRASIL. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. *Certidão*. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Certidao_%20Talian.pdf. Acesso em: 07 maio 2022.

BURKE, Peter. *Hibridismo Cultural*. São Leopoldo: CED. UNISINOS, 2003.

CARRARO, Fernanda Priscila. *Crenças e atitudes linguísticas: Um estudo sobre a língua espanhola como língua estrangeira*. Guarapuava-PR: [s.n], 2016.

CHOMSKY, Noam. *Novos Horizontes no Estudo da Linguagem e da Mente*. ANNA, Marco Antônio Sant' (tradutor). São Paulo: Editora UNESP, 2005.

CORREIA, Iago Salles Lobo. *Crenças e Atitudes lingüísticas na Educação Básica*. João Pessoa, 2022. 74 f.

COELHO, Lidiane Pereira; MESQUITA, Diana Pereira Coelho de. Língua, cultura e identidade: Conceitos intrínsecos e interdependentes. *ENTRELETRAS*, Araguaína/TO, v. 4, n. 1, p. 24-34, jan./jul. 2013 (ISSN 2179-3948 – online)

COMIOTTO, Ariela Fátima. Ensino de línguas minoritárias: uma revisão de literatura sobre o Talian. *Uniletras*.v.43.18347.2021

COELHO, Lidiane Pereira; MESQUITA, Diana Pereira Coelho de. Língua, cultura e identidade: Conceitos intrínsecos e interdependentes. *ENTRELETRAS*, Araguaína/TO, v. 4, n. 1, p. 24-34, jan./jul. 2013 (ISSN 2179-3948 – online)

CUNHA, Karine Marielly Rocha da; GABARDO, Diego. Talian: língua negada e (re)conhecida pelos descendentes vênets de Curitiba e região metropolitana. *Revista X*, v. 15, n. 6, p. 840-858, 2020.

CRUZ, Eder Barbosa. Os conceitos língua materna, primeira língua e língua estrangeira no campo do ensino-aprendizagem de línguas para o público surdo. Edição 118 JAN/23 *SUMÁRIO*, Linguística, Letras e Artes / 25/01/2023

DAMULAKIS, Gean. *Cooficialização de línguas no Brasil: características, desdobramentos e desafios*. Disponível em: <https://lefufrij.files.wordpress.com/2017/12/cooficializacao-de-lc3adnguas-no-brasil-versc3a3o-ii.pdf>. Acesso em: 24 jan. 2024.

DIAS, Luiz Antonio Xavier. Crenças e atitudes linguísticas no uso dos róticos de professores e professorandos de Jacarezinho - PR. *Entrepalavras*, Fortaleza - ano 4, v.4, n.2, p. 90-104, jul/dez 2014.

DIDÓ, Natália. *Paráí realiza Instalação de novo Memorial de Mateus Dal Pozzo, pioneiro do município*. Disponível em: https://parai.rs.gov.br/noticiasView/712_Parai-realiza-Instalacao-de-novo-Memorial-de-Mateus-Dal-Pozzo-pioneiro-do-municipio.html. Acesso em: 24 jan. 2024.

EDWARD, Luana. Língua ou Dialeto? Considerações sobre o estatuto da Língua de Imigração Alemã na Ciência Brasileira. *Linguagens-Revista de Letras, Artes e Comunicação* –ISSN 1981-9943 Blumenau, v. 13, n. 2, p. 269-288, maio/ago. 2019.

ETTO, Rodrigo Mazer; CARLOS, Valeska Gracioso. *Sociolinguística: O papel do Social na Língua*. Mosaico (Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas – UNESP): São José do Rio Preto, SP – Brasil, 2017.

FÁVERI, Marlene. *Memórias de uma (outra) guerra. Cotidiano e medo durante a Segunda Guerra em Santa Catarina*. 2002. 392 f. Tese (Doutorado em História Cultural) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2002.

FENNER, Any Lamb. *Crenças e atitudes linguísticas: um estudo comparativo de línguas em contato em duas comunidades do oeste paranaense*. Salvador, 2013.

FERNANDES, Alana. *Com talian como idioma co-oficial: Vila Flores, na Serra, se torna um município bilíngue*. *Jornal Pioneiro Geral*, 2022.

FERRAZ, Aderlande Pereira. O panorama lingüístico brasileiro: a coexistência de línguas minoritárias com o Português. *Filol. lingüíst. Port.*, n. 9, p. 43-73, 2007.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. São Paulo: Ed. Loyola, 1996.

FREITAG, Raquel Meister Ko. Sociolinguística no/do Brasil. *Cadernos de Estudos Linguísticos*- (58.3), Campinas, p. 445-460- set./ dez. 2016.

GILLIES, Ana Maria Rufino. *Os imigrantes da colônia do Assunguy-PR (1860-1880) no acervo do Arquivo Público do Paraná e outras histórias*. Anais eletrônicos do XXII Encontro Estadual de História da ANPUH- SP, Santos, 2014.

GRAFF, Deolí. *Dicionário de Luzzatto perpetua língua Talian*, 2020. Disponível em: <https://grupoahora.net.br/conteudos/2020/02/25/dicionario-de-luzzatto-perpetua-lingua-talian/>. Acesso em: 01 abr. 2023.

GUERNER, Alan de Hollanda Vieira; GILSA, Talita Von. A (re)construção da italianidade: A Festa Italiana da cidade de Ipumirim. *Revista Santa Catarina em História* – Florianópolis – UFSC – Brasil ISSN 1984-3968, v.9, n.1, 2015.

IBGE. *Nova Erechim*. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sc/nova-erechim/historico>. Acesso em: 31 out. 2023.

IOTTI, Luiza Horn. *Os estados brasileiro e italiano e a imigração italiana no RS*. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH • São Paulo, julho 2011.

KAUFMANN, Göz. Atitudes na sociolinguística. Aspectos teóricos e metodológicos. In: MELLO, Heliana; ALTENHOFEN, Cléo V.; RASO, Tommaso (org). *Os contatos linguísticos no Brasil*. Belo Horizonte: Editora UFMG ,2011. 482 p.

LABOV, William. *Padrões sociolingüísticos*. Trad. Marcos Bagno; Maria Marta Scherre; Caroline Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008 [1972].

LAGARES, Xoán, Carlos. *Qual política linguística: desafios glotopolítico contemporâneos*. São Paulo: Parábola, 2018.

Legislação Municipal de Nova Erechim/SC. Disponível em: <https://leismunicipais.com.br/a1/sc/n/nova-erechim/lei-ordinaria/2015/179/1783/lei-ordinaria-n-1783-2015-dispoe-sobre-a-co-oficializacao-da-lingua-do-talian-veneto-brasileiro-a-lingua-portuguesa-no-municipio-de-nova-erechim-sc?q=talian> Acesso em: 31 out. 2023.

LOREGIAN-PENKAL, Loremi; DAL CASTEL, Juvenal Jorge. A gramática do Talian: ação de salvaguarda da Língua de Referência Cultural Brasileira. In: VIEIRA, Marcia dos Santos

Machado; WIEDEMER, Marcos Luiz (org). *Saberes em Sociolinguística: trilhas, demandas e proposições*. São Paulo: Pá de Palavra, 2023.

LOREGIAN-PENKAL, Loremi; DAL CASTEL, Juvenal Jorge; Cucagna: Scola de Talian. In: BELONI, Wânia Cristiane; RIBEIRO, Simone Beatriz Cordeiro (orgs) *Pesquisas em Políticas Linguísticas e Ensino de Línguas*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2021. p.167-178.

LOREGIAN-PENKAL, Loremi; STIVAL-SOARES, Moisés Julierme. Centro de estudos Vênetos no Paraná, CEVEP: Histórico e principais ações em prol da salvaguarda do Talian. *Revista X*, v. 15, n. 6, p. 818-839, 2020.

MARQUES, Taciane Marcelle; BARONAS, Joyce Elaine de Almeida. Crenças e Atitudes Linguísticas na sala de aula. *Linguagem*, São Carlos, v. 24 (1): 2015.

MARTINY, Franciele Maria. Atitudes linguísticas em torno da língua de imigração e a sua (não) transmissão. *Entrepalavras*, Fortaleza, v. 7, p.297-313, ago./dez. 2017.

MAYWORM, Maria Clara Castellain. *Cooficialização de línguas em municípios brasileiros: Uma perspectiva à luz do Direito Linguístico*. Maria Clara Castellain Mayworm; Telma Cristina de Almeida Silva, orientadora. Niterói, 2021. 127 f. : il.

MELLO, Heliana. Formação do português brasileiro sob a perspectiva da linguística de contato. In: MELLO, Heliana; ALTENHOFEN, Cléo V.; RASO, Tommaso (org). *Os contatos linguísticos no Brasil*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011. 482 p.

MERGARDA, Elias José. *Gênese e evolução dos dialetos Trentino e Vêneto*. WORKING PAPERS EM LINGUISTICA, UFSC, N.5, 2001.

MORAIS, Mauri; LOREGIAN-PENKAL, Loremi. Crenças e atitudes em relação ao Talian. In: TEIXEIRA, Maria Cláudia; VENTURINI, Maria Cleci. *Anais XI Seminário de dissertações em andamento – SEDAN I Seminário de teses em andamento – SETAN IV fórum de autoavaliação do PPGL e III encontro de egressos do programa*. Guarapuava – PR, 2022. p. 197-202.

MORELLO, Rosângela. *Talian: protagonismo na luta pelo reconhecimento cultural e fortalecimento pela lei de cooficialização*, 2015. Disponível em: <http://ipol.org.br/talian-protagonismo-na-luta-pelo-reconhecimento-cultural-e-fortalecimento-pela-lei-de-cooficializacao/> Acesso em: 25 out. 2023.

MORENO FERNÁNDEZ, Francisco. *Principios de sociolingüística y sociología del lenguaje*. Barcelona: Ariel, 2009.

MOZILLO, Isabella; SPINASSÉ, Karen Puppi. Políticas linguísticas familiares em contexto de línguas minoritárias. *Linguagem & Ensino*, Pelotas, v. 23, n. 4, p. 1297-1316, out.-dez. 2020.

Museu Etnográfico da Colônia Maciel. *Imigração Italiana no Brasil*. Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/museumaciел/imigracao-italiana-no-brasil/> Acesso em: 17 jun. 2022.

NARDI, Jean Baptiste. *Línguas minoritárias e memória*. Resgate (13),2004. p.117-134.

NETO, José Borges. *Um capítulo da história da linguística: a semântica gerativa*. Disponível em: CAPÍTULO 6 (ufpr.br) Acesso em: 25 abr. 2024.

OLIVEIRA, Gilvan Müller de; ALTENHOFEN, Cléo V. O in vitro e in vivo na política da diversidade linguística do Brasil. In: MELLO, Heliana; ALTENHOFEN, Cléo V.; RASO, Tommaso (org). *Os contatos linguísticos no Brasil*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011. 482 p.

OLIVEIRA, Gilvan Müller de. Prefácio. In: CALVET, Louis-Jean. *As políticas linguísticas*. Tradução de Isabel de Oliveira Duarte, Jonas Tenfen, Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, IPOL, 2007.

- OLIVEIRA, Thiago Soares. A sociolinguística e a questão da variação: um panorama geral. *R. Letras*, Curitiba, v. 19, n. 25, p. 01-18, jan./jun. 2017.
- ORTALE, F. L. *A formação de uma professora de italiano como língua de herança: o Pós-Método como caminho para uma prática docente de autoria*. 2016. 162 f. Tese (Livredocência) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.
- PERON, Jornalista Desiderio. *Difusores do Talian de todo o Brasil se encontram em Nova Erechim-SC neste final de semana*. É o 23º Encontro do gênero. Disponível em: <https://www.insieme.com.br/pb/difusores-do-talian-de-todo-o-brasil-se-encontram-em-nova-erechim-sc-neste-final-de-semana/>. Acesso em: 31 out. 2023.
- PERTILE, Marley Terezinha. *O Talian entre o italiano-padrão e o português brasileiro: manutenção e substituição lingüística no alto Uruguai gaúcho*. Porto Alegre, 2009.
- PINHEIRO, Livia Melina; FINARDI, Kyria Rebeca; PORCINO, Maria Carolina. Políticas linguísticas e ensino de línguas minoritárias e majoritárias no Brasil: o caso do pomerano e do inglês como línguas estrangeiras. *Rev. EntreLínguas*, Araraquara, v. 5, n. 1, p. 121-141, jan./jun. 2019. E-ISSN: 2447-3529. DOI: 10.29051/el.v5i1.12790
- RASO, Tommaso; MELLO, Heliana; ALTENHOFEN, Cléo V. Os contatos linguísticos e o Brasil. In: MELLO, Heliana; ALTENHOFEN, Cléo V.; RASO, Tommaso (org). *Os contatos linguísticos no Brasil*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.
- RAJAGOPALAN, Kanavillil. Política linguística: do que é que se trata, afinal. In: NICOLAIDES, Christine et al. *Política e políticas linguísticas*. Campinas: Pontes, 2013.
- RIBEIRO, Patrícia Rafaela Otoni; LACERDA, Patrícia Fabiane Amaral da Cunha. Variação, Mudança e não mudança linguística: ressignificando o conservadorismo linguístico no português do Brasil. In.: *Revista Linguística*. Revista do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro. V 9, número 2, dezembro de 2013.
- ROCHA, Simone. *O poder da linguagem na Era Vargas: O brasileiro da imigrante*. Anais do 6º Encontro Celsul - Círculo de Estudos Linguísticos do Sul. Disponível em: http://www.leffa.pro.br/tela4/Textos/Textos/Anais/CELSUL_VI/Individuais/O%20PODER%20DA%20LINGUAGEM%20NA%20ERA%20VARGAS%20O%20ABRASILEIRAMENT%20DO%20IMIGRANTE.pdf Acesso em: 16 mar. 2023.
- RODRIGUES, Rômulo da Silva Vargas; MILANI, Sebastião Elias. O conceito de Linguagem de Benveniste. *Mediação*, Pires do Rio - GO, v. 10, n. 1, p.74-85, jan.- dez. 2015.
- ROSA, Maria Carlota. *As línguas brasileiras de imigração*. UFRJ, 2021. Disponível em: <https://linguisticaufrjcarlotablog.files.wordpress.com/2021/08/as-linguas-de-imigracao-v2.pdf>. Acesso em: 18 mar. 2023.
- ROSSA, Rosana Taís. *Crenças e atitudes lingüísticas de descendentes de italianos de Pinho de Baixo, Irati, Paraná*. Guarapuava: Unicentro, 2017.
- SALOMÃO, A. N. B. Variação e Mudança Linguística: Panorama e Perspectivas da Sociolinguística Variacionista no Brasil. In: *Revista Fórum Linguístico*, 2011.
- SANTOS, Miriam de Oliveira. *A Imigração italiana para o Rio Grande do Sul no final do século XIX*. Disponível em: <http://www.historica.arquivoestado.sp.gov.br/materias/anteriores/edicao09/materia01/texto01.pdf> Acesso em :15 nov. 2023.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. *Construindo as Epistemologias do Sul: Antologia Essencial. Volume I: Para um pensamento alternativo de alternativas* / Boaventura de Sousa Santos; compilado por Maria Paula Meneses... [et al.]. - 1a ed. - Ciudad Autónoma de Buenos Aires:

CLACSO, 2018.V. 1, 688 p.; 20 x 20 cm - (Antologías del Pensamiento Social Latinoamericano y Caribeño / Gentili, Pablo)

SAUSSURE, F. *Curso de Linguística Geral*. São Paulo: Cultrix, 2006.

SCHNEIDERS, Michele; BUSSE, Sanimar; SALVANI, Rafaella. Contato linguístico no Brasil: O que as pesquisas nos mostram? *Web-Revista SOCIODIALETO –NUPESD / LALIMU*, v. 11, nº 32, nov. 2020.

SEIFFERT, Ana Paula. *Línguas brasileiras de imigração faladas em São Bento do Sul (SC) estratégias para revitalização e manutenção das línguas na localidade*. UFSC. 2009.

SFREDDO, Juraci Maria. *O uso do Talian com base em quatro gerações de uma família ítalo-brasileira de chapecó: situação de contato linguístico*. Chapecó, 2018

SILVA, Daniel Marra da. *Origem e desenvolvimento das idéias linguísticas de William Labov*. 2009.

SMAHA, Edina. *Crenças e atitudes de jovens descendentes de ucranianos em relação à língua ucraniana e sua manutenção em Prudentópolis*. Guarapuava, 2018.

SOARES, Weber; MARQUES Denise Helena França; FARIA, Sérgio Donizete; REZENDE, Dimitri Fazito de Almeida. Italianos no Brasil: Síntese Histórica e predileções territoriais. *Fronteiras*, Dourados, MS, v. 13, n. 23, p. 171-199, jan./jun. 2011.

SOARES, Ivonete Nink; ROCHA, Patrícia Graciela da. Políticas linguísticas: entre a Cooficialização das línguas indígenas e a assimilação cultural. *Organon*, Porto Alegre, v. 38, n. 75, jan/julho. 2023.

SOUZA, Elizete Cristina de. *Crenças e atitudes de professores e alunos no Brasil e na Espanha, sobre variação linguística*. Brasília, 2012.

SPINASSÉ, Karen Pupp. Os conceitos Língua Materna, Segunda Língua e Língua Estrangeira e os falantes de línguas alóctones minoritárias no Sul do Brasil. *Revista Contingentia*, 2006, V. 1.

SPOLSKY, Bernard. Para uma Teoria de Políticas Linguísticas. *ReVEL*, v. 14, n. 26, 2016. Tradução de Paloma Petry. Revisão técnica de Pedro M. Garcez. [www.revel.inf.br].

STURZ, Eliana Rosa; FIEPKE, Rejane Beatriz. A política linguística da Era Vargas e seus efeitos na vida de descendentes de imigrantes alemães de Novo Machado-RS. *Revista Trimestral de Letras da Universidade do Estado do Pará*. Jan-Mar. 2017. ISSN Eletrônico: 2318-9746.

TRESSMANN, Ismael. *Bilinguismo no Brasil: O caso da Comunidade Pomerana de Laranja da Terra - ES*. Associação de Estudos da Linguagem do Rio de Janeiro (ASSEL-Rio). Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro. 1998.

VERDI, Taísa. *A terra do galo que canta: o festival de Vindimas da Canção Popular de Flores da Cunha, Rio Grande do Sul*, 2020.

VÖLZ, Lisandro Miritz; LIMBERGER, Bernardo Kolling. Acesso lexical em língua minoritária: a seleção de palavras escritas em hunsriqueano e pomerano. *Revista Linguagem em Foco*, Fortaleza, 2022. CEV. 13 n. 4 ISSN 2674-8266.

Talian. Disponível em: <http://www.serafinacorrea.rs.gov.br/talian>. Acesso em: 13 set. 2023.

Placas em Talian. Disponível em: <http://www.serafinacorrea.rs.gov.br/site/noticia/?gCdNoticia=453838> Acesso em: 18 set. 2023.